

Elisabete do Rosário Mendes Silva

# **Nação e Patriotismo na Ensaística de George Orwell**

Lisboa  
2003

Elisabete do Rosário Mendes Silva

# **Nação e Patriotismo na Ensaística de George Orwell**

Dissertação de Mestrado em Estudos Anglísticos (Cultura Inglesa)  
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientada  
pelo Professor Doutor Júlio Carlos Viana Ferreira

Lisboa  
2003

## **Agradecimentos:**

A elaboração deste trabalho contou com a colaboração, directa ou indirecta, de pessoas a quem deixo aqui os meus sinceros agradecimentos.

Ao Professor Doutor Júlio Carlos Viana Ferreira, pela orientação do presente trabalho, pelo acompanhamento permanente ao longo do processo de elaboração da tese, pelo grande empenhamento, rigor e disponibilidade sempre demonstrados, pelo esclarecimento de dúvidas e pelas sugestões e indicações prestadas e, sobretudo, pelo seu perfil humano e profissional.

À Cecília Figueiredo, pela cedência de bibliografia e pelas conversas proveitosas sobre Orwell.

Ao Professor Stephen Ingle pela amável disponibilidade demonstrada em facultar duas comunicações sobre Orwell pertinentes para este trabalho.

A todos os professores da parte curricular do Mestrado, pelo grande profissionalismo, pela abertura de espírito e pelo incentivo para explorar a cultura inglesa.

À minha família pelo incansável apoio e estímulo.

## ÍNDICE

<b>1. Introdução</b> .....	pág. 1
<b>2. A Grã-Bretanha de 1900 a 1950</b> .....	pág. 4
2.1. A Grã-Bretanha e a Europa .....	pág. 4
2.2. Economia e Sociedade de 1900 a 1950 .....	pág. 8
<b>3. George Orwell: Vida e Obra</b> .....	pág. 24
3.1. George Orwell: Reputação e Legado .....	pág. 24
3.2. Facetas de Orwell .....	pág. 35
<b>4. Nação e Patriotismo na Ensaística Orwelliana</b> .....	pág. 53
4.1. A Ideia de Nação e suas Expressões Simbólicas .....	pág. 53
4.2. Patriotismo e Nacionalismo .....	pág. 66
4.3. <i>The Lion and The Unicorn</i> e a questão da “Englishness” .....	pág. 72
4.3.1. 1940 e <i>The Lion and the Unicorn</i> .....	pág. 72
4.3.2. “Englishness” e “Britishness” .....	pág. 77
4.3.3. <i>The Lion and the Unicorn</i> e o Socialismo .....	pág. 85
<b>5. O Espaço e o Tempo para uma Revolução Social</b> .....	pág. 92
5.1. O Socialismo de Orwell: uma Nova Proposta Social .....	pág. 92
5.2. A Ensaística de Orwell como Propaganda .....	pág. 107

**6. Conclusão** .....pág. 122

**Notas** .....pág. 125

**Bibliografia** .....pág. 141

    Primária .....pág. 141

    Secundária .....pág. 141

    Geral .....pág. 143

    Outras Fontes .....pág. 152

## 1. Introdução

George Orwell tornou-se um escritor conhecido pelo público e reconhecido pelos críticos através das suas obras mais famosas, *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty Four* (1949). Escritas já no final da sua vida, estas obras alcançaram um sucesso assinalável representando notáveis marcos políticos e literários. Expressões como “Big Brother”, “Newspeak” ou “doublethink” facilmente entraram na linguagem, usadas em diferentes contextos, em diversos países. Para Timothy Garton Ash, Orwell representa o escritor político mais influente do século XX:

(...) Orwell is the most influential writer of the twentieth century. His friend Arthur Koestler certainly does not compare. Who else? Popper? Hayek? Sartre? Camus? Brecht? Aron? Arendt? Berlin? In the 1970s, Solzhenitsyn probably had a greater political impact than any of these. Yet long before Solzhenitsyn, and for much longer – from 1945 to 1990, for the whole span of the cold war – Orwell was read throughout what we then called “the West” as the supreme describer of totalitarianism in general, and soviet totalitarianism in particular.<sup>1</sup>

Aclamado como um escritor que denunciou e compreendeu a verdadeira essência do mundo soviético, Orwell revelou-se uma leitura indispensável em todo o mundo. Todavia, o seu legado literário não se cinge apenas a estas obras de renome mundial que se revelam insuficientes para o conhecimento mais aprofundado do autor, enquanto homem e escritor. Orwell escreveu outras obras que constituem igualmente etapas cruciais na sua formação de escritor. Redigiu ainda artigos, críticas literárias, críticas a filmes, comentários de guerra, discursos radiofónicos e ensaios. Do seu espólio fazem também parte as cartas que revelam muito da sua personalidade e constituem importantes testemunhos da sua vida.

Enquanto ensaísta, Orwell mereceu um lugar de destaque, uma vez que muitos dos seus ensaios constituíram críticas mordazes e conscientes da situação de crise que a Inglaterra vivia nos anos trinta e quarenta do século XX. Segundo Peter Marks, Orwell alcançou o estatuto de ícone cultural, não apenas devido a *Animal Farm* e *Nineteen Eighty Four*, que contribuíram em muito para a criação desse mito, mas também devido à sua obra ensaística:

Orwell's essays also contribute significantly, and the writer enjoys an honored place in the pantheon of essayists.<sup>2</sup>

Dotado de um profundo conhecimento do carácter do povo inglês, convivendo com as classes mais desfavorecidas e partilhando angústias e ansiedades, Orwell partiu dessas experiências para denunciar nos seus ensaios situações reais. Segundo Bernard Crick, o objectivo último de Orwell consistia no relato da (pretensa) verdade dos acontecimentos. Para isso, adoptou um estilo simples com o intuito de chegar ao leitor comum e para contar as tais verdades:

His chosen public was not the professional middle class or the intelligentsia but that lower-middle class who had only secondary education, together with self-educated working class.<sup>3</sup>

Para Crick, um ensaio constitui uma forma de escrita específica e peculiar. Com objectivos morais, didácticos e até propagandísticos, o ensaio especula e questiona, como se o autor estivesse a pensar em voz alta, cativando o leitor para os factos e evidências apresentados de uma forma mais pessoal do que objectiva. A pretensa base em experiências reais mais não representava do que uma convenção literária dos anos trinta, uma estratégia para convencer e guiar o leitor para determinados sentidos.<sup>4</sup>

Os ensaios de Orwell abarcam uma variedade enorme de temas. Desde a política até a simples reflexões sobre assuntos relacionados com literatura infantil, entretenimento ou com aspectos comuns do dia a dia, passando pelo relato de episódios autobiográficos, os ensaios constituíram tentativas bem sucedidas de estudar a cultura popular de uma forma séria e rigorosa. Orwell revelou conhecer o seu público, usando a astúcia da escrita para o conquistar:

He was (...) an "elastic brow", matching his expertise in literature with an informed knowledge of pulp fiction, boys' comics and saucy seaside postcards. Indeed he was a pioneer of the study of popular culture and thus of social history. In short he was surely one of the most remarkably broad-sighted and acute historical witnesses of our country and our world in the first half of the twentieth century.<sup>5</sup>

O objectivo principal desta tese consiste, precisamente, na análise mais alargada e pormenorizada dos ensaios, sobretudo políticos, que o autor escreveu. Por isso, *Animal Farm* e *Nineteen Eighty Four* não constituíram objecto de especial atenção. Partindo de um ensaio central (considerado como um ensaio mas, em rigor, um texto panfletário), *The Lion and the Unicorn*, alargaremos a análise para outros ensaios também pertinentes para o nosso estudo, nomeadamente: “Why I Write”; “My Country Right or Left”, “Notes on Nationalism”, “The Prevention of Literature”, “The English People”, “Politics and the English Language”, “What is Socialism”, “Wells, Hitler and the World State”, “Looking Back on the Spanish War”, “Poetry and the Microphone”, “Writers and Leviathan” e “Inside the Whale”. Será, no entanto, inevitável a referência a outros ensaios de menor importância política e a outras obras do autor sempre que se revele oportuno.

Propomo-nos, desta forma, demonstrar a tomada de consciência por Orwell da importância do tempo e do espaço em que se insere, enquanto contexto propício para uma nova proposta social. Para Orwell, conceitos como nação e patriotismo faziam parte de uma cultura popular genuína ou, pelo menos, o autor apresenta-os com a pretensão de os descrever como parte de uma cultura popular genuína. É a centralidade destes conceitos que leva o autor a integrá-los na sua estratégia política, reequacionando-os. Destacando o programa socialista de Orwell, tentaremos avaliar a pertinência e inovação das medidas por ele apresentadas no contexto histórico, sociopolítico e intelectual da época em que escreve. Pretendemos ainda demonstrar como a obra *The Lion and the Unicorn* e os ensaios mencionados contribuíram para uma valorização excessiva, ou não, destes conceitos e ainda para a criação de mitos em tempo de crise.

Para Orwell, o acto de persuasão assentava no sentimento nacional, servindo de móbil para a difusão dos seu programa. Proporemos, desta forma, a tese de que os ensaios representavam textos propagandísticos da sua mensagem social e política, na medida em que, de um modo positivo, constituíam veículos transmissores da verdade. Orwell tinha uma causa a defender, um programa a pôr em prática. Só assim se justificava a mobilização da sua escrita para servir essa mesma causa.

Será, desta forma, que demonstraremos as peculiaridades e a diferença específica da visão orwelliana da sociedade e do Estado no contexto da cultura política da Europa da primeira metade do século XX.

## 2. A Grã-Bretanha de 1900 a 1950

### 2.1. A Grã-Bretanha e a Europa

É um truísmo afirmar que o século XX foi palco de duas guerras mundiais que desencadearam grandes mudanças a todos os níveis na Europa e no resto do mundo. No entanto, nunca é demais acrescentar que este período contribuiu para que os governantes de alguns países, nomeadamente da Grã-Bretanha, da França e da Alemanha, tomassem consciência da sua respectiva posição dentro do espaço europeu e mundial.

Segundo Michael Howard, no virar do século XIX para o século XX, dois acontecimentos deixavam antever o fim da hegemonia colonial europeia. Em 1898, os Estados Unidos destruíram o Império espanhol, e, mais tarde, em 1904, devido à rivalidade pela posse da Coreia e da Manchúria, começou a guerra entre o Japão e a Rússia. Na opinião deste autor, o receio de uma liga de superpotências que fosse subjugar os países mais fracos serviu para justificar muitos dos conflitos europeus a que assistimos na primeira metade do século XX.<sup>1</sup>

A Grã-Bretanha fazia parte integrante desta liga de superpotências. Assumia em 1900 um estatuto de potência mundial, cujas colónias ocupavam um quarto do globo terrestre. Apresentava, contudo, fraquezas que se iriam acentuar no iminente conflito com a Alemanha, que muitos autores denominaram de guerra silenciosa.<sup>2</sup> A este propósito, David Reynolds apresentou a seguinte analogia:

What Rosebery in 1909 called a 'silent warfare' in naval building between Britain and Germany has many similarities with the later cold war between America and Russia.<sup>3</sup>

A Alemanha que em 1870 não existia como uma nação, trinta anos depois constituía a mais forte potência europeia, tanto a nível económico como militar.<sup>4</sup> Os grandes trunfos da Alemanha consistiam na indústria e na economia que lhe iriam conferir um poder superior ao da Grã-Bretanha, começando desde logo a envidar todos os esforços para se fazer notar como tal. A Alemanha, pioneira numa nova revolução tecnológica baseada na electricidade e em químicos industriais, acreditava que merecia o estatuto de *Weltmacht*, ou seja, de potência mundial e faria tudo para o conseguir.<sup>5</sup>

Em 1907 começou já, inevitavelmente, a desenhar-se o caminho para a guerra de 1914, estando a Grã-Bretanha, a França e a Rússia unidas na luta contra a Alemanha:

Indeed by the time the historian reaches 1907, it is tempting to see the road to 1914 stretching out ahead – the triple entente with France and Russia clearing out the way for war with Germany.<sup>6</sup>

Para a Grã-Bretanha era extremamente importante ter a França e a Rússia como aliadas uma vez que essas nações representavam uma ameaça para a possessão das colônias britânicas, particularmente em África e na Ásia; portanto, para manter em segurança os domínios da *Commonwealth*, necessitou reforçar as suas relações diplomáticas com as potências já mencionadas. Por outro lado, em caso de guerra, o poderio militar das nações aliadas iria colmatar algumas lacunas que a Grã-Bretanha reconhecidamente apresentava, tais como deficiências a nível das forças armadas terrestres.

Apesar de em 1913 a Grã-Bretanha continuar a ser a primeira potência comercial da Europa e do Mundo, Bernard Broz e Anthony Rowley caracterizaram o período entre 1903 e 1913 como uma espécie de excelente ponto de equilíbrio entre o apogeu de uma supremacia mundial e o início do seu simultâneo declínio, a par do desenvolvimento dos seus principais concorrentes, a Alemanha e os Estados Unidos da América.<sup>7</sup>

1914 trouxe consigo outra crise, uma crise que germinava no interior dos domínios europeus e que nada tinha a ver com as dissensões coloniais. O colapso do Império Otomano e a constante ameaça do nacionalismo eslavo sobre o Império Austro-Húngaro foram os acontecimentos que acenderam o rastilho na grande cadeia de eventos que culminou na Primeira Grande Guerra Mundial.<sup>8</sup> Por conseguinte, a queda das monarquias dos Romanov na Rússia e dos Habsburgos no Império Austro-Húngaro deixaram a Europa Central e de Leste numa manta de retalhos de ideologias e nacionalidades. Novas nações nasceram e a Rússia e os Estados Unidos afirmaram-se como potências mundiais, divididas por dois sistemas antagónicos. Na Europa Ocidental, só a França e a Grã-Bretanha permaneceriam intactas até 1918, sendo o seu império e riquezas mais tarde destruídos na Segunda Guerra Mundial.

Se, contudo, no início do século XX, a Grã-Bretanha implementava cada vez mais medidas proteccionistas para evitar o desmantelamento do seu Império, a guerra de 1914 veio agravar a situação, com consequentes assédios de potências rivais que disputaram a

sua riqueza colonial e que, a longo prazo, podem ser vistos como causas da perda do poderio britânico.<sup>9</sup>

Depois de a Grã-Bretanha ter saído vitoriosa na Primeira Guerra Mundial, os anos seguintes foram tempos de frustração e incerteza relativamente ao futuro. Por conseguinte, a procura de estabilidade e de segurança constituíram as questões mais prementes no programa do governo britânico do pós-guerra.

Em 1918, a Grã-Bretanha parecia ter ditado as regras para a manutenção dos seus interesses imperiais e o caminho para a paz parecia estar delineado. Contudo, em 1924, novos receios surgiram devido à existência de feridas não totalmente saradas.

Na Europa vivia-se, assim, um ambiente de desencanto político:

(...) in Europe, Britain and France had become disenchanted with one another, the Bolsheviks triumphed in the Russian civil war, Italy had become fascist, Germany had neither been placated nor fatally weakened, and there was no stable balance of power (...) The war to end all wars had simply generated new uncertainties and fears.<sup>10</sup>

O legado britânico da Primeira Guerra Mundial resultou, portanto, num declínio económico, no fim do Império e no conseqüente início da sua descolonização.

Na viragem do século XIX, o Império britânico era uma extraordinária mescla de territórios e pessoas caracterizados pela diversidade, mas unidos pela mesma bandeira. Esta heterogeneidade de culturas tornava difícil discernir um sistema imperial único.

As complexidades que a Índia manifestava, as aspirações de uma autonomia governamental das colónias e o subdesenvolvimento de alguns Estados de África constituíam apenas alguns ingredientes que revelavam a fragilidade na manutenção do Império por parte dos britânicos.<sup>11</sup>

A guerra viria somente a acelerar o processo de autonomia nos domínios britânicos e acalantar sentimentos nacionalistas. Além disso, as duas guerras mundiais revelaram-se muito dispendiosas para a Grã-Bretanha que teve que se socorrer dos recursos do Império. Conseqüentemente, os territórios coloniais contribuíram com os seus homens para combater na linha da frente, em nome do Império britânico. Por outro lado, a economia da Índia e dos outros domínios foi galvanizada com êxito para a Primeira Guerra.<sup>12</sup>

Todavia, o esgotamento dos recursos das colónias acentuou a desintegração do Império e iniciou o processo do nascimento da *Commonwealth*.<sup>13</sup>

O preço a pagar revelava-se insustentável para os britânicos:

Food shortages, pervasive inflation and firmer British control – all the results of the wartime demand for labour and raw materials – fuelled discontent, and the summer of 1919 saw large-scale newly-organised nationalist challenges in India, Egypt and Mesopotamia which were put down only at considerable violence and expense.<sup>14</sup>

A Guerra Mundial que se seguiu em 1939 veio modificar profundamente a posição económica, internacional e imperialista da Grã-Bretanha. Esta não estava de todo preparada para um segundo confronto e a ameaça de um ataque aéreo constituía o seu maior temor, uma vez que a localização geográfica, traduzida na rápida travessia do canal, permitia um fácil acesso da força aérea alemã.

A Alemanha, embriagada com sonhos de domínio territorial e seduzida por postulados germânicos que defendiam a prevalência da raça ariana sobre todas as outras, pretendia, mais uma vez, mostrar ao mundo a sua força. Malcolm Smith descreveu a ascensão de Hitler e do partido da extrema direita ao poder da seguinte forma:

Just as importantly, Germany did not believe she had been defeated. There had been no Waterloo this time. Germany had sued for an armistice in 1918, but she had certainly not surrendered.(...) Nascent social democracy in Germany had to carry the burden of the peace terms, which may have crippled Weimar from the start. But by the end of the 1920s, social democrats looked capable of beating the challenge from the political extremes, and were also beginning to win sizeable concessions from the allies, at Locarno and over reparations. Then the depression hit, fatally undermining Weimar and shifting power to the Far Right.<sup>15</sup>

O espectro do comunismo e a ideologia fascista ameaçavam, de facto, destruir completamente os valores democráticos. Para agravar a situação, sinais antidemocráticos grassavam a uma escala preocupante em todas as nações europeias. Em 1940, Hitler, numa Alemanha fortalecida, divulgava e fazia cumprir os princípios da doutrina nazi. Por sua vez,

Mussolini mantinha contactos estreitos com os seus homólogos germânico e soviético, pois encontrava neles algumas afinidades políticas e interesses comuns. A Espanha tinha acabado de viver momentos angustiantes durante a guerra civil e a Grã-Bretanha estava céptica em relação à sua sobrevivência neste conflito. Não fora o ataque de *Pearl Harbour* em 1941 perpetrado pelo Japão contra os Estados Unidos e as potências democráticas da Europa teriam sido engolidas pelo fascismo. A partir daquele momento, os Aliados puderam contar com o apoio logístico das forças armadas norte-americanas.

Todo este panorama, ainda que descrito de uma forma sumariada, antevia a globalização do conflito que iria ter consequências também mundiais.

As guerras no século XX significaram, de facto, o grande motor da mudança social, mais do que o desemprego e mais do que as actividades políticas proporcionadas pelas contendas. As guerras afectaram ainda todos os aspectos da vida britânica. Passando por conflitos políticos, depressões económicas e posterior recuperação, assistimos ao nascimento de uma nova sociedade moldada pelas condições que os conflitos bélicos providenciaram.

## 2.2. Economia e Sociedade 1900 a 1950

A experiência britânica nas duas guerras deixou marcas profundas a todos os níveis. Economicamente, a Grã-Bretanha viveu períodos de crise, presenciando uma alteração em toda a economia; socialmente, assistiu-se a uma modificação na estrutura da sociedade e a inovações sociais impulsionadas pela guerra.

Não obstante, os problemas sociais e económicos que a Grã-Bretanha enfrentava dentro do seu território existiam mesmo antes do início da Primeira Guerra Mundial. Hobsbawm classificou a economia da Grã-Bretanha das primeiras décadas do século XX como parasita em vez de competitiva, vivendo à custa do Império e da riqueza acumulada durante todos os anos de colonialismo. Nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha vivia uma atmosfera de tensão, de desnorteio e, principalmente, de colapso político.<sup>1</sup>

Assim, algumas das maiores mudanças na economia internacional depois da guerra foram consequência, essencialmente, de decisões políticas. A Grã-Bretanha foi afectada deste modo pelas políticas nacionalistas de países como a Hungria e a Polónia, novos

Estados criados com a queda do Império Austro-Húngaro, que optaram por criar barreiras alfandegárias, de forma a beneficiarem as suas próprias nações.<sup>2</sup> A prosperidade que o período vitoriano gozou sofreu danos irreparáveis entre o período das duas guerras. A ruína das indústrias tradicionais era também a desgraça de milhões de homens e mulheres que ficavam sem emprego e, como tal, sem um meio de subsistência num país em crise. As marcas da pobreza, da ansiedade e do medo marcaram decisivamente as décadas de vinte e trinta, deixando um rasto de mudança em todas as classes sociais:

But the inter-war crisis was not merely a British Phenomenon, the decline of a former industrial world champion, all the more sudden and sharp for having been delayed for decades. It was the crisis of the entire liberal world of the nineteenth century, and therefore British Trade and Finance could no longer regain what British Industry lost.<sup>3</sup>

Desta forma, a fraqueza da economia internacional, a queda maciça dos preços e o desequilíbrio entre a procura e a oferta dos produtos foram algumas das razões que levaram à crise mundial de 1929.<sup>4</sup>

Também a Grã-Bretanha não conseguiu sair ilesa desta crise que significava a crise das indústrias de exportação, principalmente dos têxteis e das minas, o declínio do excedente comercial e o conseqüente endividamento em relação aos Estados Unidos.<sup>5</sup>

Na realidade, a economia britânica caracterizada pelos frequentes contrastes e paradoxos ocasionais, revelara já sinais de fraqueza competitiva na década antes da Primeira Guerra Mundial. Os anos que antecederam 1914 foram, de facto, em termos económicos, pouco auspiciosos.

Todavia, as grandes indústrias da Revolução Industrial, têxteis, ferro e aço, carvão e engenharia dominavam ainda as exportações. Os sectores de serviços produziram também um grande rendimento para a economia mundial que fixara as suas bases em Londres. Além disso, os investimentos internacionais tiveram um peso de oito por cento na receita anual antes de 1914. A guerra de 1914-18 quebrou, assim, a ordem económica internacional e desorientou as bases do comando das finanças e do comércio liderado pela Grã-Bretanha.<sup>6</sup>

A contínua estagnação das indústrias e de regiões como Clydeside, Lancashire e South Wales, resultou no desemprego que atingiu famílias inteiras. O aumento do desemprego em massa determinou, portanto, uma alteração enorme na ordem política e

social estabelecida. Na Inglaterra, assim como em todo o Reino Unido, houve duas fases de desemprego, 1921-22 e 1929-33, ambas seguidas de uma significativa recuperação apesar de parcial.<sup>7</sup>

De facto, a crise económica traçou ainda o destino do segundo Governo Trabalhista. Em 1929, quando o Partido Trabalhista chegou ao poder, o desemprego era já a questão primordial. O Governo, como não tinha nem um plano para uma transformação socialista nem maioria parlamentar, culpou o sistema capitalista que serviu como um alibi para a inoperância dos Trabalhistas.<sup>8</sup> O Governo teve então necessidade de implementar medidas para colmatar as lacunas existentes na sociedade britânica e para minorar o sofrimento de milhões de pessoas.

Foram, assim, tomadas medidas para melhorar a situação calamitosa que a Grã-Bretanha vivia:

The Government devoted most of its efforts to the administration of various forms of welfare provision which were designed to mitigate the social consequences of unemployment until economic conditions improved. The most important form of welfare service for the unemployed was the unemployment benefit system, but unemployed workers and their families also relied heavily on the Poor Law, the municipal welfare services, private charities and more informal systems of family and community support.<sup>9</sup>

Com a introdução da Lei dos Pobres (*Poor Law*) muitas famílias viram o seu sofrimento diminuído. No entanto, a situação precária das famílias numerosas mantinha-se. Muitas delas não tinham sequer um tecto onde se pudessem abrigar, daí a necessidade de novos projectos de habitação para albergar os sem-abrigo.<sup>10</sup>

A Lei do Desemprego de 1927 (*Unemployment Act*) beneficiava também os desempregados com uma espécie de subsídio de desemprego. Contudo, em 1931 já se exercia algum controlo na gestão desses subsídios. A Lei das Anomalias (*Anomalies Act*) criada em 1931 tinha precisamente como objectivo penalizar os que não procuravam emprego e excluía muitas mulheres casadas e trabalhadores sazonais ou a trabalhar em regime parcial.<sup>11</sup>

Verificou-se ainda uma grande mobilidade da população do campo para a cidade na esperança de encontrar melhores condições de vida e de trabalho. A crise económica

afectou também a Escócia e o País de Gales, obrigando principalmente a classe trabalhadora a migrar para a Inglaterra. Todavia, esta gente teria de se confrontar com uma cultura diferente:

To migrate from the North to the South or from Wales to the Midlands was also to migrate to a different social environment; from a religious culture (...) which tended to be nonconformist to one which tended to be Anglican; from a political cultural sympathetic to the Labour Party and Trade Unions to one then not sympathetic to them. Migrants (...) often faced hostile natives who felt they undercut wages and took jobs. (...) In Oxford (admittedly an extreme antithesis) migrants were astonished at the dress and behaviour of the undergraduates, while the Welsh were sometimes taunted by local youths who tried, *inter alia*, to compel them to sing God Save the King.<sup>12</sup>

A elevada taxa de desemprego entre as duas guerras foi intensamente regional no seu impacto. Algumas zonas da Escócia e do País de Gales sentiram também as marcas do desemprego. A Lei de 1934 (*Special Areas Act*) criou medidas de ajuda nas zonas mais afectadas, disponibilizando dois milhões de libras, mas mostrou-se incapaz de resolver o problema.<sup>13</sup>

Infelizmente, a maior parte das pessoas viu-se forçada a viver em bairros de lata, situação já verificada a partir dos primórdios do século XIX, em consequência da Revolução Industrial. Assim, a situação não melhorou muito desde os primórdios da Revolução Industrial até aos anos trinta do século XX. Obviamente não podemos generalizar esta situação a todo o povo britânico, tendo que ter em conta a especificidade de cada época. Se a Revolução Industrial veio provocar alterações radicais no modo de vida das pessoas, também as guerras foram o móbil de modificações profundas na sociedade britânica. As crises económicas de que a Grã-Bretanha foi vítima provocaram, assim, uma grande instabilidade económica que se reflectiu, inevitavelmente, numa crise social.

Porém, ao contrário do que aconteceu noutros países industrializados, a Grã-Bretanha não sofreu tanto as consequências da crise de 1929 como os Estados Unidos e a França, por exemplo, devido à não imposição de novos impostos e à manutenção dos preços de produtos de primeira necessidade. Estas decisões permitiram, de alguma forma, evitar o colapso financeiro.<sup>14</sup>

Contudo, a Grã-Bretanha não conseguiria evitar uma crise política perante o desemprego e o défice orçamental. Além disso, a falência do sistema bancário alemão afectou o mercado monetário britânico, embora os bancos britânicos não tenham chegado a fechar as suas portas. A maior ameaça para a estabilidade financeira vinha do exterior, durante a crise bancária internacional em 1931.<sup>15</sup>

Em 1931, o desemprego atingia os 2,5 milhões, resultando num défice orçamental considerável. As reservas de ouro iam sendo esgotadas e a libra tornava-se mais vulnerável. A Grã-Bretanha teve então necessidade de pedir um empréstimo de 800 milhões de libras para, dessa forma, tentar equilibrar o orçamento e devolver fiabilidade à libra.<sup>16</sup>

A Segunda Guerra Mundial criou, de facto, uma linha divisória na história da Grã-Bretanha relativamente a aspectos socioeconómicos e políticos:

Before it, the slump, the economics of the gold standard and the politics of a conservative hegemony. After it, full employment, the economics of Keynes, and the politics of a welfare state constructed by Labour (...). Before the Second World War, the British class system seemed more than ever firmly set in its grim contours of privilege and privation, upper class glitter and working-class endurance, 'them' and 'us'.<sup>17</sup>

Surgiu, nesta altura, o conceito de intervenção do Estado na economia para reduzir o desemprego. Esta ideia surgiu de J.M. Keynes em 1936 que, com o seu livro *The General Theory of Employment, Interest and Money*, apresentou inovações de política económica. A mais importante afirmação da teoria de Keynes era a de que a economia deveria manter-se equilibrada perante altas taxas de desemprego. Os métodos keynesianos forçaram os governos a pensar em termos macro-económicos e criaram um Estado mais intervencionista.<sup>18</sup>

Contudo, os governos britânicos não adoptaram as ideias de Keynes durante a depressão económica. Só em 1944 o governo de Churchill seguiu a teoria keynesiana, assumindo a responsabilidade de baixar os números do desemprego.<sup>19</sup>

O Relatório Beveridge, escrito por William Beveridge em 1942, constituiu também outro marco importante na tentativa de resolução dos problemas económicos e sociais provocados pelas guerras. Beveridge propôs um esquema unificado de segurança social para abolir os quatro gigantes da necessidade: doença, miséria, ignorância e preguiça. Sugeriu ainda a criação do Serviço Nacional de Saúde e de pedidos de subsídio por parte

das famílias mais carenciadas. Em suma, o Relatório Beveridge apresentava uma política económica direccionada para evitar o desemprego.<sup>20</sup>

O governo de Attlee adoptou estas propostas implementando a Lei do Seguro Nacional em 1946 (*National Insurance Act*) e estabelecendo o Serviço Nacional de Saúde em 1948. Seguiu-se posteriormente um período de nacionalizações que visavam um maior controlo do Estado que, por sua vez, significava controlo do desemprego. Assim, o Banco de Inglaterra e a Aviação Civil foram nacionalizados em 1946, as minas de carvão e a electricidade em 1947 e os caminhos de ferro, gás e transportes rodoviários em 1948. As indústrias do ferro e do aço sofreram esta alteração apenas em 1949.<sup>21</sup>

Regressando ao período posterior a 1918, importa sublinhar que a importância da intervenção do Estado, a existência de um monopólio capitalista, de novos métodos de produção em massa e de desenvolvimento tecnológico constituíram factores determinantes para a modificação de hábitos de vida. Hobsbawm chamou-lhe todo um novo modo de vida, tendo a revolução tecnológica criado uma renovada dimensão de vida entre as guerras:

In addition to the traditional and declining music-hall and the equally old-fashioned but expanding 'palais-de-danse', two technological original forms of entertainment triumphed after 1918: radio and cinema. Of these the first was more revolutionary than the second, for it brought round-the-clock entertainment ready-made into people's actual homes for the first time in history (...).<sup>22</sup>

De facto, os novos meios de comunicação, juntamente com a imprensa, revelaram-se importantíssimos não só na propaganda de episódios de guerra mas também no esclarecimento e, muitas vezes, na exposição de factos até então desconhecidos das condições de vida do povo britânico. Nos anos trinta, por exemplo, a existência de bairros de lata foi dada a conhecer através dos jornais e da rádio.

A consciência social e o reconhecimento das difíceis condições de vida por que grande parte dos britânicos passava, não sendo um produto da Segunda Guerra Mundial, sentiu-se nesta altura com maior intensidade:

But the depression between the wars frightened members of the ruling class even more than it touched their consciences. They feared for their

own standard of living (which they were apt to confuse with the wealth of the nation) and they were as much afraid of the poor as sorry for them. So they nailed their slogans to the mast of orthodox economics, demanded reduced expenditure even if it meant wage cuts, imposed heavy import duties to keep prices up and opposed schemes for the relief of poverty as utopian and a threat to the value of sterling, which, by inverting their priorities, they regarded as more vital than finding work for the unemployed.<sup>23</sup>

A guerra determinou esta instabilidade económica e emocional de duas formas. Por um lado, obrigou as pessoas a saírem da ignorância relativamente ao que se passava em redor, uma vez que em tempo de guerra todas se uniram, quer a combater, quer nas áreas que acolhiam as pessoas evacuadas. Por outro, a necessidade de ver toda a gente envolvida na defesa da pátria, fez com que o governo se preocupasse essencialmente com a saúde e a moral de toda a nação. Houve ainda por parte do governo um esforço na provisão de comida, de alojamento e de serviços médicos, tentando justificar moralmente a guerra, ou seja, fazer sentir às pessoas que as dificuldades do presente resultariam em melhores condições de vida no futuro.<sup>24</sup>

A noção de que a guerra intensifica e simplifica emoções é já um dado adquirido e comprovado. Devido à pressão do inimigo sentida pela Grã-Bretanha, o povo britânico viveu uma experiência em que as emoções se reforçaram e a união entre todas as classes foi, nesta altura, redobrada. A estrutura hierarquizada da sociedade sofreu assim um abrandamento, ou seja, apesar de a diferença de classes se fazer sentir, um sentimento de partilha e de adesão foi fortemente estimulado no período da Segunda Guerra Mundial. A nível militar, verificou-se uma comunicação mais próxima entre governantes e governados. Do ponto de vista social, a guerra acalentou o desejo comum a todas as classes de uma vida melhor.

Tornava-se, portanto, inevitável a tentativa de ascensão por parte da classe trabalhadora, enquanto que a classe média tentaria manter as diferenças sociais que a distinguiam das pessoas dos estratos mais baixos da sociedade.

Contudo, a classe alta representava ainda a riqueza e o sucesso:

(...) their activities, public demeanour, their hold on much of the public mind, helped to legitimate the social esteem on whose summit they

perched. The England of this period was to a considerable extent their creation, and to understand it we must understand them.<sup>25</sup>

A atenção dada à sociedade pela Imprensa tornou conhecido todo um mundo de *glamour* e poder que caracterizava a classe alta. A composição da alta sociedade e respectivas práticas alteraram-se entre 1914 e 1939. Antes da Segunda Guerra Mundial, era quase exclusivamente aristocrática e com uma função política específica. A Segunda Guerra Mundial mudou esta concepção de sociedade. Mesmo antes de 1939 a unidade cultural da classe alta estava a diminuir. As áreas da vida económica e social que pertenciam somente à classe alta tornavam-se cada vez mais estreitas e com menos membros.<sup>26</sup>

Com efeito, a Segunda Guerra Mundial trouxe graves consequências para os ricos, que iriam ser permanentes. Os impostos foram aumentados, o que significava redução no rendimento em todas as formas de riqueza. A destruição ou a expropriação de bens e um apertado controlo nas despesas constituíram algumas razões que provocaram uma mudança no modo de vida dos mais abastados.<sup>27</sup>

A guerra fez também cair por terra o snobismo de uma classe média que, habituada a manter um nível de vida bastante satisfatório, viu cerceados o conforto e, principalmente, o seu estatuto numa Grã-Bretanha economicamente debilitada:

In brief, an entire mode of life became obsolete, and the most reliable way of maintaining a separate style of existence, namely intellectual and cultural activity, was not to the taste of the middle-class majority. (...) The older, established middle classes also found their monopoly of social position undermined by the entry of the sons of the lower orders (...) into the increasingly large and important professions.<sup>28</sup>

O estereótipo da classe média que auferia grandes rendimentos, que vivia na abundância e rodeada de empregados em casas luxuosas, sofreu também algumas transformações depois da Segunda Guerra Mundial:

The social structure of the middle class in 1921 was little different from 1911, and in 1931 not much different from 1921, but in 1951 very different indeed. The difference was most marked in three respects: in the

huge increase in the membership of the technical and scientific professions; in the overall decline in the number of employers; and in the rapid entry of women into 'minor' middle class occupations.<sup>29</sup>

Como consequência das mudanças estruturais da sociedade, a classe média tornar-se-ia uma classe técnica, científica e virada para as novas áreas tecnológicas e empresariais.

Foi ainda nos anos vinte e vinte um do século XX que a classe média se identificou com uma classe constitucional, ou seja, apelidava-se de 'o público', adoptando uma atitude de desdém relativamente à classe trabalhadora. Associada ao Partido Conservador, a classe média tornou-se defensora da Constituição e dos direitos do 'público'.<sup>30</sup>

A manifestação mais expressiva desta conjuntura foi a emergência da classe média como fura-greves. Durante a Greve Geral de 1926 os membros da classe média ofereceram-se como voluntários para assegurar o funcionamento dos serviços essenciais, evitando assim o sucesso da greve.

A greve que decorreu entre 3 e 12 de Maio constituiu a maior de entre as greves solidárias:

A strike by the railwaymen, dockers, road transport workers, the printing trades, iron, steel (...) . (...) the strike could never have succeeded as the union leadership was aware. Not only was the government determined not to accede to the strikers' demands, it had the full support of the 'constitutional' classes. Furthermore, the majority of men did not strike; (...). The General strike was, in fact, a strike of the highly unionized, predominantly male industrial trades in or dependent upon the 'staple' industries, whose decline by the mid-1920s seemed irreversible.<sup>31</sup>

A greve reflectia, portanto, o estado da economia dos anos vinte. A insatisfação de milhares de trabalhadores contrastava com o poder e a ganância da classe média que lutava para manter um lugar de destaque na sociedade, defendendo um sentido de unidade de classe:

One effect of the war was to associate democracy with the working class, and the predominant notion of democracy thereby became collective

rather than individualist. This tended to unite the middle class, new and old, against 'socialism', 'bureaucracy', and the 'unions', as they had been united in the early 1920s.<sup>32</sup>

Todavia, a Segunda Guerra Mundial destruiu esse poder e estabeleceu um novo *status quo* que afectou a classe média e a classe trabalhadora em maiores proporções. As regalias a que a classe média estava habituada desapareceram ou tornaram-se impossíveis de manter:

The greyness of life after 1945, the narrowness of social and cultural choice, the restrictions upon personal consumption, affected the middle class no more than the working class but the comparative effects were more harsh. (...) For the first time in British History the comfortable classes had to run their households unassisted and for many this particular rite of passage was painful.<sup>33</sup>

A classe trabalhadora, habituada a suportar os reveses da vida, teve igualmente que se adaptar às condições adversas em tempo de guerra. Esta classe foi a que mais sofreu, continuando a ser explorada pelas classes socialmente mais altas:

Under cover of Baldwin's rhetoric of the national interest, it was the working class who paid the penalty for economic slump in persistent unemployment, cuts in wages and dole, and appalling living conditions throughout the twenties and thirties. (...) The fundamental rottenness of inter-war Britain was that the political class lacked the will to implement what had already evolved as a logical consequence of nineteenth-century reform: the universal right to the possibility of a decent living standard. The working class was betrayed between the wars not just by Ramsay MacDonald and the trade union leaders, but also by bourgeois politicians and intellectuals whose apathy allowed the working class to bear the brunt of economic depression.<sup>34</sup>

A classe trabalhadora sentia-se explorada e indefesa, situação que Frederick Engels denunciara já em 1844. Segundo o autor, o proletariado era, na lei e no dia a dia, escravo da

burguesia que podia decidir a sua vida ou morte. O operário mais não era do que um átomo num mundo em constante competição.<sup>35</sup>

Mesmo na classe trabalhadora havia diferenças no modo de vida. As famílias dos trabalhadores especializados do Sul ou da zona de *Midlands* conseguiam alguma riqueza em finais dos anos trinta, enquanto as famílias do Norte continuavam pobres.

A Segunda Guerra Mundial restituiu emprego à comunidade trabalhadora, recuperando a integridade de uma classe que quase se arruinava durante os anos entre as guerras. A migração foi reduzida e o Norte reforçou a sua cultura política. Além disso, a guerra contribuiu para a universalização da cultura política da classe trabalhadora. Este facto proporcionou condições favoráveis para o crescimento e credibilidade do Partido Trabalhista que recrutou um grande número de homens e mulheres que até então tinham permanecido fora dessa cultura.<sup>36</sup> A classe trabalhadora das cidades beneficiava da protecção dos sindicatos e tinha ainda representatividade parlamentar através do Partido Trabalhista.<sup>37</sup>

No entanto, a condição da classe trabalhadora divulgada por Engels correspondia apenas em parte à realidade da vida dos trabalhadores do início do século XX. Apesar de continuar a ser uma classe desfavorecida, foi neste período que surgiram oportunidades sociais e culturais que perspectivaram uma melhoria de vida considerável. Muitos operários viram a possibilidade de os seus filhos continuarem os estudos e sonhar com um emprego mais digno e mais rentável.

A Lei da Educação de 1944, conhecida como *Butler Act*, veio, efectivamente, acalentar a esperança a muitos trabalhadores de uma ascensão na escada social. Contudo, a rigidez do sistema educativo ainda se fazia sentir, uma vez que a entrada na Universidade era só permitida às classes endinheiradas. Asa Briggs definiu assim o objectivo principal da Lei de 1944:

The Act went much further in its proposals than the Education Act of 1918: its object was 'free education for all'. (...) The Act provided a framework within which educacional change could continue in the classroom 'according to the age, ability and aptitude of the pupils'(...). The two words 'for all' were the clue words to most wartime proposals relating to social policy (...).<sup>38</sup>

A ideia de descentralizar o sistema educativo e providenciar instrução para todos, sendo bem intencionada, acabou por tornar-se bastante selectiva. A existência de um exame, denominado *11-plus examination*, impôs uma distinção entre crianças a seguir uma via académica e outras a seguir uma via mais técnica. Contudo, a lei acabaria por influenciar o futuro de muitas crianças.<sup>39</sup>

Na opinião de Ernest Gellner, o direito à educação faz parte dos valores modernos.<sup>40</sup> Numa sociedade industrial, a terceira época da história humana definida pelo autor, uma educação universal, estandarizada e geral desempenha um papel extremamente importante, uma vez que é na sua reprodução que reside a transmissão de uma cultura nivelada por cima:

Culture is no longer merely the adornment, confirmation and legitimation of a social order, which was also sustained by harsher and coercive restraints, culture is now the necessary shared medium, the life-blood or perhaps rather the minimal shared atmosphere (...). For a given society, it must be one in which they can all breathe and speak and produce; so it must be the same culture. Moreover, it must now be a great or high (literate, training-sustained) culture, and it can no longer be a diversified, locality-tied, illiterate little culture or tradition.<sup>41</sup>

A necessidade de tornar um povo instruído, depois de se ter verificado que o analfabetismo e a ignorância caracterizavam milhares de pessoas, fez com que o governo britânico reequacionasse todo o sistema educativo para alcançar o progresso económico e cultural.

Também Raymond Williams defendeu que a educação desempenha um papel importante para a criação daquilo a que o autor chamou *common culture*. Na sua opinião, a cultura, como todo um modo de vida, deve ser partilhada por todos e a extensão do ensino permitirá que a cultura seja distribuída de uma forma mais uniforme e igualitária:

(...) a common culture is not the general extension of what a minority mean and believe, but the creation of a condition in which the people as a whole participate in the articulation of meanings and values, and in the consequent decisions between this meaning and that. This would involve, in any real world, the removal of all the material obstacles to just this

form of participation (...). In the same way, it would mean changing the educational system from its dominant pattern of sorting people, from so early an age, into 'educated' people and others (...).<sup>42</sup>

De facto, tanto a cultura como a educação são, segundo Williams, vulgares, ou seja, constituem o processo de permitir aos membros de uma sociedade a partilha dos mesmos significados, baseados em experiências pessoais e comuns. Os sistemas de comunicação cultural vieram, por conseguinte, colocar a qualidade de toda a cultura nacional nas mãos das pessoas que constituíam um todo.<sup>43</sup>

No período entre as guerras, o desenvolvimento tecnológico criou as condições para a difusão de uma cultura de massas. Novas indústrias prosperaram, nomeadamente as de automóveis, de químicos e de produtos eléctricos, ajudadas pelo proteccionismo implementado a partir de 1931.<sup>44</sup> Paradoxalmente, as condições de vida melhoraram devido a inovações tecnológicas e a mudanças demográficas que se traduziram em mais emprego para a classe trabalhadora e no aumento da produção:

The corollary to this boom in the new industries and slump in the older ones was a shift of labour from manual to white-collar, from manufacture and primary production to service and distribution, from craft skills to factory automation. The one lasting working-class gain from reconstruction after the wars was the eight-hour day (...) while real income per head consistently rose (...). The disposable surplus of income which many of the working class began to enjoy was the basis of the transition to a twentieth-century economy.<sup>45</sup>

O modo de vida da classe trabalhadora britânica começou a ser gradualmente alterado. Confrontadas com o medo da pobreza e o risco de viver em bairros de lata, as pessoas eram informadas sobre métodos anticoncepcionais para o controlo da natalidade. O resultado foi a redução do número de filhos por família. Consequentemente, as mulheres de todas as classes tinham mais tempo para si próprias. As mulheres da classe trabalhadora não se viam já confinadas à casa, começando a trabalhar fora e não viviam o receio de uma gravidez contínua. As mulheres da classe média preocuparam-se mais com a sua posição na sociedade e os desejos de independência e de igualdade começaram então a ser consciencializados e defendidos de uma forma mais afirmativa.<sup>46</sup>

As dificuldades por que todo o povo britânico passou durante as guerras e a noção de que a vida é efêmera, permitiram uma mudança na atitude perante o mundo em que viviam. Aproveitando as oportunidades culturais, as pessoas começaram a divertir-se mais e a consumir o que lhes era oferecido mediante as suas posses. Desta forma, a cultura de massas foi encontrar na classe trabalhadora o seu maior mercado. Segundo Ford, esta classe manifestara já a sua presença na cultura antes do período entre as guerras:

It was in the late Victorian and Edwardian years that the forms of modern mass culture coalesced. This was not just a matter of the beginnings of the welfare state in old age pensions and national insurance. Fish and chips, tea drinking, working men's club, holidays in Blackpool, football and cricket, mass circulation newspapers like the new Daily Mail, retail chains like Liptons and Home & Colonial (...) all made their appearance during this period. (...) a mass culture is also a universal, popular culture and as such they had their significance for the future.<sup>47</sup>

A televisão e a rádio foram assim importantes veículos na disseminação de uma potencial cultura de massas. Na Grã-Bretanha, a BBC desempenhou esse papel crucial.

Surgem nesta altura discussões sobre a qualidade da cultura e sobre a função desempenhada pelos principais veículos culturais na educação das massas:

The division between high culture and society at large may have deepened as library, concert hall and picture gallery gave way to the movie palace (and dance hall) as places where people went to have their dreams massaged.<sup>48</sup>

Tendo em conta a ideia de uma cultura comum defendida por Williams, este autor apresentou razões para a existência de uma cultura de massas:

I don't believe that the ordinary people in fact resemble the normal description of the masses, low and trivial in taste and habit (...). There are in fact no masses, but only ways of seeing people as masses. The bad new commercial culture came out of the social chaos of industrialism, and out of the success, in the chaos, of the 'masses' formula, not out of popular education.<sup>49</sup>

Apesar de haver um maior acesso à informação e uma maior proximidade entre as classes sociais durante os anos da Segunda Guerra Mundial, o período entre as guerras foi pouco profícuo a nível cultural. Segundo Ford, houve até uma estagnação na cena artística. A Primeira Guerra demonstrara a futilidade da história e a efemeridade da vida. A guerra abanou o mito consolidado da sociedade secular e questionou a crença da história como Providência divina para a civilização britânica, desde o período Tudor até à época vitoriana. Tais evidências afectaram a cena artística contemporânea. As únicas representações culturais que se produziam retratavam uma civilização doente, cujos marcos culturais e políticos estavam em perigo de extinção:

(...) the war, by piling up millions of dead and mutilated bodies in front of the fictions of idealism, nationalism and history, called into question the representativeness not merely of the political and military leadership of Europe, but also of the established values and cultural monuments of the western tradition, and indeed the desirability of representing, in any sense, such a sick civilisation at all.<sup>50</sup>

Alertando para a destruição dos valores democráticos sustentados num sistema liberal, os artistas referiam-se, nos seus trabalhos, de uma forma directa à guerra. Partindo do pressuposto de que a criação artística numa sociedade secular assenta na relação entre o indivíduo e a história social, os movimentos artísticos dos anos trinta sugeriam uma tentativa de renovar essa ligação entre a experiência individual e o sentido de movimento colectivo.<sup>51</sup>

A guerra diminuíu a resistência do público à inovação, encorajando os modernistas a denunciarem o futuro do mundo em visões apocalípticas. Os diversos movimentos artísticos – futurismo, cubismo e expressionismo – pautavam-se pela insatisfação e pela procura da novidade. Apesar de efémeros, esses movimentos revelavam uma sensibilidade modernista, cujas formas desintegradas e não humanas se coadunavam com o mundo de fragmentação e mutilação presenciado na guerra. A guerra tornara a arte moderna aceitável. Na música, a função dos compositores consistia na redescoberta da sua identidade nacional, procurando as fontes de inspiração musical britânica nas “folk songs” e na polifonia Tudor.<sup>52</sup>

Depois da Segunda Guerra, a expressão artística deixou transparecer um desencanto relativamente aos resultados da guerra. A Grã-Bretanha viveu um período de recuperação não só no seu país mas também no cenário político internacional. 1945 assistiu à abertura dos campos de concentração onde milhares de pessoas tinham sido mortas.

O fim da ajuda americana e o conhecimento de que a América olhava com suspeição para um Governo Trabalhista, aliados à desconfiança relativamente às intenções políticas da Rússia, geraram sentimentos de isolacionismo na Grã-Bretanha. Começava, então, a viver-se uma atmosfera de guerra fria. Essa situação foi igualmente contemplada na arte, em particular na literatura. Obras como *Animal Farm* e *Nineteen Eighty Four* de George Orwell, descreveram esse ambiente de tensão, constituindo prenúncios de um futuro totalitário.<sup>53</sup>

Nos anos do pós Segunda Guerra verificou-se, contudo, a nível artístico, um crescimento na actividade cultural: mais livros publicados, mais concertos, óperas e dança, mais peças representadas e novos projectos urbanísticos. A produção criativa foi, de facto, impressionante nesta altura. O objectivo era, novamente, fazer com que a experiência artística chegasse a toda a gente e não apenas a uma elite culta.<sup>54</sup>

Também Orwell testemunhou as mudanças que ocorreram na sociedade e cultura britânicas no período entre as guerras. Manifestando o interesse em divulgar a sua obra de uma forma abrangente, chegando às classes mais desfavorecidas, Orwell enunciou na sua obra ensaística a vontade de reavivar a identidade nacional, indo buscar à cultura popular a sua expressão imediata.

### 3. George Orwell: Vida e Obra

#### 3.1. George Orwell: Reputação e Legado

George Orwell, nascido Eric Arthur Blair a 25 de Junho de 1903 em Motihari, Burma, testemunhou os conflitos mundiais que, de uma forma directa, o marcaram enquanto pessoa e escritor.

Muito se disse e escreveu sobre Orwell e, de uma forma consensual, todos os autores da sua biografia são unânimes em classificar como notável o seu percurso enquanto escritor.<sup>1</sup> Bernard Crick avaliou a carreira de Orwell da seguinte forma:

I saw and still see Orwell as someone who fully succeeded despite his tragically early death, in the task he set himself in mid-career. He succeeded in such a way that he moved, in his lifetime, from being a minor English writer to being a world figure, a name to set argument going wherever books are read.<sup>2</sup>

Crick vai mais longe nos seus comentários considerando Orwell o melhor escritor político de língua inglesa, por sempre ter revelado uma apurada consciência política.

O desejo de se tornar escritor cedo se começou a fazer sentir nos planos de Orwell. Em “Why I Write”, Orwell assumiu essa vontade:

From a very early age, perhaps (...) I knew that when I grew up I should be a writer.<sup>3</sup>

A escolha e o percurso de Orwell foram vistos como actos conscientes e baseados na sua experiência social:

It can be said that he chose content before form, experience before words; that he became the socially conscious writer of the 1930s rather than the aesthetic writer of the 1920s.<sup>4</sup>

Para Williams, as origens sociais e a vida pessoal de Orwell foram também determinantes na escolha da profissão e na maneira como Orwell escreveu muitas das suas obras e, por conseguinte, expôs as suas ideias:

The choice of Orwell – not the name but the actual work – was made within a very pressing general and personal history. He developed as a writer through the years of Depression and of fascism (...) cutting connections with an established and unacceptable social position.<sup>5</sup>

Se considerarmos que a vida pessoal de um autor é indissociável da sua obra, ou seja, se especificarmos que a vida de Orwell foi importante para percebermos o seu percurso literário torna-se, por conseguinte, necessário relatar alguns dos episódios mais marcantes na sua vida. Não nos interessa, de forma alguma, proceder a uma apresentação exhaustiva e detalhada da vida deste autor, mas sim salientar algumas experiências que se revelem pertinentes para avaliarmos a importância da obra ensaística de Orwell no panorama sociopolítico da primeira metade do século XX.

Deste modo, a infância pode ser considerada como o primeiro grande acto na vida de Orwell. O autor gozou de uma infância normal e ortodoxa, comum a todas as crianças do seu meio social.<sup>6</sup> A família, não sendo abastada, pertencia à classe burguesa com um passado colonial.<sup>7</sup> Por conseguinte, Orwell frequentou escolas privadas. Teve a primeira experiência escolar em St. Cyprian, escola primária que iria fazer parte da sua vida durante quatro anos. Aí viveu momentos angustiantes e tomou consciência da real situação financeira dos pais quando comparada com a de outros colegas. O próprio autor corroborou esta afirmação:

I never, for instance, succeeded in getting a cricket bat of my own, because “your parents wouldn’t be able to afford it”. This phrase pursued me throughout my schooldays.<sup>8</sup>

A pressão para que Orwell conseguisse uma bolsa de estudos era, portanto, enorme, uma vez que dela dependia, em grande parte, a sua permanência na escola. Perguntas como: “*Do you want to throw all your chances away? You know your people aren’t rich, don’t you?*” eram frequentemente reiteradas pela directora da escola.<sup>9</sup>

“Such, Such Were the Joys” é considerado um relato autobiográfico daquilo que aconteceu em St. Cyprian, embora a ficção se misture, muitas vezes, com a realidade e assistamos à descrição de alguns episódios de uma forma exagerada. O próprio autor alertou-nos para este facto:

Whoever writes about his childhood must beware of exaggeration and self-pity. I do not want to claim that I was a martyr or that St. Cyprian was a sort of Dotheboys Hall. But I should be falsifying my own memories if I did not record that they are largely memories of disgust.<sup>10</sup>

A este propósito, numa alusão directa ao ensaio acima referido, Crick manifestou dúvidas em decidir sobre o seu conteúdo, se de carácter puramente autobiográfico ou um ensaio polémico escrito na primeira pessoa e desligado da experiência.<sup>11</sup> Crick alertou ainda para o perigo de a memória ser selectiva e de nem sempre podermos considerar verdadeiras as afirmações que se fizeram relativamente à infância de Orwell ou que ele próprio fazia. Orwell, por vezes, apresentou apenas o que o seu percurso estudantil teve de negativo:

Eric’s basic memories were real and intense but the use he made of them should not deter us from taking a common sensical view of what his early schoolhood, while still going to the local school, was probably like. Generally it was more ordinary and pleasant than he would later allow.<sup>12</sup>

No entanto, Orwell justificou a selecção de alguns episódios da sua infância em “Such, Such Were the Joys”:

At twenty, I could have written the history of my schooldays with an accuracy which could be quite impossible now. But it can also happen that one’s memories grow sharper after a long lapse of time, because one is looking at the past with fresh eyes and can isolate and, as it were, notice facts which previously existed undifferentiated among a class of others.<sup>13</sup>

Sabemos, com efeito, através dos testemunhos autobiográficos deixados pelo autor nos textos, que a Escola de St. Cyprian não se enquadrava na sua personalidade. Orwell era

sensível, introspectivo e intelectual e a escola não lhe permitia desenvolver essas qualidades. Jeffrey Meyers caracterizou a escola da seguinte forma:

The school that Eric entered at the age of eight engendered snobbery, philistinism, homosexuality, racism and sadism. Its rigid hierarchy and subordination of younger boys encouraged bullying and flogging. It (...) disdained art and intellectual pursuits. It stressed loyalty and patriotism, valued money (...), was class conscious and conformist, despised foreigners and the laboring class.<sup>14</sup>

Eton proporcionou-lhe aquilo de que carecia em St. Cyprian: auto-estima, liberdade, divertimento e um ambiente civilizado.<sup>15</sup> Mas Orwell assumiu opiniões contraditórias relativamente a esta escola privada. Segundo Meyers, Orwell reconheceu que em Eton adquiriu um sentido de justiça e a capacidade de pensar por si próprio.<sup>16</sup> Contudo, em "Inside the Whale" numa crítica a um livro do seu colega Cyril Connolly, *Enemies of Promise*, Orwell descreveu a educação das escolas privadas e, implicitamente, definiu a sua própria classe como:

(...) five years in a lukewarm bath of snobbery (...). It is the same pattern all the time; public school, University, a few trips abroad, then London. Hunger, hardship, solitude, exile, war, prison, persecution, manual labour (...) hardly even words.<sup>17</sup>

Esta descrição resultava já de todas as experiências por que Orwell tinha passado e, por isso, conhecia bem o significado de todas as palavras mencionadas no excerto. A experiência de vida seria então a sua universidade.

Acabados os estudos em Eton, o jovem autor integrou a Polícia Militar de Burma em 1922, seguindo as pisadas imperiais de seu pai. Com a expectativa de que a sua carreira se tornasse numa grande aventura, Orwell cedo se desiluiu em relação ao imperialismo levado a cabo pelos britânicos e os cinco anos passados em Burma marcaram-no decisivamente para o resto da vida. As dificuldades de integração iam sendo cada vez mais insuportáveis e, à medida que o tempo decorria, Orwell tomou consciência da hipocrisia da sua posição e arrependeu-se dos procedimentos menos dignos que protagonizara em nome do Império.<sup>18</sup> Este reconhecimento transformar-se-ia em culpa que o iria perseguir sempre.

Em *Burmese Days*, romance publicado em 1936, Orwell expressou o propósito último do Império britânico na voz de Flory que assume claramente um papel autobiográfico:

The British Empire is simply a device for giving trade monopolies to the English or rather to gangs of Jews and Scotchmen.<sup>19</sup>

Mais à frente no romance, numa discussão acesa sobre o papel dos britânicos nas colônias, Flory apresentou uma opinião contrária à do seu amigo nativo Dr. Verashami:

Bosh, my dear doctor. We teach the young men to drink whisky and play football, I admit, but precious little else. Look at our schools-factories for cheap clerks. We've never taught a single useful manual trade to the Indians. We daren't; frightened of the competition in industry. We've even crushed various industries.<sup>20</sup>

Burma marcou também a tomada de uma nova posição que fez com que Orwell revisse os seus ideais. Adquiriu ainda uma consciência política e social que o levariam a desprezar as suas origens e a respeitar e apoiar os mais desfavorecidos:

He felt guilty about his family's background – slaveowners in Jamaica, exploiters in Burma, opium dealers in India – as well as his own too comfortable bourgeois family, his snobbish upbringing which had taught him to despise the working class, and his education at Eton. Tormented by a social conscience, he felt uneasy (...) about having more money than anyone else.<sup>21</sup>

Com apenas 22 anos, Orwell regressou a Southwold, Inglaterra. A sua relação com este país era, nesta altura, incerta e ambígua. Segundo Williams, o país que ele conhecia e ao qual pertencia, revelava-se ainda estranho em muitos aspectos. Orwell poderia perfeitamente ter optado pela via mais cómoda e fácil, cumprindo os desígnios da sua classe. No entanto, a sua posição tornara-se mais crítica. Foi pois nesse período que Orwell decidiu assumir a escrita como a única profissão:

Though he did not want conventional prosperity and never expected to be rich, he desperately wanted to be a successful author. In a curious way, unique in English Letters, he found it necessary to live in destitution in order to get himself started as a writer. It seemed he could assert his right to be an author only by subjecting his ego and pride to the severe test of living in poverty.<sup>22</sup>

O teste deliberado da pobreza realizou-se em Paris e Londres, cidades que serviram de palco para os seus relatos expressos mais tarde em *Down and out in Paris and London* (1933). Foi com a publicação deste primeiro livro que Eric Blair adoptou o pseudónimo George Orwell. Numa carta a Leonard Moore, Orwell, consciente das suas falhas e, numa tentativa de desarmar os críticos, manifestou um desejo:

I did not think it a good piece of work (...) Please see that it is published pseudonymously, as I am not proud of it.<sup>23</sup>

De acordo com as afirmações de Meyers, a rejeição do nome Eric Blair representou a distanciação da sua família, de St. Cyprian, de Eton, de Burma e de todas as associações menos prazenteiras do seu passado.<sup>24</sup> Contudo, segundo Williams, o verdadeiro paradoxo da vida de Orwell residiu nessa escolha de se separar do seu mundo. Sem o acto de rejeição, Orwell não teria sido escritor. Ou seja, as suas experiências, por mais penosas que tivessem sido, constituíram uma preciosa fonte de inspiração para a escrita.

Mas o medo de falhar e a incerteza do sucesso assolavam-no constantemente. Williams apresentou uma explicação coerente que justificou, de alguma forma, o receio que Orwell sentia de os seus esforços virem a tornar-se inúteis:

And the stress falls, necessarily on "chosen". What Orwell consciously made of himself under very real pressures can be seen as an invasion of his nature not only because of the difficulty of the choice and its break from what he had been intended to be, but also because he felt (...) that he would be dragged back, reabsorbed, into the powerful orthodox world (...).<sup>25</sup>

Esse mundo ortodoxo era, para Orwell, sinónimo de desigualdade social, hipocrisia, riqueza e exploração da classe trabalhadora. Esta última ficava fora da esfera das classes mais altas. Cruelmente explorada em Inglaterra, a classe trabalhadora vivia, nos anos trinta, uma situação deplorável. De facto, esse período foi marcado por uma forte consciência social por parte das classes trabalhadoras. A este propósito, Paul Addison caracterizou os anos entre as guerras:

The inter-war years are often thought of as a period of strong working-class consciousness. After all, there were a million unemployed throughout the 1920s and the great slump of 1932 pushed the total to a peak of three million by 1932. This was the era of the General Strike, the Jarrow march of 1936, *Love on the Dole*, *The Road to Wigan Pier*.<sup>26</sup>

Orwell, seguindo a tradição do protesto social de um Carlyle, Engels ou Dickens, deslocou-se a Wigan Pier e aí testemunhou as condições miseráveis dos trabalhadores das minas.<sup>27</sup> Em *The Road to Wigan Pier* (1937), Orwell justificou a sua ida ao Norte de Inglaterra:

I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants.<sup>28</sup>

Num impulso de experimentar, por dentro, o sofrimento dos mais desfavorecidos, Orwell alertou a classe política para pouco ou nada ter feito para melhorar a situação.

O verdadeiro objectivo do autor consistia, de acordo com Meyers, em unir os extremos do Partido Trabalhista e dar a conhecer este mundo aos socialistas intelectuais. Meyers confirmou ainda o ataque do autor a algumas figuras consagradas do socialismo inglês:

He slays a few sacred cows, revered by the Left, by calling the socialist propagandists – William Morris, Bernard Shaw, Henri Barbusse, Upton Sinclair and Waldo Frank – dull, empty windbags, and by criticizing Beatrice Webb, whose investigative methods were the opposite of his own (...).<sup>29</sup>

Meyers chegou ao ponto de afirmar que Wigan Pier representou o momento mais marcante para que Orwell pudesse acreditar numa revolução socialista.<sup>30</sup> Apesar de em *The Road to Wigan Pier* o autor ter alertado para a necessidade de as pessoas se unirem como verdadeiras socialistas, o meio em que viviam e a classe governante impediam esse objectivo de se concretizar. Williams argumentou, que antes de sair da Inglaterra, o socialismo de Orwell era apenas uma ideia difusa, um nome geral e tinha ainda um teor pouco positivo. Só com a experiência em Espanha é que o autor conheceu verdadeiramente o significado de socialismo:

During those months in Spain Orwell became a revolutionary socialist, his previously passive belief in a common cause had been realized and released by the revolutionary experience: the sense of living in a new-human world.<sup>31</sup>

A guerra civil de Espanha foi, efectivamente, marcante para Orwell e a crença numa revolução socialista foi sentida no início deste conflito. Sob o comando do General Franco, os Fascistas ergueram-se num golpe de estado, contra o governo democraticamente eleito. Esta revolta provocou a guerra civil que se tornou num campo de batalha ideológico para toda a Espanha e constituiu ainda um prelúdio para a Segunda Guerra Mundial.

Cedo se tornou claro que os Republicanos, que lutavam contra Franco, não sobreviveriam sem a ajuda da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, apesar de receberem apoio por parte dos Russos e dos voluntários das Brigadas Internacionais. Consequentemente, Orwell tornou-se um dos milhares de voluntários e rumou a Espanha na tentativa de ajudar a repor a democracia. No entanto, foi como observador e repórter do *New English Weekly* que Orwell se assumiu para, dessa forma, poder lutar ao lado dos seus compatriotas.

Foi também nessa altura que Orwell se filiou no *Independent Labour Party* que lhe forneceu as credenciais necessárias para que pudesse fazer parte do *POUM (Partido Obrero de Unificacion Marxista)*. Orwell justificou assim a sua filiação no Partido:

Why the I.L.P. more than another?

Because the I.L.P. is the only British party (...) which aims at anything I should regard as socialism (...). I believe that the I.L.P. is the only party,

which, as a party, is likely to take the right line either against imperialist war or against Fascism when this appears in its British form.<sup>32</sup>

O meio ano passado por Orwell em Espanha iria ser suficiente para que se pudesse aperceber dos interesses e, na sua perspectiva, da traição perpetrada pelo Partido Comunista. Assim, o idealismo a que Orwell assistiu no início da guerra depressa se extinguiu. Numa crítica à política comunista, Orwell adiantou:

The whole tendency of the Communist Policy was to reduce the war to an ordinary, non-revolutionary war in which the Government was heavily handicapped.<sup>33</sup>

A experiência angustiante em Espanha intensificou a sua crença no socialismo e inspirou o livro *Homage to Catalonia* (1938), relato em parte político e em parte autobiográfico. É importante, de facto, reflectir um pouco sobre esta característica que define quase todos os textos de Orwell, até à data. Todos eles não se conseguem desligar do carácter autobiográfico que o autor lhes conferiu. Ou seja, em todas as obras reconhecemos, facilmente, aspectos da vida de Orwell que trespassaram para o papel. Williams acredita que a chave do problema da obra de Orwell reside na relação entre facto e ficção, uma relação incerta que faz parte da crise por que um escritor tem de passar para se afirmar como tal.<sup>34</sup>

Crick alertou também para este problema:

The difficulty is that the whole documentary genre of the 1930s dwells in the borderlands, between fact and fiction, sometimes clearly one side of the line, like *Down and Out*, sometimes clearly on the other, like *Homage to Catalonia*; but occasionally like the *Road to Wigan Pier*, parts of a book straddle the border ambiguously.<sup>35</sup>

*Coming Up for Air* (1939) também não foge à regra. Escrito durante a estadia de Orwell em Marrocos, por motivos de saúde, esta obra descreveu a situação política da Inglaterra. Representou ainda:

(...) a call for the sleepers to wake up, to stop the destruction of the countryside, the decay of society and the impending war.<sup>36</sup>

Com constantes recuos a um passado ido, o romance focou também, num tom profético, ameaças que constituíam o futuro:

War is coming, 1941, they say. And there'll be plenty of broken crockery, and little houses ripped open like packing cases, (...). The bombs, the food queues, the rubber truncheons, the barbed wire, the coloured shirts, the slogans (...). It's all going to happen.<sup>37</sup>

Esta confusão ou fusão de autobiografia, ficção e documentário definiu a sua obra, pelo menos até 1937.<sup>38</sup> Os acontecimentos em Espanha e os perigos da Segunda Guerra Mundial levaram o autor a distanciar-se mais de temas banais e ocasionais que caracterizaram muitos dos relatos radiofónicos durante a sua passagem pela BBC, patentes por exemplo em *As I Please*, e a concentrar-se mais em temas relacionados com o presente momento político. Daí que a sua obra *The Lion and the Unicorn* (1941) tenha sido escrita para transmitir ao povo inglês a necessidade de se unir num momento tão crítico da História de Inglaterra.

*The Lion and The Unicorn* representou, segundo Michael Shelden, um tributo ao bom senso dos ingleses que rejeitaram o autoritarismo e os seus símbolos, como o simples passo militar que caracterizava a marcha das tropas nazis.<sup>39</sup> Acima de tudo, Orwell realçou as características marcadamente inglesas, utilizando, para isso, um discurso patriótico. Consciente das ameaças políticas, Orwell criticou ainda a inércia dos intelectuais que nada faziam para melhorar a situação. Contudo, se esta obra tem um teor profundamente político, verificamos, no entanto, que o discurso utilizado é um discurso na primeira pessoa, na voz do próprio autor. Muitas das suas ideias e projectos para o futuro estão aqui presentes. Ou seja, mais uma vez, os elementos factuais e autobiográficos se confundem.

As suas duas últimas obras, *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty Four* (1949) demarcam-se já, na opinião de Crick, desta fusão, havendo pouca ou nenhuma ambiguidade no que diz respeito a este problema.<sup>40</sup> Contudo, se *Animal Farm* foi único pela ausência da figura do autor, em *Nineteen Eighty Four* deparámo-nos com um Winston Smith muito semelhante a Orwell, tanto física como psicologicamente, por exemplo, no medo pelos

ratos e no ódio da propaganda. Todavia, esta afirmação pode correr o risco de ser demasiado categórica e precipitada.

Crick questionou, assim, a proximidade e as semelhanças que tantos críticos parecem encontrar entre as personagens e o seu autor, nomeadamente entre Winston Smith ou George Bowling e George Orwell. Para Crick, o problema reside na natureza do próprio escritor que parece falar tanto de si, das suas experiências e dos seus preconceitos.<sup>41</sup> Enquanto ensaísta percebe-se o constante deambular entre factos e ficção. A dificuldade surge quando se trata do romancista:

(...) it can actually encourage critics and readers to think of Winston Smith as what Orwell thought he himself might become.<sup>42</sup>

Num contexto de denúncia clara dos regimes totalitários, *Animal Farm* e *Nineteen Eighty Four* foram êxitos inesperados. No entanto, se, por um lado, a tarefa de escritor começava realmente a produzir lucros financeiros, por outro, a sua vida familiar começava a desintegrar-se. O declínio do estado de saúde, a adopção de Richard e a morte trágica de sua mulher Eileen iriam mudar completamente a sua vida. Durante os anos de 1946-1947, numa tentativa de concluir *Nineteen Eighty Four*, refugiou-se em Jura, um sítio hostil e isolado.

Quando finalmente a fama e o sucesso surgiram, a saúde de Orwell encontrava-se então muito debilitada, passando os últimos meses da sua vida em sanatórios.

A vida de Orwell foi vivida de uma forma irracional e convivendo sempre com o risco.<sup>43</sup> Numa tentativa de encontrar uma nova identidade social, Orwell renunciou ao seu meio. Williams corroborou esta tentativa de afirmação de Orwell enquanto escritor e a busca de uma nova identidade pessoal:

Orwell tried again and again to affirm, putting his life on the line. That is what makes him much more than a passive figure in this dominant structure of feeling. He shared it, but he tried to transcend it.<sup>44</sup>

Shelden realçou também as contradições que marcaram o percurso de Orwell:

(...) his behaviour is contradictory, but he thrived on contradiction. It is everywhere in his life and work. He called himself a socialist, yet he was

always pointing out weaknesses in socialism. He devoted enormous effort to writing his novels, yet admitted near the end of his life 'I am not a real novelist anyway; he was an intellectual who ran a small village shop and referred to himself as a grocer; he was an ex-policeman who lived among the tramps (...).'<sup>45</sup>

Sabemos, contudo, que sem estas contradições, sem esta experiência de vida, Orwell não teria deixado um legado ensaístico tão rico e importante como testemunho de acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XX.

### 3.2. Facetas de Orwell

George Orwell integra um grupo de escritores sobre quem muito se escreveu, tanto em vida como depois da morte. Considerada, por muitos estudiosos, suficientemente interessante e polémica, a sua escrita mereceu as mais variadas críticas. Por conseguinte, Orwell foi apelidado de escritor polemista, por um lado, e de embaixador da honestidade e da verdade, por outro.<sup>1</sup>

Segundo John Wain, a vida e obra de Orwell guiaram-se por um paradoxo. O facto de nunca ter escrito um romance satisfatório, de nunca ter aprendido convenientemente a arte da crítica literária, ou mesmo de relatar a História com lacunas importantes, não impediu que Orwell tenha representado um marco determinante na escrita de polémicas. A incisão, o humor e a clareza de discurso revelaram-se, por conseguinte, características que permitiram a Orwell o reconhecimento político e literário.<sup>2</sup>

Richard Hoggart, por sua vez, classificou o autor como um homem complexo e ambíguo, pelo facto de ter assumido uma posição muitas vezes contraditória que se reflectiu, por exemplo, na atitude bipolar tomada relativamente à classe trabalhadora. Orwell descreveu essa classe de uma forma afável, mas outras vezes houve em que revelava um carácter duro, uma espécie de hostilidade intelectual que fazia lembrar um coronel de classe alta. Essa mistura contraditória permaneceu, de acordo com Hoggart, até ao fim da sua vida.<sup>3</sup>

Os críticos de Orwell nem sempre se têm revelado convergentes na opinião sobre o autor. Raymond Williams alertou, deste modo, para a existência de controvérsia nos escritos sobre Orwell.<sup>4</sup> De facto, no meio dos mesmos e repetidos elogios surgem vozes

dissonantes que acrescentam e denunciam situações e atitudes que acabam sempre por conter algo enriquecedor para o verdadeiro conhecimento do percurso e obra de Orwell.

Jeffrey Meyes advertiu que, apesar de os críticos admirarem a obra autobiográfica de Orwell, não se deviam esquecer do seguinte:

Orwell's legend is based mainly on his own carefully projected self-image.<sup>5</sup>

Essa imagem criada pelo próprio autor constituiu um reflexo daquilo que escreveu e que permitiu ao crítico uma avaliação do homem e do escritor. Edmund Wilson depreveu-o da seguinte forma:

His thought is often inconsistent; his confident predictions often turn out untrue; a student of international socialism, he is at the same time irreducibly British and even not free from a certain provincialism; and one frequently finds him quite unintelligent about matters that are better understood by less interesting and able critics. But, with all this, he has got the good English qualities that, in the literary field at any rate are beginning to seem old-fashioned: readiness to think for himself, courage to speak his mind, the tendency to deal with concrete realities rather than theoretical positions.<sup>6</sup>

Alguns críticos foram mais longe na caracterização do autor. George Woodcock, por exemplo, classificou a atitude de Orwell como oportunista, apresentando algumas contradições que o definiam:

For instance, he contends seriously that we must have conscription during the war, but that once the war has ended we must resist as an infringement of civil liberties. (...) In other words, we can have freedom when it is convenient, but at moments of crisis is to be stored away for the return of better days.<sup>7</sup>

Angus Wilson também não poupou críticas negativas a Orwell:

If he stood outside the window and saw truly, he also stood outside and failed to see at all. He had all the defects of vision of the typical English public school 'rolling stone', the chap who returns from Klondike or the Withwatersrand full of warmth in his heart for the 'old country' and distrust for the 'pen pushers' who have stayed behind and got her in the mess she's in. (...) Despite his radical sympathies, Orwell remained distrustful, almost ignorant, of the education which was changing the class he sentimentalised (...). The truth is that by leaving Eton nor for Oxford or Cambridge but for 'experience of the world', he lost more than he gained. He lost touch with those in all classes whose lives were in fixed patterns, the rangés of the world.<sup>8</sup>

A experiência do mundo que Orwell adquiriu ao longo da vida delineou a estrutura da sua obra. Os seus livros estão, desta forma, intimamente ligados com os acontecimentos políticos e sociais do seu tempo. De acordo com Meyers, Orwell passou por quatro fases ao longo da sua carreira literária: o crítico social dos anos trinta, o ensaísta e o satirista político da década de quarenta e a figura austera mas afável transmitida nos escritos póstumos nos anos cinquenta.<sup>9</sup>

Com efeito, essa busca incessante de realização pessoal e profissional conduziu Orwell ao que Lynette Hunter chamou de procura de uma voz válida para persuadir os leitores.<sup>10</sup> Não obstante, a tentativa de renunciar ao seu meio social, pretendendo a todo o custo encontrar uma nova identidade social impeliu o autor a adoptar diversas máscaras que se expressaram em diferentes vozes.<sup>11</sup> Contudo, Orwell não se conseguiu desvincular totalmente das suas raízes.

Christopher Hitchens constatou que a educação de Orwell influenciou o seu carácter conservador e misantropo. Hitchens enumerou ainda alguns preconceitos com os quais o autor se confrontou:

He had to suppress his distrust and dislike of the poor, his revulsion from the 'coloured' masses who teemed throughout the empire, his suspicion of Jews, his awkwardness with women and his anti-intellectualism.<sup>12</sup>

Além disso, as obras de Orwell expressaram, de alguma forma, uma visão bipolar da realidade, em termos antitéticos. A inocência em contraponto com a culpa, a decadência

*versus* a vitalidade e a decência oposta ao mal estruturaram a sua visão da realidade. Essa polaridade manifestou-se de várias maneiras. Primeiro, surgiu como um contraste entre um passado humanizante e honesto e um presente imoral. Segundo, no presente, ou seja, no segundo quartel do século XX, as consequências prejudiciais da participação política opuseram-se aos modos de existência apolítica relativamente inocentes.<sup>13</sup>

Em “Writers and Leviathan”, Orwell confirmou essa dualidade e alertou para a necessidade de separar os desígnios políticos da integridade e individualidade de um escritor:

Do we have to conclude that is the duty of every writer ‘to keep out of politics’? Certainly not! In any case, (...) no thinking person can or does genuinely keep out of politics in an age like the present one. I only suggest that we should draw up a sharper distinction than we do at present between our political and our literary loyalties, and should recognize that a willingness to do certain distasteful but necessary things does not carry with it any obligation to swallow the beliefs that usually go with them, when a writer engages in politics he should do so as a citizen, as a human being, but not as a writer. (...) But whatever else he does in the service of his party, he should never write for it. He should make it clear that his writing is a thing apart.<sup>14</sup>

Se o presente estava contaminado com a existência de forças demoníacas, o passado representava a decência, a inocência incorrupta do século XIX. Orwell considerava o período pós-Eduardiano como social e culturalmente decadente, em que as classes mais altas, interessadas apenas em enriquecer, ostracizavam as classes mais desfavorecidas, criando um clima de indiferença perante os que não ascendiam na escala social.<sup>15</sup>

Henry Popkin classificou esse sentimento de nostalgia de Orwell pelo passado como um certo utopianismo eduardiano:

He loved everything Edwardian, everything he had first encountered before 1918; good bad poetry and good bad novels, Raffles, the boys’ weeklies, Kipling’s thin red line of Empire-builders, H.G.Well’s dream of the future, even P.G.Wodehouse’s sports-wearing heroes. All of these seemed right and natural when he first knew them. (...) Orwell was too

modern to be nostalgic about the Bronze (as D.H.Lawrence was). Instead he idealized the Edwardians which was almost equally a species of defeatism. I say almost because the Edwardians themselves were not defeatists, and no good-sentimental-Edwardian could be pledged entirely to the past. This paradox mirrors the full complexity of Orwell's alternating hopes and fears for the future.<sup>16</sup>

A complexidade de Orwell não se limitava apenas a esse paradoxo nostálgico. Segundo Williams, toda a sua obra se regeu por paradoxos:

He was a humane who communicated an extreme of inhuman terror; a man committed to decency who actualized a distinctive squalor.(...) He was a socialist who popularized a severe and damaging criticism of the idea of Socialism and its adherents. He was a believer in equality, and a critic of class, who founded his later work on a deep assumption of inherent inequality, inescapable class difference.<sup>17</sup>

Orwell, tendo renunciado a um modo de vida confortável e tendo rejeitado a sua classe, encontrou virtude num tipo de vida improvisada que constituiu uma declaração de independência. Williams explicou essa escolha, a que chamou paradoxo do exílio, recorrendo aos valores da tradição liberal que Orwell absorveu: empirismo, integridade e honestidade.

Essa tradição aparentava uma força que, no fundo, não deixava de ser ilusória. Havia uma imagem de poder, mas a comunidade não estava presente, verificando-se desta forma uma grande tensão entre os homens que Williams descreveu como: "men of high quality".<sup>18</sup> Sentia-se, assim, uma impotência social, uma incapacidade de o indivíduo estar em sociedade.

Essa relação indivíduo/sociedade foi também abordada na tradição liberal. Com efeito, um dos princípios básicos do liberalismo consistiu no desenvolvimento de um programa político no qual a independência do vulgar cidadão deveria ser garantida contra e qualquer corpo poderoso, fosse ele o Estado ou uma força organizada. A ideia de progresso, a defesa dos direitos de liberdade individual estavam, assim, subjacentes à ideia de liberalismo.<sup>19</sup>

John Stuart Mill, educado no utilitarismo benthamita, conferiu ao liberalismo uma vertente mais social. Distinguindo a esfera do indivíduo da esfera da sociedade, Mill, num pressuposto utilitarista, reconheceu a esfera privada como uma convenção necessária que pode ser alterada a todo o custo se a sociedade encontrar algo que seja mais útil.<sup>20</sup> A protecção da máxima liberdade constituiu um garante que Mill sempre defendeu, receando que essa liberdade fosse cerceada pela atitude tirânica da maioria ou pela pressão popular contra o indivíduo.<sup>21</sup>

Orwell deambulou também entre a esfera privada e a esfera da comunidade. Assumindo o papel de exilado e vagabundo, se considerarmos a tese de Williams, Orwell encontrou-se numa posição difícil de definir quanto ao seu papel na sociedade.

Quando o exilado fala em liberdade, encontra-se numa situação ambígua porque, enquanto os direitos em questão podem ser considerados individuais, a condição da sua garantia é inevitavelmente social. O exilado, por causa do seu posicionamento pessoal, não pode acreditar em nenhuma regalia social. Primeiro, porque não se quer comprometer. Segundo, porque não vê nenhuma forma de confirmar, socialmente, a sua própria individualidade.

Citando Williams:

When, however, he has to affirm liberty, he is forced to deny its social basis: all he can fall back on is the notion of an atomistic society, which will leave individuals alone. Totalitarian describes a certain kind of repressive social control, but, also, any real society, any adequate community, is necessarily, a totality. To belong to a community is to be part of a whole, and, necessarily, to accept, while helping to define, its disciplines. To the exile, however, society as such is totalitarian; he cannot commit himself, he is bound to stay out.<sup>22</sup>

A tentativa de pertencer a uma comunidade credível, em que o princípio do socialismo se fizesse sentir, ou seja, uma comunidade que seguisse e defendesse o princípio da igualdade, levou o autor a escrever *Homage to Catalonia* e *The Road to Wigan Pier*, duas obras que configuraram o projecto de uma comunidade conhecível que comportou ideais socialistas.<sup>23</sup>

No entanto, numa vertente confessional de *The Road to Wigan Pier*, Orwell admitiu ter tido preconceitos em relação à classe trabalhadora, na sua juventude. Essa atitude de

superioridade da classe média tornou-se perfeitamente visível em expressões como: “the London Mob”, “the lower classes smell”, “a race of enemies”.<sup>24</sup>

O interesse de Orwell pelos mais desfavorecidos, a admiração pelo campo e pelos animais, o profundo patriotismo e a já referida nostalgia pelo período Eduardiano são algumas qualidades que se manifestaram na obra de Orwell. Conor Cruise O’Brien definiu essas qualidades como conservadoras:

It is a Tory growl each quality in itself, obviously, is not necessarily Tory, but grouped together they do form a Tory pattern.<sup>25</sup>

A necessidade de libertação e renovação de uma classe cheia de defeitos resultou na tentativa de um retorno a uma vida despojada de preconceitos racistas e sociais, ou seja, um regresso a uma vida decente e amplamente humana.<sup>26</sup>

O intento foi, em parte, gorado, uma vez que Orwell nunca se conseguiu desligar completamente da sua veia *Tory* e a constante oscilação entre a acomodação ao *status quo* e a uma intenção romântica de mudar o mundo, constituiu o reflexo mais patente da complexidade de Orwell, o homem, e de Orwell, o escritor.<sup>27</sup>

Numa atitude reconciliadora, Orwell concebeu a Grã-Bretanha como uma família, como uma comunidade unida em tempo de crise:

England (...) resembles a family, a rather stuffy Victorian family, with not many black sheep in it but with all its cupboards bursting with skeletons.<sup>28</sup>

O sentido de unidade nacional foi, de facto, impulsionado por um patriotismo comum a todos os britânicos:

Just because patriotism is all but universal and not even the rich are influenced by it, there can be moments when the whole nation suddenly swings together and does the same thing like a herd of cattle facing a wolf.<sup>29</sup>

Essa concepção de patriotismo foi também defendida pelos liberais, tendo tido o seu apogeu durante a Segunda Guerra Mundial. Os valores patrióticos foram então acerrimamente defendidos por toda a nação britânica.

Volvidos mais de meio século, os liberais sentem-se, de alguma forma, embaraçados com a linguagem de patriotismo e com os sentimentos que evocou. As atitudes tanto do Partido Conservador como do Partido trabalhista são em tudo semelhantes, como explicou David Marquand:

For the left and centre-left, patriotism is more often than not archaic, Blimpish, a little vulgar: a slightly tawdry hangover from past glories which call for apology rather than celebration. One result is that no one has managed to construct an idiom in which proper pride in country and culture can coexist with tolerance, generosity of spirit and unyielding opposition to jingoism in all its forms. (...) another is that the liberal strands in the British national tradition have been submerged. The left has had two answers to the Pecksniffian insularity and self-righteousness of the right: a well-intentioned, but pale, historyless and imaginatively vacant multiculturalism, and a strident, almost fundamentalist liberalism with which no one but a handful of intellectuals can identify. The defiant Britain of Orwell and R.H.Tawney, the defiant England of Milton and his fellow republicans has been silent, or nearly so. Since most British people are properly patriotic, and do feel understandably proud of their country and its traditions, the consequences for liberal and social-democratic politics have been disastrous. The right has wrapped itself in the Union Jack, and the left has been naked.<sup>30</sup>

Na década de quarenta, Orwell acreditava que a tradição liberal podia manter-se viva, contra as ameaças de doutrinas totalitárias. No ensaio “Looking Back on the Spanish War”, Orwell deixou clara a sua crença nos princípios liberais:

Before writing off the totalitarian world as a nightmare that can't come true, just remember that in 1925 the world of today would have seemed a nightmare that couldn't come true. Against that phantasmagoric world (...) there are in reality only two safeguards. One is that however much you deny the truth, the truth goes on existing, as it were, behind your back (...). The other is that so long as some parts of the earth remain unconquered, the liberal tradition can be kept alive.<sup>31</sup>

O individualismo, expressão política do liberalismo, também foi ameaçado pelos fundamentalismos dogmáticos que, desde o Renascimento, tentaram calar as vozes que professavam esse movimento.<sup>32</sup>

A noção do indivíduo como uma ideia cultural, produto da era liberal, destacou-se na obra de Orwell. O indivíduo gozava de autonomia e, em tempo de crise, significava algo poderoso e revivificante. A autonomia constituía um valor central do liberalismo. O indivíduo era autónomo, tendo a capacidade de pensar livre e racionalmente. O princípio de que o homem devia agir de acordo com a razão foi já expressa por São Tomás de Aquino. Calvino realçou também a responsabilidade do indivíduo e a noção de que Deus constitui o único juiz das acções do homem na terra. Kant, por sua vez, relacionou o conceito de autonomia com a ideia de liberdade e de moralidade.<sup>33</sup>

Todavia, a liberdade individual surgia constantemente ameaçada pelo totalitarismo:

(...) totalitarianism menaces the existence of the individual, and the last four or five hundred years have put the individual so emphatically on the map that it is hard for us to imagine him off it again.<sup>34</sup>

Contudo, Orwell, em “The Prevention of Literature”, reforçou a ideia de que o totalitarismo não triunfou em toda a parte. A sociedade britânica ainda tinha defesas contra essa ameaça totalitária:

Meanwhile totalitarianism has not fully triumphed everywhere. Our own society is still, broadly speaking, liberal. To exercise your right of free speech you have to fight against economic pressure and against strong sections of public opinion, but not, as yet, against a secret police force.<sup>35</sup>

Herdeiro e seguidor da tradição liberal, Orwell acreditava no Homem enquanto indivíduo. Numa atitude humanista, escreveu no ensaio “Reflections on Ghandi”:

One must choose between God and Man, and all radicals and progressives from the mildest liberal to the most extreme Anarchists, have in effect chosen Man.<sup>36</sup>

O movimento puritano realçou a importância de Deus no caminho dos homens. Pretendendo tornar o homem mais religioso, o puritanismo obrigava a uma rejeição dos bens materiais. Consciente de que era um estranho e um peregrino, passando nesta vida transitória para outra que havia de vir, o puritano, segundo R. H. Tawney, assumia uma posição de indiferença perante o mundo concreto, traçando um percurso cada vez mais isolado na tentativa de alcançar a salvação eterna:

He turns with almost physical horror from the vanities which lull into an awful indifference souls dwelling on the border of eternity, to pore with anguish of spirit on the grand facts, God, the soul, salvation and damnation.<sup>37</sup>

Contudo, a partir da segunda metade do século XVII, os puritanos esqueceram-se de Deus e a riqueza, que não constituía um objectivo, passou cada vez mais a sê-lo.

A noção calvinista de que os homens existiam para Deus e só os eleitos alcançariam a salvação eterna foi um dos dogmas teológicos da Reforma. O homem estava destinado a percorrer um caminho solitário com o intuito de merecer a glória de Deus. O trabalho deveria ser disciplinado, persistente e racional. Estava implícito, deste modo, um ascetismo profissional que subjaz ao carácter metódico da profissão. O homem devia dedicar-se à vocação (*calling*), tendo sempre um Deus atento e impiedoso como guia espiritual.<sup>38</sup>

Alan Sandison defendeu a tese de que Orwell manteve aspectos da tradição puritana, ressaltando algumas diferenças. Este autor realçou as seguintes características orwellianas como próximas do puritanismo:

(...) activism and pragmatism, commitment to the job nearest to hand, anti-intellectualism and an emphasis on will, anti-hedonism, a crusading sense of mission and an insistence on discipline, a belief in 'character' and the moral necessity of strenuous effort.<sup>39</sup>

De facto, a auto-disciplina, a procura de uma identidade capaz de lhe conferir dignidade e carácter, a denúncia dos perigos e males da sociedade e o percurso solitário de Orwell correspondem exactamente à definição proposta por Sandison. O isolamento do indivíduo que carrega às costas o fardo da incerteza da salvação tornou-se uma conhecida característica do Puritanismo.

Segundo Sandison, a falta de fé na imortalidade constituía o problema de Orwell.<sup>40</sup> Perdida a fé em Deus, Orwell acreditava profundamente no indivíduo e no pressuposto de que o homem tinha uma missão para cumprir na terra:

(...) Orwell has been shown to be quite conscious inheritor of a specific religious tradition (...). From it he drew a morality and an identity, together with the purpose which sent him forth with a mission to bettle for man's soul in the face of encroaching darkness (...). Disbelieving in God, he believes in the personal soul; though by and large he substitutes 'self' for 'soul'.<sup>41</sup>

Orwell era esse homem com uma doutrina para pregar. E só através do contacto com o mundo concreto o homem poderia demonstrar capacidade em assumir responsabilidade pessoal. Desta forma, o homem poderia obter salvação operando na natureza, lidando com as dificuldades da vida. Para Orwell, Wigan Pier, os bairros de lata de Paris ou Barcelona, por exemplo, representavam os locais necessitados de ajuda humanitária.<sup>42</sup>

Orwell expressou em "Reflections on Gandhi" a ética humanista, com a ênfase no contacto com o mundo concreto:

The essence of being human is that one does not seek perfection, that one is sometimes willing to commit sins for the sake of loyalty, that one does not push ascetism to the point where it makes friendly intercourse impossible, and that one is prepared in the end to be defeated and broken up by life, which is the inevitable price of fastening one's love upon other human individuals.<sup>43</sup>

Numa procura incessante de absolvição, Orwell abandona-se a ele próprio, uma vez que é do eu que pretende ser absolvido.<sup>44</sup> Um exemplo claro desse abandono está patente em *Down and Out in London and Paris*, por exemplo, em que Orwell, encarnando o papel de vagabundo, surge derrotado pela vida, ou mesmo em *A Clergyman's Daughter*, cujo destino da personagem principal, reflexo das experiências de Orwell, acaba na resignação e acomodação a uma vida sem ideais e desprovida de amor, deixando para trás uma vida árdua, mas feliz.

Esse retorno a uma vida despojada de bens materiais era visto como um regresso a uma vida humana decente. A decência representava, assim, o símbolo da integridade anteriormente proporcionado pela religião.

A decência constituiu uma das virtudes que Orwell tanto apregoeou ao longo da sua vida. Seguidor de uma tradição humana em que a procura da decência, da verdade, da lealdade, da tolerância e do respeito pelo próximo foi sempre uma constante, Orwell tentou aplicá-la ao mundo em que vivia.

O nazismo, qual poeira cáustica, corromperia os valores que Orwell defendia – democracia, verdade, arte, igualdade e cultura popular.<sup>45</sup> Por conseguinte, a decência constituía a qualidade inerentemente humana que salvaria as pessoas dos perigos que ameaçavam a sociedade britânica.

Max Plowman, em 1940, descreveu a atitude de Orwell perante o regime totalitário como a mais apropriada e sagaz, mantendo a percepção de que a decência representava a qualidade primordial para enfrentar a crise que se vivia nessa época:

This is the great social lie which the imaginative man has to endure in a totalitarian age. And it is in his intense perception of the lie that George Orwell becomes a great writer. He sees it with unique clarity because his whole attitude, both social and political, is that of a man who knows that common decency is fundamental to any tolerable state of existence, and that without the immediate recognition of it as basic, all chatter about liberty and equality is mere intellectual vapour.<sup>46</sup>

A liberdade e a igualdade constituíam os valores que representavam essa decência, um dos mais poderosos ingredientes da “Englishness” de Orwell. Foi na classe trabalhadora, em Wigan, que o autor encontrou o repositório desses valores.<sup>47</sup> Em Wigan, citando Orwell: “you breathe a warm, decent, deeply human atmosphere (...)”<sup>48</sup>

No entanto, com o objectivo último de definir e de descrever Wigan como o baluarte da igualdade, Orwell omitiu factos que iriam contradizer esse clima de decência, como defendeu Stephen Ingle:

Was he right to identify the working class as the repository of Christian ‘Decency’? It is undeniable true, whatever Orwell may have written that working class life in the North of England was grossly unequal in terms of

gender. Orwell had little to say but he knew it. Moreover Orwell was either strangely blind to, or chose to ignore, the manifest tyranny of father-son relationships in Northern Englishness. (...). Did he really not know of the bitterness and violence which tore working-class communities apart for generations, such as the London dock strike in 1911?<sup>49</sup>

Ingle apresentou duas versões de “Englishness” criadas por Orwell. A primeira, baseada na noção de que a Inglaterra tinha um carácter e cultura comuns, defendendo a liberdade individual. Para Orwell só o socialismo, expressão máxima de “Englishness”, constituía a única arma que os britânicos dispunham para vencer a guerra:

It is essential to harness Englishness to socialism or it will not stand against Fascism. Only a socialism that dresses up in the Union flag, a socialism that expresses the true spirit of Englishness, can triumph.<sup>50</sup>

A segunda versão consistia na tentativa de mostrar a classe trabalhadora como testemunho de “Englishness”. A importância da marca da segunda versão residia no facto de estar associada à sabedoria da moralidade cristã e, para Orwell, esse elo constituía o seu socialismo. Ingle escreveu:

He sought to strip its ideological superstructure from socialism and make it more concrete, more centred on humanity, (...) more man-centred. He sought to make socialism into a moral system and he conscripted both his versions of Englishness for the cause and deployed each to the full.<sup>51</sup>

Por conseguinte, Orwell criou as versões de “Englishness” com intuítos políticos. Orwell pretendia mostrar o socialismo não como uma ideologia, mas como um compromisso com a igualdade e com a justiça, assumindo-se o próprio como transmissor desses valores.<sup>52</sup>

Consequentemente, Orwell atacou e criticou os intelectuais que se diziam socialistas, mas que não cumpriam os ideais socialistas:

Orwell attacked – pacifists, feminists, fruit juice drinkers, quakers, birth control fanatics, vegetarians, (...) these were to him the left-wing

intelligentsia, the literary intellectuals and the middle-class socialists. Towards them all he was intemperately violent. (...) But at bottom his attack was probably inspired as much as anything by his puritanical mistrust of self-indulgence, physical or mental. (...) He thought them prim and out of with decent ordinary life. He thought they wanted to have things both ways, to get socialism on the cheap whilst remained undisturbed in their own fundamental attitudes and habits. (...) In his view, they thought they could remain international in their socialism without facing the full implications of their beliefs. (...) They thought they could be true socialists and yet keep their prosperity, though that was founded on the subjection of millions of coloured people (...).<sup>53</sup>

O socialismo de Orwell assente na defesa da liberdade e da igualdade constituiu o ideal que guiou a sua vida:

Socialism aims, ultimately, at a world-state of free and equal human beings. It takes the equality of human rights for granted. Nazism assumes just the opposite.<sup>54</sup>

Para Orwell, o verdadeiro movimento socialista inglês seria defensor dos valores democráticos, como delineou em “Fascism and Democracy”:

When the real English socialist movement appears – it must appear if we are not to be defeated, and the basis for it is already there in the conversations in a million pubs and air-raid shelters – it will cut across the existing party divisions. It will be both revolutionary and democratic. (...) The common people will cling very firmly to the illusion of Democracy and to the western conception of honesty and common decency.<sup>55</sup>

Apesar de ilusória, Orwell acreditava que a democracia ainda consistia no melhor sistema, apesar de, por vezes, revelar contradições entre os seus próprios valores. A gente vulgar, o povo inglês, constituía o principal destinatário do seu programa socialista. Numa atitude, porventura, involuntária de subestimação das capacidades da grande massa da população inglesa, Orwell defendeu que o povo, na simplicidade e crença em valores humanos básicos, depositava a fé na conservação da democracia:

It is no use appealing them in terms of 'realism' and power politics, preaching the doctrines of Machiavelli (...). The most they can achieve is confusion of the kind that Hitler wishes for. Any movement that can rally the mass of the English people must have as its keynotes the democratic values which the doctrinaire Marxist writes off as 'illusion' or 'superstructure'. (...) whoever tries to undermine their faith in Democracy, to chip away the moral code they derive from the Protestant centuries and the French Revolution, is not preparing power for himself (...).<sup>56</sup>

No seu programa socialista, Orwell aproveitou a força do patriotismo, alegando que os socialistas deveriam usar esse elemento da mitologia popular como uma forma de ganhar apoio. Todavia, Woodcock, considerando mais uma vez essa atitude como oportunista, sublinhou a lacuna de Orwell nessa estratégia:

He failed to understand the fundamentally evil nature of patriotism as a producer of war and a bulwark of authority, and also overlooked that patriotism is not far from nationalism and that the union of nationalism with socialism is worse in its effects than plain reactionary nationalism, as has been seen in Germany and Russia.<sup>57</sup>

Na interpretação de uma Inglaterra baseada em valores pátrios, na família, na simplicidade e na decência, Orwell criou, segundo Williams, um mito que se revelou eficaz durante bastante tempo:

Qualifying the original message with the facts of economic and social inequality, he creates the sense of an England of basic ordinariness and decency, 'a real England', an ever-lasting animal stretching into the future and the past.<sup>58</sup>

Como defensor de um programa que alterasse o estado de coisas numa Inglaterra em crise, Orwell foi considerado o profeta secular do socialismo. Orwell tentou falar para os ouvintes com a sua própria consciência e a escrita foi o instrumento adequado para um discurso profético.

Todavia, George Eliot considerou Orwell como um profeta falhado:

For one thing, a great or even a successful prophet must be a forceful artist, preferably a good poet, and Orwell was a slight artist. (...) His novels have the merit of containing descriptions which might have been incorporated in essays or books of reportage, but as novels they are not very good. His one allegory is accomplished and entertaining, but it does not penetrate far beyond the local politics that occasioned it.<sup>59</sup>

De facto, alguns críticos foram consensuais em considerar que Orwell revelou algumas limitações. A abordagem superficial das causas que defendia, a falta de um projecto realmente construtivo para o futuro do homem, a visão racionalista das coisas e a fraqueza para generalizar constituíram apenas algumas que George Eliot tentou explicar assim:

The fact is that Orwell had so much cut himself off from 'bourgeois' life that he was sometimes out of touch about how it functioned. His love of the past caused one side of him to cling to the idea that nothing ever changed, while his 'clever schoolboy' background did not always keep him entirely free from what might be called the superior sort of historical cliché.<sup>60</sup>

No entanto, os críticos consideraram, de uma forma indiscutível, os escritos de Orwell um legado político precioso. Timothy Garton Ash realçou a importância do autor, considerando-o o escritor mais influente do século XX, cuja obra continua a ser pertinente no século XXI.

Garton Ash apresentou razões para se ler a obra de Orwell, descrevendo, assim, uma qualidade que se destaca na essência da leitura de Orwell:

If I had to name a single quality that makes Orwell still essential reading in the 21st century it would be his insight into the use and abuse of language. If you have time to read only one essay, read "Politics and the English Language". This brilliantly sums up the central Orwellian argument that the corruption of language is an essential part of oppressive or exploitable politics.<sup>61</sup>

Hitchens, consciente do comprometimento da linguagem com a verdade, salientou a importância dos princípios intemporais da verdade e da honestidade, assumidos por Orwell. Nesse patamar, a política tem relativamente pouca importância. Essa foi verdadeiramente a vitória de Orwell, a fidelidade a esses valores que regeram toda a sua vida.<sup>62</sup>

Nesta curta digressão pelas diferentes opiniões leigas da vida e obra de Orwell, constatamos que a sua reputação passou pela criação de diferentes imagens ajustadas a um percurso recheado com as mais diversas experiências pessoais que influenciaram a sua obra. Os críticos são unânimes em considerar Orwell como um escritor de destaque sem, no entanto, deixar de revelar falhas e paradoxos que evidenciam a complexidade deste autor.

Para John Rodden, a figura de Orwell funciona como um prisma rotativo de imagens cuja forma constitui sempre uma reconciliação da dinâmica constante entre a própria caracterização de Orwell e a que o seu público faz dele. Passando de rebelde, ao homem comum dos anos trinta, ao profeta dos anos quarenta e ao santo, tributo póstumo, Orwell representa todas estas imagens históricas, imbuídas de coerência e de atributos:

Turn the prism one way and see The Rebel, the self-described “loner” and “failure” in prep school, the endearing and iconoclastic Quixote, the maverick within and against the London Left, the romantic “outsider”. Flip it another way and spot The Common Man, “the quintessential Englishman”, the aficionado of popular culture, the lovable Sancho Panza. Incline it again and behold The Prophet, the author of the book, the intellectual Jeremiah warning against the evils of totalitarian thinking (...) Invert it a fourth way and witness The Saint, ‘St. George’ Orwell, a face encompassing many of the others (...).<sup>63</sup>

Estes retratos foram reconstruídos a partir dos livros, dos ensaios, dos artigos e dos comentários radiofónicos que Orwell elaborou ao longo da sua vida. Os críticos de Orwell, discordando num ou noutro ponto, acrescentando novas opiniões, descobrindo e apresentando hiatos na sua obra, partilham, no fundo, a ideia de que todas essas imagens convergem numa só: a de Orwell, o representante da verdade.

Em suma, [demonstrando sempre um papel activo nas coisas políticas, Orwell preocupou-se, essencialmente, de uma forma consciente e inquieta, em transmitir na sua escrita a realidade que se vivia nos anos trinta e quarenta do século XX, sobretudo. Termos

como nacionalismo, patriotismo, socialismo e carácter nacional surgiram recorrentes nos seus ensaios políticos. Existia, por parte do autor, o desejo de tornar clara a sua posição quanto a estes conceitos que constituíram grande parte do seu programa político, descrito em mais pormenor no capítulo quatro.

## 4. Nação e Patriotismo na Ensaística Orwelliana

### 4.1. A Ideia de Nação e suas Expressões Simbólicas

Quando se fala em nação pensamos de imediato numa comunidade específica unida pelos mesmos laços culturais, históricos e linguísticos, dentro de um determinado espaço territorial. A existência de características típicas de um povo distingue uma nação de outra. Na realidade, a ideia geral que se mantém de nação é a de uma comunidade de base cultural e histórica projectada nos mesmos ideais colectivos. O sentimento de partilha funde-se, assim, num mesmo princípio espiritual, vinculando todos os cidadãos à mesma nação.

Miroslav Hroch entendeu a nação como um largo grupo social que estabeleceu uma combinação de relações objectivas entre si, tais como políticas, linguísticas, religiosas, geográficas e históricas, partilhando uma consciência colectiva. Esses elos que uniam um grupo podiam ainda ser substituídos por outros. Existem, todavia, três características que se revelaram insubstituíveis no processo de formação das nações: a memória de um passado comum, laços culturais ou linguísticos que permitem um nível mais elevado de comunicação social e a garantia de igualdade de todos os membros do grupo organizado como uma sociedade civil.<sup>1</sup>

A escolha desses três elementos como cruciais no processo de desenvolvimento da ideia de nação pode deixar em aberto algumas questões pertinentes e válidas como por exemplo: Será que os membros de uma comunidade partilham de facto a mesma cultura? Será que todos comungam da *high culture* que Gellner inscreveu no significado de nação? Será que a diversidade linguística existente em diferentes nações – veja-se o exemplo da Bélgica e Suíça onde se falam três línguas – não prejudicará o mencionado nível de comunicação elevado entre todos os membros de uma comunidade e, como tal, contraria a ideia de nação? A igualdade, princípio unificador proveniente da Revolução Francesa, parece conter em si alguma controvérsia, uma vez que essa condição nem sempre se concretiza, na medida em que continuam a existir distinções baseadas na classe social, raça ou religião. Devemos, portanto, entender aqui a igualdade como a partilha e a obrigação de direitos e deveres, iguais para todos os que vivem em sociedade.

Neste sentido, também Anthony D. Smith definiu a nação como uma comunidade humana, ocupando uma área geográfica em que todos os seus membros partilham os

mesmos direitos e deveres.<sup>2</sup> Orwell, por sua vez, avançou com uma definição sucinta e, a nosso ver, limitadora do conceito: “a single race or a geographical area.”<sup>3</sup> A palavra raça pode causar alguma contestação, uma vez que não existe uma raça pura, ou seja, as comunidades formaram-se através da mistura de vários povos, de várias etnias que constituíram, ao longo dos séculos, uma unidade coesa. As Ilhas britânicas, por exemplo, consideradas como um todo, foram invadidas por celtas, germanos e romanos entre outros, que deixaram as suas marcas linguísticas, culturais e políticas num território bem delimitado.

Ernest Renan, em finais do século XIX, negava qualquer determinismo natural na demarcação das nações. A língua, a raça, a geografia, as crenças religiosas não ditavam a sua formação. As nações resultavam da vontade humana que manifestava o desejo de criar um passado comum e planear projectos para o futuro.<sup>4</sup> Parecem, contudo, asserções demasiado peremptórias, na medida em que os factores supramencionados revelaram-se, no seu conjunto, determinantes para tornar possível a ideia de nação. Ou seja, o Estado-nação britânico resultou da amálgama de todos esses elementos. Na verdade, Tony Claydon e Ian McBride defendem que a religião protestante representou uma força crucial no quadro da identidade nacional. Acreditando na ideia de povo eleito, os ingleses imaginaram-se como uma nação protestante, distinta de todas as outras:

Protestantism certainly defined the outer circle of nationality, ensuring that catholic Ireland would remain the one unassimilable element within these islands. But it was by no means inevitable that a shared repudiation of Rome would be sufficient to dissolve the inherited ideological differences between the protestant communities of the three kingdoms. The patterns of integration and division which characterised the emergence of the imperial British state were certainly shaped by cultural affinities, but geography, economic and demographic development, and the distribution of patronage to provincial elites all played a part.<sup>5</sup>

Apesar de as definições apresentadas se aproximarem em alguns aspectos, o conceito de nação resultou de um longo e complicado processo do desenvolvimento histórico na Europa.<sup>6</sup> Nesta perspectiva, quatro factores primordiais constituíram a base de nação. Em primeiro lugar, a queda do Império romano que desfez a unidade da Europa latina; em segundo, a clivagem religiosa entre ortodoxos e católicos; em terceiro, a

expansão do domínio turco que se estendeu aos Balcãs a partir do século XV e, finalmente, os conflitos políticos, linguísticos e económicos que opuseram a Europa Ocidental e a Europa de Leste, entre os séculos XV e XVIII.<sup>7</sup>

Segundo Guy Hermet, até ao século XVIII o termo nação designava apenas a origem de um grupo estrangeiro amalgamado pela população em que se inseria. Os membros da nação estavam ligados pelo sangue e pela cultura comum herdada dos seus antecessores. Nas sociedades medievais, o conceito nação determinava, sobretudo intelectualmente, grupos humanos particulares no seio da Europa cada vez mais ligados a determinada coroa e criando, de uma forma reduzida, a possibilidade de imaginar um passado mitificado que os unia. Só mais tarde, a partir do século XVIII, pela série de acontecimentos ocorridos nesse período, nomeadamente as Revoluções Americana e Francesa, a frustração dos povos começou a fomentar um sentimento nacional, orientado contra um Estado absolutista em gestação, já numa perspectiva patriótica.<sup>8</sup>

Para Gellner, na época feudal não existia qualquer sentimento de pertença colectiva de estilo nacional. As sociedades agrárias eram, sobretudo, compostas por elites que constituíam uma minoria e por massas camponesas analfabetas que não estabeleciam qualquer tipo de contacto com as camadas superiores da hierarquia social.<sup>9</sup> Desta forma, o que mantinha a nação unida não era já a unidade de sangue e da cultura entre as massas, mas sim a unidade cultural das classes governantes.<sup>10</sup> O caso inglês contraria, todavia, esta afirmação. Um sentido de identidade nacional e de patriotismo constituíram desde há muito na nação inglesa elementos essenciais para a união do povo inglês. Não podemos considerar apenas que a supremacia de uma classe alta determinava essa identidade nacional, mas existiam outras formas de cultura popular que chegavam às classes mais baixas, conferindo, através da cultura, unidade nacional e invocando o espírito de "Englishness". O teatro isabelino, as liturgias, os sermões representavam apenas alguns meios de transmissão desses valores.

Contudo, segundo a teoria de Gellner, as nações não existiriam realmente. Gellner adiantou ainda que na passagem do mundo agrário para o mundo industrial as nações emergiram apenas como forma especial resultante da união entre cultura e política, inscrita em condições económicas muito específicas.<sup>11</sup> Por conseguinte, as nações, tal como os Estados, constituem uma contingência e não uma necessidade universal, surgindo em épocas e circunstâncias específicas. A partilha da mesma cultura e o reconhecimento de

pertença a uma mesma comunidade revelaram-se, para Gellner, insuficientes para definir nação:

Nations are not inscribed into the nature of things, they do not constitute a political version of the doctrine of natural kinds. (...) What do exist are cultures, often subtly grouped, shading into each other, overlapping, intertwined, and there exist, usually but not always, political units of all shapes and sizes.<sup>12</sup>

Para Gellner, o nascimento da nação surgiu, assim, associado à modernidade económica e social que produziu o conceito de identidade nacional.<sup>13</sup> No entanto, se o princípio de nação se baseia na primazia de uma comunidade atemporal, cuja legitimidade reside na partilha e preservação de uma herança, a própria ideia de nação parece, deste modo, ir contra o princípio da modernidade defendido por Gellner, conforme as declarações de Anne Marie Thiesse:

A nação, ao instalar uma fraternidade laica e, conseqüentemente, uma solidariedade de princípio entre herdeiros do mesmo legado indiviso, afirma a existência de um interesse colectivo. Constitui um ideal e uma instância protectora, considerada superior às solidariedades resultantes de outras identidades: de geração, sexo, religião, condição social.<sup>14</sup>

Todavia, a nação só se mantém viva se houver um apoio colectivo a esse tal projecto nacional. Desta forma, a nação mais não seria do que um invento, um artifício, uma comunidade imaginada:

In an anthropological spirit, then, I propose the following definition of the nation: it is an imagined community – and imagined as both inherently limited and sovereign. It is imagined because the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion.<sup>15</sup>

Se tivermos em conta a tese de Benedict Anderson, a nacionalidade só faria sentido com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de movimentos políticos dirigidos para as massas. O sentimento nacional seria assim um processo relativamente moderno. Paul Langford partilha também desta opinião. Referindo-se à Grã-Bretanha, o autor defende que o carácter nacional, enquanto força dinâmica na formação de uma unidade nacional, constitui necessariamente um artefacto, moldado pelas circunstâncias políticas e sociais de cada época. Seleccionam-se ou suprimem-se os elementos mais ou menos representativos da nação:

National character is necessarily a construct, an artifice. Whoever defines or identifies it is at best selecting, shifting, suppressing, in the search for what is taken to be representative. In the twentieth century a presumption in favour of the nation state makes it easy at least to assume that there is a unit to characterize. In the eighteenth century there was no such presumption. The British monarchy as a political entity comprehended a motley collection of Peoples, from Hanover on the Continent, through the varied communities of the British Isles, to an increasingly diverse body of colonial or semi-colonial dependencies. Yet paradoxically at its heart was a nation that was thought of having a distinctive history and a pronounced unity, making the identification of an English character seemingly quite easy.<sup>16</sup>

Não obstante, existiu sempre todo um conjunto de motivos naturais que proporcionaram a criação e partilha de símbolos identitários da nação. A geografia e o clima, por exemplo, revelaram desempenhar um papel importante no desenvolvimento e consolidação de características nacionais. Jeremy Paxman, referindo-se, em particular, aos ingleses, evidenciou a importância da geografia na sua formação:

Geography matters; it makes people who they are.<sup>17</sup>

À medida que se mitificavam raízes comuns dentro do mesmo espaço territorial, o conceito nação ganhou forma e solidez, tendo Anthony Easthope traçado três períodos para a sua consolidação. O primeiro situou-se entre 1500-1642, em que o soberano representava a nação, assumindo o papel de Leviatã a quem todos deviam respeito e obediência. Um

segundo momento coincidiu com as Revoluções Americana e Francesa, em que a soberania residia no povo e não no monarca. O novo Estado tornou-se independente e autónomo, a entidade política do Estado identificou-se com a cultura nacional e a nação passou a representar o povo. O último período proposto por Easthope culminou com a criação da Liga das Nações (1922) que concebia a nação como um fenómeno global na modernidade.<sup>18</sup>

Não podemos concordar em absoluto com a tese de Anthony Easthope de que a ideia de nação se tornaria possível somente sob as condições da modernidade. A nação, enquanto facto político, deverá ser interpretada como fenómeno resultante do período moderno, mas enquanto baluarte de sentimento nacional poder-se-á considerar um fenómeno pré-moderno, existente já nas sociedades feudais. No contexto britânico desenrolaram-se acontecimentos determinantes para a compreensão da ideia nacional. A Reforma Protestante presidiu à consolidação das primeiras identidades nacionais pré-modernas na Europa. No século XVI, a religião e a política constituíam duas faces da mesma moeda o que contribuiu, de uma forma decisiva, para a coesão nacional inglesa. Segundo Tony Claydon e Ian McBride, a Reforma colocou a fé e a religião no centro do sentimento inglês. Produziu ainda um sentimento de eleição nacional, uma vez que permitiu às pessoas sentirem-se abençoadas, seguindo uma crença protestante e verdadeira.<sup>19</sup>

Os autores consideraram que o modelo básico de uma identidade nacional protestante se fundamentava em três pressupostos. O primeiro, o anti-papismo e a aversão ao catolicismo romano, constituiu uma consequência desse sentido de um todo coeso que reage contra um adversário. O papismo era visto como contrário à virtude e considerado como uma perversão anti-cristã da verdadeira fé. As outras nações católicas representavam o inimigo no período isabelino. A Espanha e a França constituíam o inimigo corrupto a combater. Para Alan Houston e Steve Pincus, Isabel I conferiu aos seus súbditos um sentido de superioridade a par de um sentido ideológico das fronteiras da nação inglesa. Para isso, projectou uma imagem de esplendor e riqueza definidora das capacidades de liderança de um povo escolhido para cumprir os desígnios de Deus na Terra.<sup>20</sup>

Segundo, baseando-se no pressuposto de nação eleita, os ingleses, no período Tudor, acreditavam que gozavam de uma relação privilegiada com a divindade. Por último, o sentimento de eleição fomentou um espírito de missão:

(...) combining the feeling of uniqueness, and the peculiar view of the national past, Englishmen came to believe that the culmination of God's plans for them would be pre-eminence. Once they had come through their trials, the chosen people would be raised to a privileged position at God's right hand.<sup>21</sup>

A Revolução Gloriosa de 1688 consolidou, contra a monarquia Stuart, um sentimento de pertença política comum, herdeira do espírito da Reforma Protestante:

Far from being modernizing, the organizing principle of the revolution of 1688-89 was a deeply christian ideology which rested upon a set of Protestant and biblical idioms first developed during the Reformation of the middle of the sixteenth century.<sup>22</sup>

Os anos 1689-1709 patentearam também o cenário de exaltação nacionalista apoiada pelos *Whigs* contra as pretensões aristocráticas dos *Tories*.<sup>23</sup> A *Bill of Rights* de 1689 representou, deste modo, um exemplo utilizado por aqueles que na Europa pretendiam destronar a monarquia absoluta do poder.

Todavia, a França revolucionária constituiu o palco crucial para o estabelecimento da nação política moderna. A Declaração dos Direitos do Homem de 1789 consagrou os direitos naturais e inalienáveis do homem. O artigo três expressava já a soberania da nação:

O princípio de toda a soberania reside essencialmente na Nação. Nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer uma autoridade que não emane da nação.<sup>24</sup>

A nação, imaginada como soberana, depositava no Estado, que a representava, a garantia da defesa dos direitos naturais e imprescritíveis como a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade. O fervor nacionalista que se vivia nesse período revolucionário intensificou o sentimento de pertença a uma nação. Esta tornou-se, assim, num símbolo, legitimando diversas acções e movimentos sociais:

It works as a symbol for two reasons. First, like all symbols, its meaning is ambiguous. (...) Second, its use evokes sentiments and dispositions that

have been formed in relation to it throughout decades of so-called nation-building.<sup>25</sup>

Em 1796, Edmund Burke acreditava que o corpo político, que representava a nação, não deveria ser medido em termos de estatísticas económicas e populacionais. Para Burke, a disciplina da natureza distinguia o povo eleito de um mero aglomerado de pessoas. Para desenvolver e perpetuar essa disciplina eram necessários líderes natos para guiar uma nação:

Mere locality does not constitute a body politic (...) The body politic of France existed in the majesty of its throne, in the dignity of its nobility, in the honor of its gentry, in the sanctity of its clergy, in the reverence of its magistracy (...) All these particular *moleculae* united form the great mass of what is truly the body politic in all countries. They are so many deposits and receptacles of justice; because they can only exist by justice. Nation is a moral essence, not a geographical arrangement, or a denomination of the nomenclator.<sup>26</sup>

O nacionalismo, nesta perspectiva, constituiu a utilização política do símbolo nação, através do discurso e actividade políticos:

Nationalism is a quintessentially homogenizing, differentiating, or classifying discourse: one that aims its appeal at people presumed to have certain things in common against people thought not to have any mutual connections.<sup>27</sup>

Se atentarmos na teoria de Hobsbawm, verificamos que o nacionalismo, movimento moderno estritamente político, juntamente com o Estado moderno, criou as nações. Além disso, tanto as nações como os nacionalismos ter-se-iam traduzido em artefactos da burguesia e da “intelligentsia”.<sup>28</sup> Essa visão modernista da natureza das nações e do nacionalismo mereceu, por conseguinte, alguma contestação por Anthony D. Smith:

Because nationalism is widely seen as a modern ideology, the idea that it creates nations assumes not only that there were no nations before

nationalism, but that there can be no pre-nationalist nations (...) The argument here is that earlier meanings of the term 'nation' are necessarily quite different from, and have no connection with, the modern (post-1789) nationalist-dependent meanings.<sup>29</sup>

Podemos concordar com o conceito de que as nações antecedem os nacionalismos se entendermos que antes da ideologia política que enforma o nacionalismo, existiria uma consciência ou um sentimento nacional que envolvia todo um povo no mesmo destino. Os membros de uma comunidade podiam sentir-se unidos não, por exemplo, pelo mesmo movimento ou ideologia políticos, mas por uma herança cultural, linguística ou religiosa que os ligava durante séculos.

Anthony D. Smith apresentou o exemplo de Inglaterra, salientando o facto de que a nação inglesa surgira antes do nacionalismo, ou seja, a consistência do uso da língua e a convicção subjacente de pertença nacional atestaram a existência de uma nação pré-moderna. A Reforma, difundindo a leitura da Bíblia em traduções vernáculas, permitiu igualmente a expansão desse sentido de nacionalidade, transmitindo a ideia de povo eleito. Contudo, os contornos que a política assumiu no século XVIII afectaram a natureza da nacionalidade. De acordo com Tony Claydon e Ian McBride, a ideia de que o nacionalismo e a identidade nacional só ganharam fundamento a partir da Revolução Francesa parece pouco credível:

(...) a sense of nationality – even a politically significant one – seems to have been well established in the British realm by the mid-Stuart period. Either the Britannic islands developed the popular press and political movements necessary to sustain national feeling much earlier than the French revolutionary era, or other much older, cultural forms such as chronicles, sermons, liturgies, ballads and ceremonies proved as capable of propagating nationality and allowing people to imagine themselves part of a wider community.<sup>30</sup>

Com efeito, antes da existência do Estado-nação, no seu sentido moderno, havia já sistemas culturais que constituíam as bases de uma sociedade: a religião e o reino dinástico. A invenção da imprensa criou, todavia, os meios técnicos para alterar o conceito de nação, aprofundando a noção de comunidade imaginada:

The convergence of capitalism and print technology on the fatal diversity of human languages created the possibility of a new form of imagined communities.<sup>31</sup>

No discurso liberal do século XIX, o estatuto de nação aplicava-se àquelas que manifestavam viabilidade cultural e económica. A nação deveria abranger área suficiente para formar uma unidade passível de desenvolvimento. Se não alcançasse essas proporções não obtinha justificação histórica. No entanto, a existência de nações independentes mais pequenas contrariam esta tese. Veja-se o exemplo de Portugal e da Bélgica ou mesmo os pequenos Estados independentes derivados da divisão dos territórios do Império turco. No período do nacionalismo liberal, esses pequenos Estados que não obedeciam ao princípio da nacionalidade, defendido por Mazzini, poderiam, eventualmente, ser assimilados pelos grandes Estados (*Grossstaaten*).<sup>32</sup>

As concepções de nação e de Estado dos ideólogos liberais baseavam-se em três princípios básicos. Primeiro, a ligação histórica a um Estado já constituído; segundo, a existência de uma língua vernácula escrita e, por último, a capacidade para a conquista, facto que distinguia os grandes dos pequenos Estados.

O Estado-nação inglês representava, indubitavelmente, um dos mais antigos e poderosos Estados, tendo já evidenciado uma apetência para a conquista, expressa no Império britânico. Os liberais ingleses pretenderam, assim, conceber uma nação que partilhava características comuns, com uma predilecção pela liberdade e demonstrando uma capacidade resoluta para o alargamento económico e territorial:

The willingness at least to contemplate a democracy allowed them to develop the idea of 'nation' beyond the fairly weak, institutional form acceptable to whiggish and conservative thinkers. Some took a quasi-racial teutonic position, tracing predispositions back to the earliest of times; others saw the nation as the product of a gradual historical and cultural change, as geography, commerce, the turn of events, the deeds of great men worked on a plastic people.<sup>33</sup>

As guerras que ocorreram no século XX trouxeram consigo novas e profundas alterações ao mapa da Europa. Novos Estados foram criados e a própria ideia de nação sofreu algumas mudanças. Minorias étnicas, diferenciadas pela religião, por uma cultura

singular e demarcadas territorialmente lutaram por uma nacionalidade una, coesa e distinta. Algumas só o conseguiram no início do século XXI, como por exemplo, a Sérvia e Montenegro que constituíram em 2003 uma única nação. Os membros dessa comunidade formaram, assim, uma unidade, partilhando o mesmo destino e distinguindo-se de todas as outras. Como Orwell afirmou, as nações condicionam o carácter das pessoas:

Also, one must admit that the divisions between nation and nation are founded on real differences of outlook. (...) The average of human behaviour differs enormously from country to country. Things that could happen in one country could not happen in another.<sup>34</sup>

Torna-se premente, por conseguinte, nas novas comunidades, a necessidade de descobrir, inventar memórias e símbolos de um passado comum para fundamentar a própria ideia de nação.

Na história, a ideia de nação surge, com frequência, ligada com a imagem do seu destino, com a memória das batalhas heróicas, com a contínua luta pelo conhecimento e pela arte. A transmissão dessa narrativa histórica nacional produz, acima de tudo, o sentimento patriótico, ou seja, aviva a consciência nacional.

Desta forma, os jornais, os livros e, mais recentemente, os audiovisuais, publicitaram (e continuam a fazê-lo) os destinos da nação, sendo evocado um sentimento nacional entre as massas. Valoriza-se tudo o que represente ou faça lembrar a nação.

Esta concepção de unidade identitária acompanhou as definições dos conceitos de nação e nacionalismo no tempo. Para Anthony D. Smith, as ideologias do nacionalismo requerem uma imersão na cultura das nações, a redescoberta da sua história, a expansão da sua literatura, o restabelecimento das artes vernáculas e da música.<sup>35</sup> Como já mencionado, as crónicas, os sermões, as liturgias, as baladas, entre outras formas culturais, revelaram-se importantes meios propagandísticos na difusão da nacionalidade. No entanto, para Gellner, o nacionalismo moderno impõe homogeneidade. O nacionalismo não representa o despertar de uma força latente, dormente e antiga. É, na realidade, a consequência de uma nova forma de organização social, baseada em altas culturas (*high cultures*) profundamente interiorizadas, protegidas pelo seu próprio Estado. Usa algumas das culturas já existentes, transformando-as durante o processo de transição.<sup>36</sup>

Os símbolos identitários concorrem para a criação da unidade nacional que constitui um efeito do processo da identificação colectiva com um objecto comum. Os sistemas simbólicos produzem, desta forma, significados sobre a identidade nacional:

The panoply of national symbols only serves to express, represent and reinforce the boundary definition of the nation, and to unite the members inside through a common imagery of shared memories, myths and values. (...) The ideology of nationalism serves to give force and direction to both symbols and movements.<sup>37</sup>

Todo o processo de construção identitária consistiu em determinar o património de cada nação e difundir o seu culto. Podemos, actualmente, estabelecer os símbolos que uma nação deve apresentar:

Uma história que tem continuidade com os antepassados, uma série de heróis modelos das virtudes nacionais, uma língua, monumentos culturais, um folclore, locais eleitos e uma paisagem típica (...), representações oficiais – hino e bandeira e identificações pitorescas – trajes, especialidades culinárias ou um animal emblemático.<sup>38</sup>

*The Lion and the Unicorn* de Orwell representou também uma chamada de atenção para a importância dos símbolos da nação inglesa. O próprio título ilustra bem esse facto. Em tempo de guerra, Orwell apelou para a unidade nacional, para toda uma cultura, salientando a pertinência de uma língua distinta e de memórias comuns que formavam a identidade colectiva.<sup>39</sup>

A nação surgia assim ilustrada, em tempo de crise, com emblemas vários que reforçavam o sentimento patriótico. As fardas dos soldados, a bandeira nacional, o revivalismo de tradições antigas constituíam formas espirituais, subjectivas de encarar a nação. Se considerarmos, no entanto, que a nação constitui parcialmente um artifício social, os símbolos nacionais mais não representam do que meros artefactos para conferir credibilidade ao conceito de nação. Assim, algumas tradições podem ser inventadas e com elas novos símbolos identitários:

To give flesh and blood to this programmatic statement, Hobsbawm and the other contributors give us a series of case-studies of the relatively recent invention of the Highland tradition in Scotland, the cultural revival in Wales, the British coronation ceremony (...) the inventions of traditions in colonial Africa (...) the efflorescence of mass-produced traditions in late nineteenth-century Europe.<sup>40</sup>

Os problemas enfrentados por muitos dos novos Estados em África e na Ásia sugerem que a ausência de tradições, mitos, símbolos e memórias dificulta o processo de integração nacional e que a ideia de uma tradição não pode, nem deve, permitir às elites forjar uma comunidade nacional a partir de populações etnicamente heterogéneas. Quando tal acontece, prevalecem os símbolos, os mitos e as tradições da etnia dominante.<sup>41</sup>

O indivíduo pode, ele próprio, tornar-se um símbolo da sua nação. O desporto ou a música constituem bons exemplos. Em *England, England*, num inquérito dirigido às pessoas sobre as 50 quintessências de “Englishness”, a equipa de futebol *Manchester United* e o *cricket* surgiram no topo da lista.<sup>42</sup>

Entre as duas guerras mundiais do século XX, o desporto, enquanto espectáculo de massas, transformou-se numa sucessão interminável de provas digladiadoras entre pessoas e equipas que simbolizavam Estados-nações. Nesse período, o desporto internacional tornou-se uma dificuldade nacional e os desportistas as expressões primárias das suas comunidades imaginadas.

Também Orwell manifestou algum interesse por este assunto, relatando a animosidade que o desporto provocava entre desportistas de diferentes nações:

I am always amazed when I hear people saying that sport creates goodwill between the nations, and that if only the common peoples of the world could meet on the battlefield. Even if one didn't form concrete examples (the 1936 Olympic Games, for instance) that international sporting contests leads to orgies of hatred, one could deduce it from general principles. (...) In England, the obsession with sport is bad enough, but even fiercer passions are aroused in young countries where games playing and nationalism are both recent developments. In countries like India or Burma, it is necessary at football matches to have strong cordons of police to keep the crowd from invading the field.<sup>43</sup>

Os regimes totalitários aproveitaram-se igualmente de símbolos, de rituais e do seu sentido sagrado em nome de uma política nacionalista. Anne Marie Thiesse chamou-lhe folclore utilitário:

A utilização intensiva do folclore pelos regimes fascista e nazi permitiu-lhes assim celebrar muito ostensivamente o povo nacional. A propaganda hitleriana anuncia constantemente que o capitalismo foi abolido na Alemanha em 1933, e com ele a divisão entre classes antagónicas. O regime vangloria-se de ter feito nascer a verdadeira nação alemã, comunidade unitária que não conhece distinções sociais.<sup>44</sup>

Mais significativos que a propaganda, pelos menos numa escala maior, os modernos meios de comunicação revelaram-se potentes veículos de transmissão de símbolos nacionais. A projecção da monarquia britânica não teria sido possível sem os *media*. As divisões entre as esferas privada e pública deixavam assim de existir.<sup>45</sup>

Em suma, os movimentos nacionalistas, com o intuito de recriar um espírito patriótico, apropriaram-se convenientemente dos símbolos de uma nação para conseguir adeptos dos seus projectos políticos.

#### 4.2. Patriotismo e Nacionalismo

Em “Notes on Nationalism”, Orwell salientou a distinção existente entre nacionalismo e patriotismo, numa tentativa de demonstrar a falta deste último por parte da “intelligentsia” britânica no período da Segunda Guerra Mundial:

Nationalism is not to be confused with patriotism. (...) By patriotism I mean the devotion to a particular place and a particular way of life, which one believes to be the best in the world but has no wish to force upon other people. (...) Nationalism, on the other hand, is inseparable from the desire for power. The abiding purpose of every nationalist is to secure more power and more prestige, not for himself but for the nation or the other unit in which he has chosen to sink his own individuality.<sup>1</sup>

Orwell justificou o uso da palavra nacionalismo para classificar fenómenos como o nazismo. Para o autor, nacionalismo incluía ainda movimentos e tendências como o comunismo, o catolicismo político, o sionismo, o anti-semitismo, entre outros. O sentimento nacionalista podia, assim, manifestar-se de uma forma puramente negativa. Numa certeza de se encontrar no caminho correcto, o nacionalista revelava-se capaz de cometer as maiores desonestidades que o ajudavam a alcançar prestígio e poder, quer fosse em nome de uma nação, de uma classe, de uma raça ou de uma igreja. Orwell mostrou-se, sobretudo, interessado em denunciar o nacionalismo manifestado pela “intelligentsia” inglesa:

In this essay I am concerned with nationalism as it occurs among the English intelligentsia. In them, much more often than ordinary people, it is unmixed with patriotism and can therefore be studied pure.<sup>2</sup>

Nessa crítica ao comportamento pouco ou nada patriótico da “intelligentsia”, Orwell destacou três tipos de nacionalismo florescentes entre os intelectuais ingleses: os nacionalismos positivo, transferido e negativo. O primeiro incluía movimentos como o neo-conservadorismo que considerava indiscutível a superioridade britânica no mundo, o nacionalismo celta, movimento com orientação anti-inglesa e o sionismo, doutrina que tinha por objectivo a formação de um Estado israelita independente na Palestina. O segundo tipo implicava uma transferência de lealdades nacionais. Os fundadores de grandes movimentos nacionalistas, como Hitler, Napoleão, de Valera e Disraeli, eram estrangeiros nos países que os acolheram e, no entanto, glorificaram essas nações. Tal fenómeno acontecia pelo facto de, dessa forma, o intelectual conseguir ser mais nacionalista, mais vulgar e mais desonesto no país adoptivo do que no seu país de origem.<sup>3</sup> Numa frase, Orwell resumiu o sentido desse tipo de nacionalismo:

Transferred nationalism, like the use of scapegoats, is a way of attaining salvation without altering one's conduct.<sup>4</sup>

O comunismo, forma dominante entre a “intelligentsia”, inseria-se nesse tipo, tal como o catolicismo político e o pacifismo. O nacionalismo negativo incluía movimentos como anglofobia, anti-semitismo, trotskismo, tendo todos eles por base uma hostilidade em

relação a determinado objecto. Atentemos no fenómeno do anti-semitismo. Apesar de existirem poucas provas na altura em que Orwell escreveu "Notes on Nationalism" (1945), a guerra desencadeou uma onda de solidariedade e apoio para com os judeus, oprimidos pelos alemães nazis. Todavia, Orwell acreditava que alguns intelectuais, embora por vezes de forma dissimulada, suspeitavam que os judeus causavam uma influência negativa na moral e cultura nacionais. Orwell definiu o anti-semitismo como um sinal da doença chamada nacionalismo, expressando indignação perante esse mal:

The point is that something, some psychological vitamin, is lacking in modern civilization, and as a result we are all more or less subject to this lunacy of believing that whole races or nations are mysteriously good or mysteriously evil.<sup>5</sup>

Também em "Inside the Whale" o autor apresentou uma explicação para o fenómeno do comunismo entre os intelectuais ingleses:

The communism of the English intellectuals is something explicable enough. It is the patriotism of the deracinated.<sup>6</sup>

Com estes argumentos, Orwell demarcava claramente uma diferença entre nacionalismo e patriotismo, alegando que, na busca de poder, os intelectuais renunciavam a valores importantes na vida de uma nação, tais como o patriotismo, a religião, o império e a família. Orwell apontou a queda do patriotismo e a ausência de fé como as causas para a contaminação nacionalista, apresentando, de seguida, soluções para esse problema:

If you hate and fear Russia, if you are jealous of the wealth and power of America, if you despise Jews, if you have a sentiment of inferiority towards the British ruling class, you cannot get rid of those feelings simply by taking thought. But you can at least recognize that you have them, and prevent them from contaminating your mental processes.<sup>7</sup>

Se tivermos em conta que patriotismo significava para Orwell a devoção a algo que, apesar da mudança, era sentida misticamente a mesma, não poderemos vislumbrar uma

aproximação ao nacionalismo, uma vez que essa devoção pode, eventualmente, transformar-se num sentimento obsessivo?

Patriotism is in political life what faith is in religion, and it stands to the domestic feelings and to homesickness as faith to fanaticism and to superstition. (...) But in its real political character, patriotism consists in the development of the instinct of self-preservation into a moral duty which may involve self-sacrifice. (...) The great sign of true patriotism, the development of selfishness into sacrifice, is the product of political life.<sup>8</sup>

Gellner defendeu a tese de que o nacionalismo representa uma espécie de patriotismo distinguido apenas por algumas características determinantes, como homogeneidade, alfabetização e anonimato:

It is the establishment of an anonymous, impersonal society, with mutually substitutable atomized individuals, held together above all by a shared culture of this kind, in place of a previous complex structure of local groups, sustained by the micro-groups themselves.<sup>9</sup>

Conotado de início em França com o espírito revolucionário, o nacionalismo enquanto política ideológica, nasceu da fusão de um sentido pré-existente de herança étnica com os ideais revolucionários da participação popular e autonomia protagonizados pelos intelectuais e pela classe média.<sup>10</sup>

O patriotismo, de cariz revolucionário popular, assentava no Estado e não no nacionalismo, uma vez que exercia o poder em nome do povo. Durante a Revolução Francesa, consideravam-se patriotas aqueles que demonstravam amor pelo seu país através da vontade de o renovarem por meio da revolução ou da reforma. A nação, criada pela escolha política dos seus membros, era a pátria à qual deviam lealdade. A democratização da política, que implicava a criação do Estado moderno e o aumento do voto masculino, envolvia, assim, o conceito de *patrie*.<sup>11</sup>

A palavra pátria tem, contudo, uma origem mais antiga que patriotismo. Este último remonta apenas ao século XVIII. Pátria, por seu lado, foi buscar as suas raízes na Roma antiga. Símbolo de todos os valores – morais, religiosos, políticos e éticos – a pátria era

adorada pelos soldados e cidadãos. "Patriot" entrou no vocabulário inglês, através do empréstimo francês, no século XV, tendo sido apropriada para vários objectivos políticos alterando, dessa forma, o significado original de amor por um país.<sup>12</sup>

Não é demais lembrar a importância da Reforma como contributo determinante na formação de um carácter nacional bem definido. A ideia de nação eleita e a aversão ao catolicismo fomentadas por Isabel I, representadas na própria imagem que a Rainha deixava transparecer, contribuíram para a defesa de ideais protestantes, conferindo, acima de tudo, um sentimento patriótico a todos os membros da nação inglesa. A Revolução Gloriosa de 1688 representou igualmente um marco na transformação do patriotismo. A retórica política *Whig* criou a emergência de um discurso político baseado em valores patrióticos. Ser patriota ligava-se a dois princípios políticos: primeiro, a defesa da liberdade e dos direitos dos ingleses contra a tirania, a constituição da Inglaterra contra o Rei e a corte e a posição *Whig* oposta às sensibilidades conservadoras ou *Tory*. O segundo princípio considerava patriota aquele que se martirizava pela sua pátria, na luta contra os excessos e tirania do Rei.<sup>13</sup>

No século XX, o nacionalismo passou de um conceito associado ao liberalismo e à esquerda para um movimento chauvinista, imperialista e xenófobo.<sup>14</sup> O Congresso de Viena em 1815 marcou o início dessa mudança. A guerra de 1914-18 firmou o triunfo do nacionalismo de Estado na sua plenitude, representando um sinal de união patriótica que ligava concepções, até então opostas, de nação. Contudo, 1917 constituiu a data da terceira viragem do nacionalismo. A ideia de as pequenas nacionalidade poderem formar um espaço soberano surgia, depois da Primeira Guerra Mundial, como acessória e improvisada.<sup>15</sup>

O nacionalismo dos Estados-nações estabelecidos dominava na Europa entre as guerras da primeira metade do século XX. A ideologia nazi, ao exaltar o povo, desqualificou o velho nacionalismo de Estado. O nacionalismo não era mais considerado como procedendo de uma adesão pessoal, mas derivando de uma soberania em nome do destino comum.<sup>16</sup> A transferência de sentimentos nacionalistas para a linguagem do patriotismo permitiu uma submersão da retórica patriótica no vocabulário emergente do Estado e da nação. O patriotismo, apropriado pelas doutrinas partidárias nacionalistas, perdia, assim, o seu significado original, o de amor pela nação.

A partir de 1950 o nacionalismo deixou de assumir a força histórica que conseguira entre a Revolução Francesa e o fim do colonialismo imperialista após a Segunda Guerra

Mundial.<sup>17</sup> Na realidade, Eric Hobsbawm considera que o nacionalismo, no presente, não constitui mais um programa político global. Representa, no máximo, um factor de complicação ou um catalisador para outros desenvolvimentos.<sup>18</sup> Não obstante, a situação vivida nos Balcãs revela que o preconceito nacionalista continua ainda a ser o germe de destruição nesse território tão diverso a todos os níveis.

A fusão do patriotismo no nacionalismo, ou mesmo o reconhecimento do nacionalismo como uma espécie de patriotismo, revelou que se perdeu contacto com a história, com o passado real no qual verdadeiros patriotas se mantinham fiéis a uma série de princípios políticos que tinham como objectivo primário a defesa dos interesses dos membros de uma comunidade.<sup>19</sup>

O nacionalismo, disfarçado de patriotismo, convence toda uma nação da existência de outros grupos e outras culturas, que não a dominante, alertando ainda para a possibilidade de colocar em risco uma identidade colectiva definida pela geografia, etnicidade, pela mesma língua ou religião. O nacionalista começa então a construir obstáculos para evitar a entrada de estranhos.

Também Orwell pegou nestes princípios, invertendo-os. Ou seja, o autor, ressaltando diferenças entre patriotismo e nacionalismo, defendeu a criação de um muro defensivo contra as políticas totalitárias, tendo por base o sentimento nacional, os laços patrióticos que uniam todos os britânicos em tempo de guerra. Para Orwell, a situação de crise exigia uma necessidade espiritual de patriotismo, não como uma força negativa e xenófoba, mas como um sentimento capaz de unir uma nação multicultural em nome de uma identidade colectiva.

Em *The Lion and the Unicorn*, que a seguir se apresenta mais detalhadamente, Orwell, alertando para o perigo das demagogias nacionalistas, convidou o povo britânico a comungar do espírito patriótico que formava a “Englishness”.

### 4.3. *The Lion and the Unicorn* e a Questão da “Englishness”

#### 4.3.1. 1940 e *The Lion and the Unicorn*

1940 representa, no presente, para muitos ingleses, uma data que marcou profundamente a sociedade britânica a todos os níveis. Por um lado, foi uma altura em que Londres enfrentou os horrores de um bombardeamento nazi e viu grande parte dos monumentos históricos parcial ou completamente destruídos. Por outro, o “Blitz” provocou uma grande onda de solidariedade e de concórdia entre toda a população britânica. Gente de todas as classes sociais sentiu que nesse momento de grandes dificuldades a unidade fá-la-ia mais forte e resistiria, por conseguinte, aos perigos do totalitarismo nazi.

Em 1940 a nação britânica estava sozinha. Geograficamente isolada, a Grã-Bretanha viu cerceado o contacto com o resto da Europa, tendo consequentemente que suportar mais essa batalha de uma forma solitária, sem qualquer apoio militar de países vizinhos.

Em 1940, face ao medo da destruição completa e ao receio de subjugação ao poder nazi, a ideia de comunidade surgiu mais vincada do que nunca:

(...) it was with the Blitz which made the community story a principal element in the interior monologue of the nation, harking back to a time when life was tougher but people showed their best sides. They portray a matriarchal world dominated by hard-pressed but gritty women, pitted against ‘outsiders’ – invariably men, or at least, patriarchal forces – who threaten their property, their families and their way of life.<sup>1</sup>

A capacidade de resistência dos britânicos aos ataques aéreos alemães, realçou, deste modo, a força e a audácia do povo britânico. A expressão ‘We happy few’, tão frequentemente lida em textos sobre essa época específica, era sinónimo de coragem, de persistência e de liderança.<sup>2</sup> Os que resistiram com bravura às dificuldades da guerra formavam os escolhidos na luta contra o mal e na restituição do bem num país debilitado economicamente.

Por conseguinte, considera-se hoje 1940 como um episódio pertencente à mitologia nacional. Se tudo o que é passível de um discurso pode ser um mito, então os acontecimentos de 1940 representaram, desde logo, uma mensagem para os britânicos e

para o resto do mundo.<sup>3</sup> 1940 transformou-se, assim, num modo de significação, numa ideia:

All nations are places of the mind: the idea of England, the myth is what informs its laws, its politics and its art.<sup>4</sup>

No discurso político popular, 1940 constituiu também o alicerce do mito da Grã-Bretanha moderna.<sup>5</sup> O mito de uma nação unida, heróica, decente e progressista surgiu logo depois da crise e as implicações dessa quimera foram essencialmente políticas. Por um lado, a Esquerda considerou 1940 como o momento em que o Partido Trabalhista mostrou o que valia na luta contra o fascismo, liderado por ministros trabalhistas que demonstraram a capacidade de liderança necessária para guiar a nação para a paz e para o progresso. A Direita, por seu lado, considerou 1940 como o momento em que o colectivismo trabalhista usurpara a posição justa obtida pelos conservadores.<sup>6</sup>

Segundo Barthes, o mito não esconde e não ostenta nada, apenas deforma. O mito é uma inflexão, ou seja, não é nem uma mentira nem um manifesto. Enquanto sentido, o mito é uma mensagem que, com o passar dos anos, adquire novas formas.<sup>7</sup> Também o mito de 1940 gerou diferentes interpretações e renovadas leituras:

The first interpretation stresses the significance of the national family. It highlights notions of community and rescue in the little boats at Dunkirk, in the factory workers who worked day and night to produce the spitfires, (...) in the role of the community heroes of the Blitz. (...) The other is more obviously masculinist, stressing male heroism in terms of national defiance rather than mere defence and protection, (...) the significance of 'the few' in the Battle of Britain, the bulldog spirit of Churchill and his flowing, nationalistic rethoric, focusing Britain as the champion of liberty while the other democracies failed or dithered.<sup>8</sup>

Esta noção de família unida foi também explorada por Orwell em *The Lion and the Unicorn*, publicado logo a seguir ao "Blitz", em 1941:

England (...) is a family. It has its private language and its common memories, and at the approach of an enemy it closes its ranks.<sup>9</sup>

Perante o isolamento em que a Inglaterra se encontrava depois da queda da França e antes da invasão da Rússia pelos alemães, Orwell escreveu essa obra com um propósito muito específico: oferecer soluções baseadas num programa socialista para os problemas da guerra.

Bernard Crick apresentou sucintamente o conteúdo primeiro desta obra:

Thus the Crypto-pacifist of "Not Counting Niggers" was reborn as the revolutionary patriot of *The Lion and the Unicorn*, a work which was to expand the themes greatly – the only book that has ever been written about the possibility of revolution in terms of national character.<sup>10</sup>

Na verdade, Orwell analisou as características nacionais distintivas do povo inglês, como uma forma oportuna de realçar o poder do patriotismo, defendendo que os socialistas deveriam usar esse elemento na mitologia popular para, assim, ganhar apoio das massas.<sup>11</sup>

*The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius* divide-se em três partes. Muito resumidamente, na primeira parte, "England, Your England", Orwell descreveu o carácter nacional; na segunda, "Shopkeepers at War", apresentou o seu programa socialista, focalizando a atenção no sistema de classes e, por último, na terceira parte, "The English Revolution", Orwell sublinhou a peculiar forma inglesa que a revolução por si proposta iria tomar.

Todavia, e uma vez que o objecto do nosso estudo neste capítulo é a relação de Orwell com a "Englishness", a primeira parte desta obra será privilegiada agora; as partes dois e três serão abordadas em capítulos posteriores.

Urge, porém, antes de uma análise mais aturada de *The Lion and the Unicorn*, tentar definir genologicamente a obra. A problemática surgiu da leitura de diferentes críticos de Orwell que, inevitavelmente, se referiram a *The Lion and the Unicorn* pela importância que teve em Inglaterra no período da Segunda Guerra Mundial.

Críticos como Raymond Williams, Peter Davison e Stephen Ingle, por exemplo, designaram a obra como um longo ensaio. Jeffrey Meyers, por outro lado, apresentou a seguinte caracterização:

The first of a series of Searchlight booklets which offered socialistic solutions to wartime problems, analyses the distinctive cultural

characteristics and class structure of England at the same that it attacks the political system from a Left-wing point of view.<sup>12</sup>

A classificação mais arrojada foi, talvez, a de Crick que classificou a obra como um panfleto político:

*The Lion and the Unicorn* is a marvellous piece of polemical prose, as good as anything in the collection of British Pamphleteers which he jointly edited. But it has to be judged as a pamphlet.<sup>13</sup>

Longo ensaio, folheto ou panfleto, *The Lion and the Unicorn* constituiu para os críticos uma análise profunda da sociedade e política inglesas, criando uma Inglaterra cujos valores assentavam na decência e na simplicidade da gente comum:

He did not merely write about the manners of the English but attempted to assess the matter of Britain in the light of our history: who we were and what we should do as a people. He offered a sociological stocktaking both patriotic and radical, worrying about what was happening to England, the degradation and selfishness of its inhabitants (...); but always having hope in the common sense of the common people and pleasure in their pastimes.<sup>14</sup>

De facto, “England, Your England” popularizou uma versão da Inglaterra com o objectivo de implementar mudanças no sistema socioeconómico e político da Inglaterra durante e depois da guerra.<sup>15</sup> ‘A family with the wrong members in control’ foi, porventura, a frase que resumiu o estado político em que a Inglaterra se encontrava.<sup>16</sup> Perante a crise de valores da comunidade, Orwell pretendia encorajar os seus compatriotas que, afinal, constituíam parte dessa família, a suportar as dificuldades da guerra, enaltecendo as virtudes do povo inglês e salientando a união da família em tempo de contenda.

Contudo, o que Orwell anunciou, contrariamente a D.H.Lawrence, foi apenas uma versão, um sonho, uma utopia:

For “England, my England” is an assertion, a declaration of independence, a challenge. “England, your England”, by contrast, is a version, a story, a dream.<sup>17</sup>

A Inglaterra de D. H. Lawrence representava uma Inglaterra mais real e do foro privado. A apropriação egoísta de Lawrence do seu país deixava transparecer um desafio pessoal e, talvez, menos pretensioso que o de Orwell. A “England, Your England” representava um apelo a uma nação para fazer renascer os valores tradicionais que iriam contribuir para o estabelecimento de alguma ordem numa nação idealizada por Orwell.

Segundo Williams, Orwell passou por duas fases de resposta à Inglaterra. A primeira estava relacionada com o mito da sua infância, o mito da família que destoava com a desilusão e os contrastes vários a que Orwell assistiu quando do seu regresso de Burma. Mas numa segunda fase, Orwell criou um novo mito que parecia eficaz, o mito de uma Inglaterra baseada na decência, uma Inglaterra real com os olhos postos no futuro e relembrando a glória do passado.<sup>18</sup>

*The Lion and the Unicorn* tornava-se, na prática, no móbil para a consolidação desse mito, em que Orwell pretendia evidenciar o patriotismo e a lealdade nacional como forças positivas. O próprio autor afirmou que os mitos assimilados e tidos como verdadeiros tendiam a tornar-se realidade, pelo facto de estabelecerem um tipo ou ‘persona’ que o mais comum dos mortais tentaria imitar. Tendo essa teoria do mito como base, Orwell explicou assim o comportamento da população britânica durante os acontecimentos de 1940:

(...) it is probable that the stolid behaviour of the British town populations under bombing was partly due to the existence of the national ‘persona’ – that is – to their preconceived idea of themselves.

Traditionally, the Englishman is phlegmatic, unimaginative, not easily rattled: and since that is what he thinks he ought to be, that is what he tends to become.<sup>19</sup>

Logo no início de “England, your England”, Orwell descreveu a Inglaterra tendo em conta as especificidades de um país distinto de todos os outros:

When you come back to England from any foreign country, you have immediately the sensation of breathing a different air. (...) The beer is

bitterer, the coins are heavier, the grass is greener, the advertisements are more blatant.<sup>20</sup>

Esta imagem impôs, desde logo, uma diferença quanto ao resto do mundo. Ou seja, Orwell baseou-se numa comparação de superioridade para enaltecer uma cultura singular.

Todavia, antes de continuar a descrever as qualidades nacionais, Orwell levantou uma questão pertinente: “Are there really such things as nations? Are we not 46 million individuals, all different?” Como chegar a um padrão no meio de tanta diversidade?<sup>21</sup>

The clatter of clogs in the Lancashire mill towns, the to-and-fro of the lorries on the Great North Road, the queues outside the labour exchanges, the rattle of pintables in the soho pub, the old maids biking to Holy Communion through the mist of the autumn morning.<sup>22</sup>

Estas características tão contrastantes formavam o carácter inglês, constituíam os fragmentos típicos da cultura inglesa.

#### 4.3.2. “Englishness” e “Britishness”

Para Otto Bauer, o carácter nacional representava o complexo das qualidades mentais e físicas que distinguiam uma nação de outras. Além disso, o carácter nacional era passível de mudança. Em alturas precisas, os membros de uma nação estavam assim ligados pelos mesmos traços distintivos que os definiam enquanto comunidade.<sup>23</sup>

Orwell, consciente dessa concórdia entre todas as classes sociais em tempo de crise, realçou precisamente o sentimento patriótico partilhado por todos:

The English are a sleep-walking people (...) because in time of crisis they draw together and act upon a series of instinct, a code of conduct which is understood by almost everyone, though never formulated.<sup>24</sup>

Os ingleses eram, por conseguinte, diferentes dos espanhóis, dos franceses ou dos alemães, por exemplo:

They are not as musical as the German or Italians, painting and sculpture have never flourished in England as they have in France (...). But they have a certain power of acting without taking thought. Their world-famed hypocrisy – their double-faced attitudes towards the Empire, for instance – is bound up with this.<sup>25</sup>

Na realidade, o Império britânico deu aos ingleses a oportunidade de se sentirem uma vez mais abençoados. Quanto maior fosse o sucesso, mais glorioso seria o seu percurso. Desta forma, os ingleses foram invadidos por um sentimento de superioridade perante os outros povos:

(...) what gave the British Empire its belief was the delusion that it was driven by a moral purpose, that there was a God-ordained duty to go out and colonize those places unfortunate enough not to have been born under the flag. The assumptions of superiority became an article of faith.<sup>26</sup>

A “Englishness” e o “English Spirit” não eram assim apenas a preocupação de uma cultura política, mas também das instituições e práticas de uma política cultural.<sup>27</sup> O desejo de “Englishness”, a possibilidade de “Englishness” estavam inscritos na tradição de um discurso especificamente inglês, encontrando no passado histórico o fundamento da sua autenticidade.<sup>28</sup>

Easthope filiou esse discurso na tradição empírica inglesa, opondo-a à tradição racionalista francesa. O objectivo deste autor consistia em revelar a identidade nacional como um efeito discursivo e como parte da cultura, e não da natureza. Empiricamente, cada um de nós representava, para o autor, um número de identidades. Além da família, as identidades estendiam-se a outros círculos, nomeadamente ao trabalho, ao entretenimento, às etnias e a outras sub-identidades culturais.<sup>29</sup> Para o autor, a unidade nacional constituía um efeito do processo da identificação colectiva com um objecto comum, sendo considerada uma consequência imaginária da acção simbólica que a produzia. Neste sentido, a identidade nacional surge quando um conjunto de significantes adquire significado atribuído durante o processo de invenção.<sup>30</sup>

Para Stuart Hall, a identidade constituía um processo de articulação, um processo de reconhecimento de uma origem comum ou de características partilhadas dentro de um grupo ou de uma comunidade:

Identities are therefore constituted within, not outside representation. They relate to the invention of tradition as much as to tradition itself (...). They emerge within the play of specific modalities of power, and thus are more the product of the marking of difference and exclusion, than they are the sign of an identical, naturally-constituted unity – an identity in its traditional meaning (that is, an all-inclusive sameness, seamless, without internal differentiation).<sup>31</sup>

Como Edwin Jones afirmou, todos nós somos afectados pela história, tanto na vertente de memória individual como na colectiva de uma nação, que assim nos confere um sentido de identidade com uma comunidade. Atendendo ao facto de a memória constituir uma das influências mais profundas sobre o nosso modo de pensar e de comportamento, sobre os valores explícitos e os pressupostos implícitos, torna-se decisivo averiguar o maior ou menor carácter fidedigno das perspectivas consubstanciadas na memória nacional. Afigura-se-nos, por isso, pertinente o objectivo de Edwin Jones em demonstrar a falsidade da perspectiva tradicional do passado inglês, criada deliberadamente pelos monarcas da dinastia Tudor:

This national memory became so deeply embedded in the mind of most English people that it became part of English folklore and one of the most powerful assumptions of thought operating on the behaviour and outlook of the English people for over four centuries.<sup>32</sup>

Efectivamente, as recordações nem sempre ajudam na procura eficaz da identidade de um indivíduo ou de uma comunidade que busquem no passado as suas origens. Uma memória falsa pode conduzir a um sentido erróneo de identidade.<sup>33</sup> A separação da Igreja Católica Romana por parte de Henrique VIII, com a Lei da Supremacia em 1534, e o conseqüente período da Reforma, foram o rastilho da mudança de atitude da Inglaterra relativamente à religião e à Europa. A Inglaterra tornou-se nacionalista e insular e a imagem de nação eleita começava a ser construída. A versão oficial, assente no erastianismo e no nacionalismo, glorificava a monarquia Tudor, identificando-a com a vontade de Deus.<sup>34</sup>

A Reforma trouxe conseqüências para a Inglaterra, nomeadamente o estabelecimento de um Estado-nação independente que estaria isolado da Europa até 1973 e

a adopção da primazia do Soberano sobre a Igreja. Os dois conceitos – nacionalismo e erastianismo – formaram os grandes pilares em que assentava a versão oficial da Reforma e do passado inglês:

(...) the birth of modern English nationalism is to be found in the preambles to these two statutes, which were to separate the English from western Christendom and provide them with a new identity, derived from a new view of their past (...). The Reformation brought a separation and isolation from the mainland, creating the conditions within which the old and patriotic love of their country – their sense of Englishry – was turned into an ugly and aggressive xenophobia.<sup>35</sup>

Com efeito, a legislação aprovada apresentava a primeira versão oficial da história de Inglaterra, descrevendo o povo inglês como independente, excepcional no carácter e distinto das outras nações da Europa e do resto da Cristandade. Logicamente, um sentido de superioridade e a noção de povo eleito foi-se enraizando nas mentes dos ingleses. A este propósito, Jones traçou uma dissemelhança entre patriotismo, ou seja, o sentido de “Englishry” – que datava de Bede no século VII – e o nacionalismo mais recente, resultante da Reforma, que considerava os outros países como inferiores, particularmente a Espanha católica e menos a França. Essa discriminação já não se aplicava aos holandeses, também eles protestantes.<sup>36</sup> Na realidade, encarava-se o patriotismo como um sentimento nobre, enquanto que o nacionalismo estava aliado à convicção de que o povo inglês era superior a todos os outros.

A superioridade inglesa evidenciou-se na necessidade de liderar o mundo e, para alcançar esse objectivo, afigurava-se essencial que a Inglaterra se encontrasse:

To execute properly that leadership in the world's affairs ordained for it, England needed to be united (...). This call for unity, required by England's special identity and role, was to be another feature of English history in times of conflict down to the middle of the century.<sup>37</sup>

O Império britânico patenteava a força e a influência dos ingleses no mundo e expressava ainda o propósito moral de submeter as colónias à identidade britânica. O poder da versão dominante da “Englishness” nos territórios colonizados baseava-se na habilidade

de os britânicos se representarem aos outros e esses outros a eles próprios. Tal imagem funcionava através de um processo de mudança dos elementos da vida cultural dessas colónias.<sup>38</sup> Dito de outra forma, os britânicos, na tentativa de subjugar as colónias à sua cultura, criaram um ideal de identidade nacional patenteado nos símbolos, rituais e outros artefactos da nação inglesa, que os povos colonizados se viram conduzidos, muitas vezes de uma maneira forçada, a usar. Consequentemente, o modo de ser britânico tornar-se-ia um modelo para o resto do mundo:

The British Empire was the greatest in the world. It was run from England. Ergo, Englishmen were superior to other races. Had the club not been so exclusive, had the English ideal not become so closely tied up with the need to Empire-build, they might have found it easier to cope with the country's reduced status in the world. As it was, the end of the imperium seemed to suggest that there was no place for the Englishman – or woman in the world.<sup>39</sup>

A Inglaterra firmou, desde os finais da Idade Média, um domínio e uma supremacia relativamente às outras nações que posteriormente integraram o Reino Unido. Jones indicou apenas alguns acontecimentos que projectaram a imagem distinta da nação inglesa no mundo:

He (*Alfred the Great*) adopted Bede's concept of a single English people and created a cultural self-image for the English, placing christian values at its centre, as the basis for its future survival. (...) The Norman conquest in 1066 simply reinforced England's position as part of Europe (...). Bede's *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (...) is a landmark in the development of English nationality.<sup>40</sup>

Assistimos, portanto, ao estabelecimento e a uma constante reinvenção da identidade inglesa e da sua cultura nacional. Todavia, foi só no século XVIII que a ideia de identidade nacional ganhou mais solidez. Tal facto deveu-se não apenas aos sentimentos patrióticos que se manifestaram durante o período das revoluções do século XVIII, mas reflectiu também o sucesso comercial, fruto da expansão colonial, que a Grã-Bretanha gozou nesse período.<sup>41</sup>

Na realidade, nos períodos de maior ameaça, a Inglaterra viveu os momentos de maior união e patriotismo. As guerras napoleónicas reflectiram esses sentimentos. Nesta lógica, a vitória de Lorde Nelson na batalha de Trafalgar representou mais um marco importante na vida nacional.

Contudo, só a partir de meados de século XIX é que a consciência nacional surgiu revigorada. Segundo Julia Stapleton, nessa época específica, estimulava-se o sentido de uma nação inglesa homogénea patente num nacionalismo imperial. O indivíduo passava a ser membro da nação com uma identidade nacional bem definida.<sup>42</sup> Esta última saía reforçada pelo sistema democrático implantado na Grã-Bretanha, fundado em valores liberais, pela derrota na guerra *Boer* que obrigou os britânicos a explorarem e protegerem os recursos internos e pelo desenvolvimento de uma política proteccionista.<sup>43</sup>

Com a queda do Império iminente no início do século XX, os ingleses não encontraram outra solução excepto a de se virarem para dentro das fronteiras nacionais, explorando as potencialidades culturais e sociais de uma nação que outrora fora exemplar para o mundo:

Whether in the realm of politics or commerce, the English Nation was considered destined to make an ineradicable impression upon an apparently boundless world. After 1918, however, this image lost much of its appeal. Revulsion from war combined with a weariness of empire to force a retreat of the English imagination to more local, familiar and domestic context. (...) This emphasized the marked introspectiveness, modesty and quiet pleasure taken by the English in their home environments. In addition, the English were considered a characteristically light-hearted people, yet with a strong propensity to act in accordance with inherited duties.<sup>44</sup>

Deste modo, novos discursos sobre a identidade nacional foram forjados através de processos de invenção, de mudança e do restabelecimento de símbolos que constituíram o renovar da identidade inglesa em finais do século XIX.<sup>45</sup> Muitas das instituições e tradições culturais e educacionais foram criadas na última parte do século XIX, designadamente *The New English Dictionary* e o *Dictionary of National Biography*, publicados nesse período. Novas disciplinas como Literatura Inglesa e História passaram a ser obrigatórias. A grande preocupação dos historiadores ingleses consistia em celebrar o

notável sucesso da história nacional. O passado inglês representava ainda uma crónica de liberdade, de autonomia e de expansão imperial, considerando a Reforma e a Revolução Gloriosa de 1688 como os grandes fundadores dessa narrativa.<sup>46</sup> Prevalencia ainda a versão *Whig* da História que celebrara uma identidade nacional baseada nas noções de superioridade e de povo eleito.

No entanto, os textos académicos focavam apenas a versão oficial controlada por um grupo especializado que pretendia, através do ensino, disseminar a identidade nacional:

The dominant English cultural idea of the late nineteenth century was then sited in certain institutions which underwent transformation, served 'national' not local needs, gained authority to define themselves and others, and inculcated appropriate (male) behaviour defining its function in and to the national culture.<sup>47</sup>

Por conseguinte, os nacionalismos provincianos deveriam ser vistos como importantes contributos culturais para a civilização inglesa. Os povos marginalizados – os irlandeses, os escoceses e os galeses, eram convidados a integrar essa cultura nacional. Os ingleses tinham, de facto, o poder para definir o papel da cultura inglesa na sociedade britânica no passado e no presente. No período de 1880-1920, a convicção de que a cultura inglesa remontava ao passado constituía já um dado indiscutível. Os atributos do povo inglês, herdeiro de características nacionais assentes no passado, tornavam-se reconhecidos como importantes valores para o desenvolvimento do saber nacional. A diversidade cultural formava apenas mais uma peça de um mosaico ilustrado já bem definido.<sup>48</sup>

A anexação oficial do País de Gales, da Escócia, e da Irlanda em 1536, 1707 e 1801, respectivamente, criou os conceitos de Grã-Bretanha e de Império britânico, ambos liderados pela Inglaterra. Estes projectos representavam a procura da uniformidade política em detrimento de uma verdadeira aliança de culturas.<sup>49</sup>

Segundo Monserrat Guibernau e David Goldblatt, a Lei da União (*Act of Union*) de 1707 instituiu a "Britishness". Desta forma, a identidade nacional britânica foi inventada e erigida à volta de cinco grandes pilares: a geografia, a religião, a guerra, o império e a monarquia. Todos estes factores fundamentavam as condições ideais para o estabelecimento de uma identidade nacional britânica sólida.<sup>50</sup> Todavia, "Britishness"

surgiu sempre alinhada com “Englishness”. Nem uma nem outra poderiam ser consideradas fenómenos distintos, mas antes o produto de desenvolvimentos culturais cruzados:

(...) neither Englishness nor Britishness is to be understood primarily as an abstract cultural construct devised by an increasingly powerful state as a means of controlling citizens of uncertain loyalty whose allegiance is required. Englishness, patriotism and a sense of national identity each have long but ambiguous histories, which ‘the ruled’ helped to formulate. Cultural hegemony as a concept always had greater theoretical attractiveness than practical application; it is of very little use in discussing British national identity.<sup>51</sup>

A confusão entre “Britishness” e “Englishness” permaneceu até aos dias de hoje. Ser inglês representa uma identidade mais enraizada. “Britishness” é mais imperial, formal e remota:

For most people who see themselves as both English and British, being English is probably the stronger emotional identity. ‘Do you feel more English or British?’ spontaneous answer: ‘English’ This identity is not new. It is very old. There has been an England for more than a thousand years. It has not just been ‘socially constructed’ with ‘invented tradition’ (...) but also really existing, politically, legally, financially, and in a language and symbols of a Kingdom.<sup>52</sup>

A amálgama entre “Englishness” e “Britishness” e a ansiedade de decifrar a identidade britânica foi reforçada por três factores internos. Primeiro, a Grã-Bretanha foi sempre caracterizada pela sua multiculturalidade e multi-etnicidade. Segundo, os nacionalismos emergentes na Escócia e no País de Gales desde 1970 e os contínuos conflitos na Irlanda do Norte levaram a que muitos comentadores previssem o fim do Reino Unido como Estado-nação. Por último, muitas instituições que pareceram constituir durante muito tempo o baluarte da identidade e sucesso nacionais perderam o seu objectivo e a confiança do público, nomeadamente a Monarquia, o Parlamento, a Igreja de Inglaterra e a Polícia.<sup>53</sup>

O descrédito relativamente a estes símbolos nacionais reflectiu também a crise de identidade que muitos britânicos hoje vivem e a necessidade de estabelecer fronteiras identitárias tornou-se cada vez mais urgente e inevitável:

For the Scots, the Welsh and ( more complicatedly) the Irish, European supranationalism offers a potential escape route from their already hateful cultural dominion by England. (...). For the first time, England would have to acknowledge the distinction between Britain and England and make explicit what English identity is. Yet its prime characteristic is its unstatedness. That is why a bill of rights, in undermining the English common law tradition of liberty by codifying freedom and making it politically contingent along the lines of European model, strikes some defenders of that ancient tradition as unacceptable. Englishness and Britishness tend to be as much as anything a habit of mind.<sup>54</sup>

Stuart Hall defendeu que, apesar da proliferação das diferenças culturais dentro do Reino Unido, do carácter multi-étnico da nova Grã-Bretanha e da ameaça do ressurgimento de uma identidade europeia, a construção de um significado exclusivo e fechado de “Englishness” foi levada a cabo como uma forma ou como uma recusa de viver com a diferença.<sup>55</sup> Tal perspectiva anglocêntrica permaneceu até hoje e a História, que foi buscar ao passado as marcas da nação inglesa, testemunhou, principalmente entre o século XVIII e as primeiras décadas do século XX, o auge do Estado-nação britânico, do Reino Unido e do Império britânico, mas a Inglaterra sempre assumiu uma posição de supremacia.<sup>56</sup>

### 4.3.3. *The Lion and The Unicorn* e o Socialismo

Neste contexto, também Orwell celebrou em *The Lion and the Unicorn* a “Englishness” e as particularidades do povo inglês.<sup>57</sup> Consciente da dúvida que os dois termos suscitavam, Orwell tentou encontrar cabimento para o uso mais frequente de “Englishness” em vez de “Britishness” e defendeu a teoria da nação única, de uma cultura inimitável:

I have used the word 'England' oftener than 'Britain' as though the whole population dwelt in London and the Home Counties and neither north nor west possessed a culture of its own. (...) We call our islands by no less than six different names, England, Britain, Great Britain, The British Isles, the United Kingdom and, in very exalted moments, Albion. Even the differences between north and south England loom large in our eyes. But somehow these differences fade away the moment that any two Britons are confronted by a European.<sup>58</sup>

Apesar de reconhecer diferenças económicas num sistema de classes bem definido, Orwell evidenciou o facto de todos pertencerem à mesma família:

Economically, England is certainly two nations, if not three or four. But at the same time the vast majority of the people feel themselves to be a single nation and are conscious of resembling one another (...).<sup>59</sup>

Mais uma vez, a ênfase posta na metáfora da família contribuiu para dar alento a uma comunidade preparada para defender a nação. Orwell construiu um discurso da identidade nacional baseado na unidade e singularidade de um povo. Destacou, por conseguinte, o carácter inglês para poder alcançar os seus objectivos políticos, isto é, Orwell evocou uma cultura nacional pertencente a todos que a partilhavam, que a viviam e, apesar de não a poupar a críticas, realçou a união de uma família capaz de ultrapassar as dificuldades com bravura e coragem:

(...) it is your civilization, it is you. However much you hate it or laugh at it, you will never be happy away from it for any length of time. The suet puddings and the red-pillar boxes have entered into your soul. Good or evil, it is yours, you belong to it, and this side the grave you will never get away from the marks that it has given you.<sup>60</sup>

As marcas civilizacionais do território inglês reflectiam, efectivamente, o carácter nacional. Por um lado, o gosto pela jardinagem, pelo coleccionismo, pelos 'puzzles', pelo 'pub', pelo jogo de futebol e pelo 'nice cup of tea' integravam apenas algumas marcas que Orwell mencionou na sua descrição das características nativas. Por outro lado, a cultura

popular genuína era algo não oficial, camuflado. Desta forma, os sentimentos da gente comum patenteavam a genuinidade:

They are inveterate gamblers, drink as much beer as their wages will permit, are devoted to bawdy jokes, and use probably the foulest language in the world.<sup>61</sup>

Alguns destes traços que definiam a “Englishness” mantiveram-se constantes ao longo do tempo. Ainda hoje reconhecemos estas marcas como típicas do povo inglês. Actualmente, com as mudanças próprias do tempo, as imagens dominantes da vida britânica passam pelos modos e estilo de vida dos ‘gentlemen’ e pelas ‘public schools’, imagens que associamos à aristocracia e às classes altas. Além disso, a excentricidade e o snobismo continuam ainda a fazer parte do nosso imaginário em relação à identidade inglesa.

Num desafio a Orwell, Paxman descreveu algumas marcas da “Englishness” que seleccionaria como as mais importantes:

We could all make lists to challenge that of George Orwell. Off the top of my head, mine would include, ‘I know my rights’, ‘village cricket’ (...) punk, street fashion, irony, vigorous politics, brass bands, Shakespeare (...) gardening, Christopher Wren and Monty Python, (...) the Beatles (...). They may not all be uniquely English, but the point about them is that unlike the touchstones of Britishness, which tend to be primed, planned and pompous, if you take any three or four of these things together, they point at once to a culture as evocatively as the smell of a bonfire in the October dusk.<sup>62</sup>

Para Paxman, a “Englishness” não passava só pelo ideal do cavalheiro inglês. A “Englishness” manifestava-se muito mais profunda. Era um espírito, o espírito de São Jorge. Os ingleses, ao identificarem-se com este santo, reconheciam neles próprios a integridade, a confiança e a liderança.<sup>63</sup>

Orwell considerou valores como estes cruciais para o combate contra o nazismo:

What had kept England on its feet during the past year? (...) but chiefly the atavistic emotion of patriotism, the ingrained feeling of the English-speaking peoples that they are superior to foreigners (...). The energy that actually shapes the world spring from emotions – racial pride, leader-worship, religious belief, love of war (...).<sup>64</sup>

Os valores família, honra, disciplina, religião e patriotismo, marcas de um passado nacional, mostraram-se determinantes na reconstrução do país depois da guerra.<sup>65</sup> Consequentemente, numa tentativa de encorajar o povo inglês a ultrapassar a barreira nazi, Orwell encontrou no patriotismo uma característica essencial para alcançar tal propósito.

Contudo, a consciencialização desse valor era apenas partilhada pelas classes mais instruídas. A gente comum, a classe trabalhadora não se preocupava com a existência do Império e com os símbolos mais representativos da nação, a bandeira e o hino nacional:

In England all the boasting and flag-wagging, the “Rule Britannia” stuff, is done by minorities. The patriotism of the common people is not vocal or even conscious. They do not retain among their historical memories the name of a single military victory. (...) A working man’s heart does not leap when he sees a Union Jack.<sup>66</sup>

A insularidade e a xenofobia fizeram-se também notar mais na classe trabalhadora que recusava assimilar características de qualquer outra nação, mantendo-se fiel à sua cultura. Esta atitude contribuiu, assim, para a estrutura e consolidação da mística inglesa, do mito de uma raça superior e distinta de todas as outras.

A “intelligentsia” inglesa, alvo das críticas mais contundentes de Orwell, surgiu descrita como dissidente no respeitante aos valores pátrios; ou, vivendo num mundo de ideias e tendo pouco contacto com o mundo concreto, os intelectuais sentiam-se envergonhados da sua nacionalidade por as tradições inglesas não servirem ideais nobres e distintos:

(...) the English Intelligentsia are Europeanized. They take their cookery from Paris and their opinions from Moscow. In the general patriotism of the country they form a sort of island of dissident thought. England is perhaps the only great country whose intellectuals are ashamed of their

own nationality. In left wing circles it is always felt that there is something slightly disgraceful in being an Englishman and that it is a duty to snigger at every English Institution from horse-racing to suet puddings. (...) almost any English intellectual would feel more ashamed of standing to attention during "God Save the King" than of stealing from a poor box.<sup>67</sup>

A queda do Império trouxe consequências graves para a "intelligentsia" inglesa e para a classe média militar e imperial, os chamados "Blimps". Ambas sofreram reveses na sua ascensão e prestígio sociais. A atitude da "intelligentsia" relativamente à classe média era a de total desprezo porque via nela a falta de sagesa necessária para liderar o mundo. Os representantes da classe média, por seu turno, criticavam a falta de pragmatismo por parte da "intelligentsia". Todavia, ambas não concebiam a coexistência do patriotismo e do intelecto.<sup>68</sup>

Esta separação de qualidades era inconcebível para Orwell. Para o autor, o snobismo e a estupidez dessas classes deveria acabar perante o cenário de guerra:

The Bloomsbury highbrow, with his mechanical snigger, is as out of date as the cavalry colonel. A modern nation cannot afford either of them. Patriotism and intelligence will have to come together again. It is the fact that we are fighting a war, and a very peculiar kind of war, that may make this possible.<sup>69</sup>

A guerra patenteava, por excelência, um momento de crise em que os sentimentos patrióticos se revelavam mais intensos do que nunca, tornando-se por isso um catalisador para a revolução social defendida pelo autor. Para Orwell, a guerra provava que o capitalismo privado não funcionava, quando ainda continuavam a existir desigualdades sociais. Só através da revolução o povo inglês conseguiria a tão almejada justiça social.

Todavia, as antigas distinções de classe tornavam-se mais esbatidas devido a mudanças socioeconómicas resultantes, em grande parte, das revoluções industrial e científica. Surgiram, assim, novas profissões nas áreas da engenharia, da aeronáutica e da indústria, por exemplo, que viriam dar um contributo importante para o progresso social. Admitindo que seria desse estrato que surgiria a nova classe governante, Orwell avisou que esta se apoiaria novamente numa política oligárquica e de privilégios, já não baseada no

dinheiro mas no poder. Para Orwell, esse abuso político era impensável e só teria solução se se respeitassem os direitos de igualdade, de liberdade e de justiça social que sempre foram apanágio da tradição política inglesa.

A crença nestes valores levou o autor a defender fervorosamente os ideais socialistas. Para Orwell, o movimento socialista demonstrava ser o mais adequado numa Inglaterra em crise, porque se mostrava capaz de solucionar os múltiplos problemas decorrentes da guerra. Orwell serviu-se, desta maneira, da “Englishness” para fins políticos. Como já anteriormente referido, Stephen Ingle defendeu a tese de que Orwell apresentara duas versões de “Englishness” para conseguir apoio popular em relação aos seus intentos. Por um lado, a “Englishness” encontrava-se relacionada com o socialismo e aliada ao patriotismo com o propósito de unir todas as classes, convidadas para participarem no movimento socialista:

If his socialism was to take hold it needed to be bound to emotions more fundamental than Godless religion – to patriotism, to a more encompassing sense of Englishness; (...).<sup>70</sup>

A “Englishness” constituiu, portanto, um pretexto para o socialismo de Orwell.

A segunda versão apostava na igualdade, na decência e na solidariedade como valores fortemente enraizados nas famílias da classe trabalhadora. Estes atributos formavam a base de uma comunidade:

The sense of equality, importantly, is deeply rooted in family life and characteristic of social relations among the working-class in general.<sup>71</sup>

O trabalho e a dignidade constituíam as grandes virtudes da “Englishness” de Orwell. O seu ideal de comunidade quase se assemelhava ao sistema monástico fechado e organizado à volta destas duas virtudes. Efectivamente, a versão da “Englishness” defendida por Orwell para fins políticos baseava-se na exaltação de valores nacionais, que serviria também como mote para o programa socialista que o autor delineara. Deste modo, antes de apresentar soluções concretas para resolver a crise, Orwell desenhara uma Inglaterra abundante de defeitos, de vícios e de privilégios, governada essencialmente pelos “old and silly”.<sup>72</sup>

Críticas como esta são recorrentes ao longo de *The Lion and the Unicorn*, em particular, e de toda a obra ensaística, em geral. A sua teoria, por mais contraditória que às vezes se afigurasse, parecia ser a de denegrir através de um retrato mais negativo para depois anunciar, em contraponto, as características positivas do povo inglês e do seu sistema político, por exemplo.

Os ingleses, povo desinteressado pelo que se passava à sua volta, viviam num país onde a classe dirigente roubava os mais pobres e governava sob a tutela de interesses pessoais e materialistas. Não obstante, a Inglaterra saía pouco denegrída deste panorama tão pessimista à primeira vista. Antes pelo contrário. Por muitas inconsistências que pudesse revelar e, comparando-as com outros países, nomeadamente a França e a Alemanha, Orwell conseguiu exibir uma Inglaterra capaz de recuperar de mazelas antigas e que, em tempo de crise, enfrentava o inimigo e rejeitava os símbolos nazis, graças ao elo patriótico que ligava todas as classes. Numa perspectiva anglocêntrica, a Inglaterra de Orwell representava a grande nação que vivia e mantinha as suas tradições. Afinal de contas a Inglaterra revelava-se uma família necessitada apenas de alguns aperfeiçoamentos, mas continuava sempre poderosa e a olhar para o futuro, tendo como suporte os valores de um passado nacional heróico.

Em consequência, o socialismo de Orwell transformá-la-ia para melhor, num processo gradual e coerente, mas conservando perenemente as marcas da civilização inglesa. O autor considerava assim que o seu socialismo aboliria a Câmara dos Lordes, mas não a monarquia e os símbolos nacionais, tais como o leão e o unicórnio nas fardas dos soldados, que permaneceriam nas mentes da gente e cultura inglesas.

Esse sítio bem-aventurado poderia, utopicamente, tornar-se o paraíso que Shakespeare tanto idealizara.<sup>73</sup>

## 5. O Espaço e o Tempo para uma Revolução

### 5.1. O Socialismo de Orwell: uma Nova Proposta Social

A proposta social delineada por Orwell em 1941 com os objectivos de sarar muitas das feridas provocadas pela Segunda Guerra Mundial, eliminar os vícios que se arreigaram na sociedade e política britânicas durante séculos e, principalmente, encontrar soluções para resolver a situação problemática que a Grã-Bretanha vivia a todos os níveis, constituiu o principal conteúdo das partes II e III de *The Lion and the Unicorn*. Orwell escreveu essas duas partes, “Shopkeepers at War” e “The English Revolution” num contexto bastante peculiar. Em plena Segunda Guerra Mundial, o autor descreveu imagens de perigo iminente:

(...) I begin this second chapter in the added racket of the barrage. The yellow gun-flashes are lighting the sky, the splinters are rattling on the house-tops, and London Bridge is falling down, falling down, falling down (...) at the moment we are in the soup – full fathom five (...).<sup>1</sup>

Perante o cenário de guerra, Orwell manifestou-se consciente da urgência em modificar o sistema socioeconómico e político da Grã-Bretanha. A crescente força dos regimes fascistas na Alemanha e na Itália, o desemprego em massa sentido na Grã-Bretanha e no resto da Europa e a crise industrial provocaram a necessidade de uma acção mais radical por parte do governo britânico. Orwell apresentou a sua proposta no sentido de libertar a Grã-Bretanha do capitalismo privado e do poder coercivo dos regimes totalitários. A solução residia no socialismo.

Na verdade, o socialismo defendido por Orwell traduzia-se em características bastante particulares, ou seja, Orwell não alinhou pelo socialismo que, entretanto, se tornara oficial, um socialismo ortodoxo de raiz marxista. Orwell recusava aceitar a obediência passiva às regras marxistas:

(...) the real socialist is one who wishes (...) to see tyranny overthrown. But I fancy that the majority of orthodox Marxists would not accept that definition (...) to them, the whole Socialist movement is no more than a

kind of exciting heresy-hunt (...) The Socialist movement has not time to be a league of dialectical materialists; it has got to be a league of the oppressed against the oppressors.<sup>2</sup>

Embora mantendo ideais de esquerda, Orwell não baseava os seus ideais socialistas em princípios económicos e políticos mas nas crenças liberal e humana.<sup>3</sup>

Segundo George Woodcock, o socialismo de Orwell não se afigurava tão elaborado quanto o dos escritores ortodoxos de esquerda. Orwell parecia deter uma concepção pouco clara de uma sociedade socialista, além da vaga ideia de que o humanismo constituía a base principal do seu socialismo. O pragmatismo, a honestidade, a defesa da liberdade de expressão representavam marcas que o distinguiam de todos os outros socialistas.<sup>4</sup>

Para perceber a peculiaridade do socialismo de Orwell torna-se necessário recuar um pouco no tempo e atentar na história do socialismo britânico e determinar os factores socioeconómicos e políticos que delinearam o movimento na Grã-Bretanha. O percurso político do socialismo foi, em definitivo, marcado pelas revoluções do século XVIII. A Revolução Industrial se, por um lado, pressupôs abundância e progresso, por outro, criou expectativas infundadas, causando inaptações e aumento do número dos oprimidos, permitindo o alastramento de focos de pobreza graves e falta de sanidade urbana. As revoluções americana e francesa puseram em marcha uma vaga de novas ideias na política, as revoluções agrária e industrial transformaram a vida da nação e trouxeram uma combinação de prosperidade e miséria. Além disso, os franceses jacobinos e as guerras napoleónicas, mas retardaram as reformas políticas na Grã-Bretanha.

Não nos surpreende, então, que o início do século XIX estivesse imbuído de uma mudança dinâmica em que novas ideias fermentavam e polarizavam movimentos sociais reclamando por melhores condições de vida das classes mais desfavorecidas. O século XIX representou para David Thomson uma época em que se experimentou adaptar o homem industrial a uma sociedade democrática.<sup>5</sup> O século XIX tentou contornar as revoluções enveredando por uma linha reformista. Isso deveu-se, sobretudo, à aparente melhoria significativa de vida, a longo prazo, provocada pela industrialização e por um sistema capitalista que reduziu as probabilidades de revolução. Charles Tilly apresentou algumas razões justificativas para esse contorno da revolução:

(...) a criação de poderosas máquinas militares e imperiais, o sistema de governação indirecta recorrendo à alta burguesia e ao clero que prevaleceu até ao século XIX, poder crescente de um parlamento baseado na fusão do poder dos proprietários de terras e dos comerciantes e a cooptação de uma classe governante escocesa cada vez mais arrastada para as mesmas redes capitalistas em que os ingleses se encontravam, tudo isto se conjugou para reduzir a probabilidade de aparecimento de uma alternativa viável ao governo existente.<sup>6</sup>

Porém, o progresso proporcionado pela expansão de uma economia industrial não se manteve uniforme, provocando sérias dificuldades sociais. Esses problemas trouxeram uma agitação revolucionária sem paralelo. As consequências mais graves da crise capitalista foram de ordem social. A transição para a nova economia criou miséria e descontentamento, os ingredientes para uma revolução social. Esta, nas palavras de Hobsbawm, eclodiu sob a forma de sublevações espontâneas dos explorados urbanos e da indústria, e esteve na base das revoluções de 1848 no continente e do vasto movimento cartista na Grã-Bretanha.<sup>7</sup>

Entre 1789 e 1848, o owenismo e o cartismo vieram propôr novas alterações no panorama político e social, iniciando todo um processo de luta em defesa das classes trabalhadoras.

Robert Owen desempenhou, sem dúvida, um papel influente na fundação das raízes do socialismo na Grã-Bretanha:

(...) he stimulated the organisation of labour and planted the tree of co-operation. The widest influence he exercised had to do with social reform, not socialism, and took effect in promoting factory legislation and popular education.<sup>8</sup>

Conhecido como um dos fundadores do Socialismo, Owen, juntamente com Saint-Simon e Fourier, lançaram um novo projecto alternativo à situação social da época, a primeira metade do século XIX. Seguindo as ideias racionalistas e liberais dos finais do século XVIII, pretendiam a criação de um sistema competitivo de livre concorrência entre organizações cooperativas solidárias. No entanto, Owen distanciava-se de Saint Simon e de Fourier, na medida em que procurava um equilíbrio entre a indústria e a agricultura, guiado

por um ideal de harmonia de interesses tanto na produção como na distribuição da riqueza.<sup>9</sup> O socialismo utópico de Owen pretendia assim instituir um sistema social completamente renovado:

O socialismo de Robert Owen não assentava sobre a realidade da época: pretendia impôr-se, de cima para baixo, retirando às classes trabalhadoras a iniciativa espontânea de encontrar a sua identidade e vir a tomar as rédeas do poder por um processo de luta contra as classes dominantes; atribuía, por outro, às classes dominantes na generalidade, motivações e objectivos que esporadicamente se verificavam.<sup>10</sup>

Convencido de que a base que sustentava o sistema social estava errada, Owen introduziu o princípio do cooperativismo, acreditando que, se os homens em vez de competir cooperassem uns com os outros, alcançariam a tal harmonia de interesses e haveria riqueza para todos.<sup>11</sup> O cooperativismo de Owen teve o apoio de muitos trabalhadores e de muitos sindicalistas que reconheciam afinidades com Owen:

They, like Owen, were in revolt against the evils of capitalist, competitive society; they, like him were in search of a new social order based on the idea of human brotherhood.<sup>12</sup>

O modelo owenita serviu de exemplo para a criação de sociedades cooperativas. James Watson, um dos mais distintos líderes dos Radicais da Classe Trabalhadora de Londres (*London-Working-Class Radicals*), e William Lovett lideravam a Sociedade Cooperativa de Londres (*London Co-operative Society*), fundada em 1824. Outras sociedades owenitas foram então criadas.<sup>13</sup>

Apesar de não ser uma ideia nova, o cooperativismo ganhou destaque com Owen que o difundiu como movimento social:

But none of the experiments in Co-operation before Owen seems to have been more than an isolated venture, or to have been animated by any conscious social philosophy. To Owen belongs the credit for starting co-operation as a social movement, with definite anti-capitalist aims and the hope of instituting a new "social system".<sup>14</sup>

Apesar de os cartistas não se orientarem por premissas revolucionárias ou socialistas, o seu radicalismo impôs uma força distinta delineada pelas circunstâncias históricas na Grã-Bretanha.<sup>15</sup> O Cartismo começou, de facto, a ganhar forma num contexto de conflitos sociais e ideológicos agravados por uma crise económica. Dorothy Thompson assinalou alguns acontecimentos que marcaram decisivamente o início do movimento cartista:

The Irish Coercion Act, the emasculation of the Factory Act, the attacks on trade unions, all contributed to the disillusion felt by working-class radicals with the Reform Act and the administrations which followed it.<sup>16</sup>

O protesto contra a nova Lei dos pobres de 1834 (*New Poor Law*) representou de igual modo um factor determinante para a formação do Cartismo. A lei não era apenas uma ameaça para a classe trabalhadora, mas constituía também um símbolo da ideologia da classe média.<sup>17</sup>

Tendo como objectivo último a felicidade social, os cartistas, liderados por William Lovett e Francis Place, apresentaram uma carta (*The People's Charter*) de reivindicações políticas. Nela reclamavam o sufrágio universal, atribuindo importância ao factor humano e não à propriedade, reivindicavam o pagamento dos membros do Parlamento e exigiam o voto secreto, entre outras.<sup>18</sup>

Na procura do equilíbrio tentou-se a via do reformismo. A Lei de Reforma (*Reform Act*) de 1832 amenizou os desassossegos políticos ao satisfazer as exigências da classe média, prevendo inaugurar uma época de estabilidade. Contudo, assistiu-se também ao radicalismo das classes mais desfavorecidas e descontentes com a sua condição. Essa atitude continha não só protestos contra a fome e necessidades básicas, mas também a exigência de representatividade parlamentar.

A essência dos movimentos que reclamavam reformas parlamentares baseava-se na reivindicação de novas formas de riqueza para garantir a propriedade como chave do prestígio social e político. Deste modo, a propriedade adquiria representatividade no Parlamento em vez das pessoas.<sup>19</sup> Os radicais, herdeiros das ideias de Paine e da revolução francesa, reclamavam o sufrágio universal, facto que se concretizou apenas em 1928. Todas essas reformas, aliadas às reformas socioeconómicas, adquiriram alguma força na

medida em que enfraqueceram o poder das classe proprietárias que se notabilizaram no século XVIII, a aristocracia e a *gentry*.

Em 1836, William Lovett fundou a Associação dos Trabalhadores de Londres (*The London Working Men's Association*). O seu objectivo passava pela promoção da candidatura dos trabalhadores ao Parlamento e pela defesa dos interesses dos sindicatos que começavam a adquirir alguma importância para os parlamentares. David Thomson caracterizou-o como um movimento trabalhista e não revolucionário ou socialista, pretendendo implantar reformas sociais e políticas na sociedade britânica.<sup>20</sup> Por volta de 1880 essa associação perdeu fulgor, sendo substituída pela Liga de Representação Trabalhista (*Labour Representation League*):

In 1869, a more extensive organisation, the Labour Representation League, was set up with the object, among other things, of promoting the registration of the working-class vote "without reference to opinion or party bias". But the League's task was a difficult one, for it had not the finance to make its candidatures a success.<sup>21</sup>

Segundo Arthur Shadwell, na segunda metade do século XIX, os movimentos socialistas ou que se consideravam como socialistas, assumiam mais pragmatismo e determinação no intuito de ver concretizadas reivindicações já há muito reclamadas:

(...) the spirit was totally different; benevolence was superseded by bitterness, the motive of sympathy with the poor was overshadowed by hatred of the rich, the idea of co-operation was replaced by conflict, the voluntary principle by the compulsory (...) Intellectually, free speculation gave place to rigid dogma, religious or ethical influences to pure materialism (...) in methods, the idea of force was introduced, and for gradual and evolutionary change more or less sudden and revolutionary action was substituted.<sup>22</sup>

Na última metade do século XIX, o poder político efectivo dos sindicatos aumentava, pois o crescimento da indústria, a melhoria das condições de trabalho e a extensão da rede educativa mantiveram viva essa força.<sup>23</sup> Contudo, em 1880, o socialismo na Grã-Bretanha constituía um movimento ainda pouco estruturado. A Federação Social-

democrata (*Social Democratic Federation*), criada em 1881 e fundada nos clubes radicais dos trabalhadores, mantinha princípios puramente radicais, defendendo um único ponto socialista: a nacionalização da terra.<sup>24</sup>

A Liga Socialista (*The Socialist League*) de William Morris surgiu quatro anos mais tarde, em 1885. Morris acreditava que a principal função do socialista consistia na educação das pessoas para a inevitável mudança que traria uma nova sociedade onde não existiria exploração capitalista nem horrores industriais:

Morris disagreed with those who favoured Parliamentary action, that is to say, efforts to put socialists on public bodies, because he thought that this would encourage the self-seeker and threaten the purity of the socialist ideal with the corruption or compromise inevitably involved in politics.<sup>25</sup>

Outros grupos de socialistas, sem filiação na Federação Social Democrata ou na Liga Socialista surgiram no panorama político britânico. A Sociedade Fabiana (*The Fabian Society*) fundada em 1884 era no essencial constituída por membros da classe média e intelectuais burgueses londrinos.<sup>26</sup> Liderada por George Bernard Shaw, Sidney e Beatrice Webb, o movimento relatava, para Henry Pelling, a dimensão da pobreza mas não oferecia soluções.<sup>27</sup> Apresentou, no entanto, algumas propostas concretas que visavam uma mudança gradual do estado de coisas. Destas destacavam-se o alargamento da democracia, a melhoria do governo democrático e uma acção governamental positiva para promover a igualdade dos direitos do homem e da mulher.<sup>28</sup>

O nascimento do Partido Trabalhista Independente Parlamentar (*Independent Labour Party*) representou um acontecimento de extrema importância na história do socialismo. Na tentativa de unir as organizações trabalhistas num só partido nacional, seguindo o exemplo da Federação Intersindical TUC (*Trades Union Congress*) (1868-70), mas numa escala maior, surgiu o Partido Trabalhista Independente. A conferência inaugural em 1893 firmou o início do Partido:

The decision to leave the title as 'Independent Labour Party' reflected an awareness of the origins and roots of the party in the local labour unions and parties, some of which were not explicitly committed to socialism. The primary object of these bodies was to build a Parliamentary Party on the basis of a programme of labour reform, and the principal allies of this

party were to be, not the existing socialist societies, which were insignificant, but the trade unions, whose leaders were in most cases still to be converted to the independent policy.<sup>29</sup>

Distanciando-se das sociedades socialistas mais antigas, o Partido Trabalhista Independente considerava os meios de acção política de extrema importância e uma abordagem teórica deu lugar a uma mais prática. O principal objectivo socialista do Partido Trabalhista Independente, liderado por Keir Hardie, passava pela nacionalização da terra e de todos os meios de produção, distribuição e troca. Defendia ainda uma educação gratuita para todos, desde a primária até à universidade. Segundo Henry Pelling, a relação próxima entre os trabalhistas e os movimentos sindicais e entre os movimentos radicais e liberais, fundaram as bases para o desenvolvimento do socialismo liberal.<sup>30</sup>

Em 1900, Ramsay MacDonald formou o Grupo de Representação Trabalhista (*Labour Representation Committee*) que surgiu de discórdias existentes entre alguns grupos sindicais. Esta nova associação representava uma aliança de forças na qual os socialistas constituíam uma pequena fracção. Começava, assim, a delinear-se o que acabaria por chamar-se Partido Trabalhista (*Labour Party*). Este só se estabeleceu no Parlamento em 1906 com a eleição de trinta membros do Partido. No entanto, só em 1918 adoptou o socialismo como uma doutrina política. As principais dificuldades iniciais do Partido Trabalhista resultaram do apoio declarado do Partido Trabalhista Independente aos Liberais:

Ramsay MacDonald, whom Hardie described as the Party's great intellectual asset, sided with the Liberals against the Fabian 'old gang' on almost every immediate issue of the time.<sup>31</sup>

As guerras da primeira metade do século XX impuseram mudanças significativas quanto à posição do socialismo na Grã-Bretanha. O Partido Trabalhista, assumindo a liderança na segunda metade da década de quarenta dentro das alternativas socialistas, adoptou a política gradual de proceder a nacionalizações e delineou um sistema de segurança social:

In the final analysis the Labour left was divided and posed less of a threat to the policies of Attlee's Labour governments than is often supposed (...)

The history of the Labour Party from 1945 to 1951 was far from being 'strife free' as it continued to reform capitalism rather than bring a socialist state into being.<sup>32</sup>

Orwell criticou a dependência do Partido Trabalhista relativamente ao capitalismo uma vez que surgia como um movimento sindicalista. Essa dependência conduzia o Partido, não a verdadeiras mudanças no regime, mas apenas a reformas. Porém, o Partido Trabalhista constituía ainda o partido mais credível na disseminação dos valores socialistas:

In England there is only one Socialist party that has ever seriously mattered, the Labour Party.<sup>33</sup>

Para Orwell, o socialismo revelava-se a opção necessária para suprir o comunismo, tal como o capitalismo substituiu o feudalismo.<sup>34</sup> O autor considerava urgente que o verdadeiro socialista reequacionasse a Inglaterra enquanto país extremamente unido e em que a diferença social diminuía de uma forma gradual. Essas predisposições sociais, aliadas à própria guerra, tornariam possível a passagem da teoria socialista para a prática. Orwell apresentou um plano de acção no qual expôs os objectivos da sua doutrina política.

O primeiro ponto desse programa dizia respeito às nacionalizações. Essas deveriam ser inicialmente parciais e só numa fase posterior corresponderiam totalmente à ideologia por ele defendida. A partir do momento em que todos os bens produtivos fossem declarados propriedade estatal, o povo sentir-se-ia identificado com o Estado.

O segundo ponto relacionava-se com a atenuação da rígida estrutura social através de uma limitação na diferença de rendimentos. O autor entendia que não seria possível (pelo menos nesse momento) que todos auferissem ordenados iguais, admitindo a necessidade de atribuir uma certa recompensa monetária a alguns trabalhadores mediante o tipo de emprego. Não encontrava, porém, fundamento para a disparidade salarial superior à de dez para um.

O terceiro ponto referia-se ao sistema educativo. Orwell frisava a impossibilidade de pôr, desde logo, em prática o seu projecto devido à guerra. No entanto, justificava-se introduzi-lo de imediato, abolindo a autonomia das "public schools" e das universidades mais antigas, permitindo, através de ajudas estatais, a frequência destas por alunos de classes mais desfavorecidas. Este projecto pretendia nivelar o sistema educativo, a cargo

exclusivo do Estado. A maioria das escolas privadas seriam abolidas, pois representavam o entrave maior para o direito a uma educação justa e igualitária para todos os jovens.

O quarto ponto abordava uma questão de política externa. Orwell advogava o estatuto de domínio para a Índia, com o direito de secessão quando a guerra acabasse. A Inglaterra deveria colocar a Índia a um nível igual ao seu, não a subjugando mas mantendo com ela uma relação de interdependência. A ruptura total significaria prejuízos irremediáveis tanto para a Índia, devido às suas insuficiências técnicas e militares, como para a Grã-Bretanha:

Britain cannot become a genuinely socialist country while continuing to plunder Asia and Africa; while on the other hand no amount of nationalisation, no cutting-out profits and destruction of privilege, could keep up our standard of living if we lost all our markets and our sources of raw materials at one blow.<sup>35</sup>

Relacionado com o quarto ponto surgiam o quinto e o sexto do programa, a formação de um conselho imperial geral incluindo as pessoas de cor e a declaração de uma aliança formal com a China, Abissínia e todas as outras vítimas dos poderes fascistas, respectivamente. Nestes dois pontos, Orwell reforçava a ideia de democracia e luta contra os totalitarismos.<sup>36</sup>

A guerra resultaria, portanto, numa união das massas contra o fascismo, causando, de uma forma inevitável, importantes mudanças sociais e políticas. Essa passagem implicava destronar os pró-fascistas do poder e acabar com as injustiças sociais, lutando com e pela classe trabalhadora:

We cannot win the war without introducing socialism, nor establish socialism without winning the war. (...) a socialist movement which can swing the mass of people behind it (...) wipe out the grosser injustices (...) win over the middle classes instead of antagonizing them, produce a workable imperial policy instead of a mixture of humbug and utopianism, bring patriotism and intelligence into partnership – for the first time, a movement of such kind becomes possible.<sup>37</sup>

A classe trabalhadora representava para o autor a verdadeira decência, cujo modo de vida tornaria o socialismo possível. A experiência vivida em Wigan despertou o autor para a compatibilidade entre o socialismo e a decência comum. Testemunha de uma grande pobreza e de condições de trabalho e vida miseráveis, Orwell apercebeu-se das diferenças sociais que continuavam a existir na Inglaterra. Todavia, na sua proposta expressa em *The Lion and The Unicorn*, Orwell depositava a esperança numa nova classe média, consequência do capitalismo, formada por técnicos, médicos e empregados do Estado, entre outras profissões especializadas. A classe trabalhadora apenas surgiu como exemplo concreto da melhoria de vida causada, afinal, pela industrialização que Orwell considerava incompatível com o socialismo. O desenvolvimento da classe média correspondia ao progresso do país e à consequente e inevitável igualdade de classes:

However unjustly society is organized, certain technical advances are bound to benefit the whole community, because certain kinds of goods are necessarily held in common. A millionaire cannot, for example, light the streets for himself while darkening them for other people.<sup>38</sup>

Orwell não especificou, no entanto, como essa classe desempenharia o papel de líder no processo revolucionário por si delineado.

O socialismo de Orwell equivalia a um mundo eficiente e ordenado, a um mundo sem diferenças sociais.<sup>39</sup> O socialismo revelava-se a única força capaz de desviar o fascismo da sua ascensão:

Socialism is the only real enemy that fascism has to face. The Capitalist-imperialist governments, even though they themselves are about to be plundered will not fight with any conviction against Fascism as such. (...) The only thing for which we can combine is the underlying ideal of socialism: justice and liberty. (...) Socialism, at least in this island, does not smell any longer of revolution and the overthrow of tyrants; it smells of crankishness, machine-worship and the stupid cult of Russia. Unless you can remove that smell, and very rapidly, Fascism may win.<sup>40</sup>

A Segunda Guerra Mundial proporcionou, desde logo, as condições favoráveis para a urgência de combater os regimes totalitários. A resposta residia numa revolução

socialista que, para Orwell, expressava claramente, por um lado, a decência britânica e, por outro, um sistema político preocupado em otimizar o uso dos recursos através da centralização de poderes. A revolução socialista não destruiria o conceito de família mas substituiria os que controlavam as fortunas das famílias.<sup>41</sup> A guerra tornara a revolução numa possibilidade real. Para o autor, as desigualdades sociais só seriam corrigidas através de uma revolução liderada pela classe trabalhadora:

It is only by revolution that the native genius of the English people can be set free. Revolution does not mean red flags and street fighting, it means a fundamental shift of power. (...) what is wanted is a conscious open revolt by ordinary people against inefficiency, class privilege and the rule of the old.<sup>42</sup>

A guerra civil de Espanha confirmou a crença de Orwell de que somente a classe trabalhadora, e não os intelectuais, representava o verdadeiro inimigo do fascismo. Também durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell transferiu para a classe trabalhadora britânica a esperança de destruir a classe fascista governante e estabelecer uma sociedade igualitária.<sup>43</sup>

A revolução proposta por Orwell, mais do que um choque social proporcionado por um golpe de Estado, constituía um movimento de massas que implicava uma mudança social gradual. A revolução tornava-se inevitável perante a conjuntura social e política no início da década de quarenta. A guerra e a revolução surgiam assim intimamente ligadas. Para vencer a guerra e, conseqüentemente, derrubar Hitler dever-se-ia consolidar a revolução.<sup>44</sup> Orwell justificou a revolução como um meio de alcançar progresso moral:

Revolutions have to happen, there can be no moral progress without drastic changes, and yet the revolutionary wastes his labour if he loses touch with ordinary human decency (...) we must be able to act, even to use violence, and yet not be corrupted by action. In specific political terms, this means rejection of Russian Communism on the one hand and Fabian gradualism on the other.<sup>45</sup>

Consciente do tempo, do espaço e do cenário social, Orwell desenhou a possibilidade de uma revolução que significava uma mudança radical no estado de coisas.

Todavia, o que Orwell propôs e o que a seguir apresentou divergiam no conteúdo, logo contradizendo a ideia de revolução, no sentido de corte brusco e permanente com tradições sociais passadas. No que diz respeito à política, a ideia surge associada a uma alteração violenta.<sup>46</sup> A revolução procura um novo começo, uma nova ordem na estrutura social.<sup>47</sup>

Orwell deambulava porém entre um espírito revolucionário e uma ansiedade reformista:

Yet at the same time Orwell shies away from revolution in *The Lion and The Unicorn*. If in one passage he sounds like a Trotsky demanding quick, violent action, in another he is an early Shaw calling for peaceful reform. (...) A less fiery Orwell claims that revolution does not mean crimson banners and shooting in the streets (...).<sup>48</sup>

Em 1941, Orwell, envolvido no fervilhar dos acontecimentos, não soube equacionar as duas componentes de uma revolução: a situação revolucionária e o resultado revolucionário.<sup>49</sup> Existia, de facto, um leque de causas propiciatórias que preparava o caminho para a revolução pois a guerra proporcionava e acelerava esse processo, apesar de não ser condição exclusiva para a revolução. Contudo, Orwell errou no resultado. Os britânicos não perderam a guerra, mas o socialismo tal qual ele o delineara não foi implementado. A transferência de poder para o Partido Trabalhista em 1945 significava uma nova coligação governamental, mas os pressupostos políticos mantinham-se os mesmos. Apenas se procederam a algumas alterações, tal como a nacionalização de algumas indústrias, que constavam do programa de Orwell, mas que outros já tinham defendido, nomeadamente Keynes e Beveridge.

Em 1945, consciente do paradoxo da revolução que mostrava a necessidade de uma consciência política para o sucesso da revolução e vice-versa, Orwell escreveu *Animal Farm*, demonstrando a enorme disparidade entre os ideais da revolução e os resultados posteriores obtidos na sociedade. Foi precisamente essa falta de consciência política por parte das massas que impediu um resultado revolucionário desejado:

It would be absurd to imagine that Britain is on the verge of violent revolution, or even that the masses have been definitely converted to Socialism. Most of them don't know what socialism means, though public opinion is quite ready for essentially socialistic measures such as

nationalization of mines, railways (...) it is doubtful whether there is any widespread desire for complete social change.<sup>50</sup>

Devemos ainda acrescentar que as massas não representavam o público leitor dos ensaios de Orwell. A grande maioria da classe trabalhadora não sabia ler nem escrever. Orwell escrevia para o sector mais esclarecido da classe trabalhadora, a pequena burguesia, e para a classe média, criticando a sua apatia e ignorância quanto ao que se passava na realidade. Os ensaios políticos de Orwell eram animados pelo objectivo político de alertar essas classes para os perigos do regime fascista e de oferecer soluções para o estado crítico em que a Inglaterra se encontrava.

A dúvida mais premente de Orwell em relação ao socialismo resultou do seu pessimismo natural. Orwell duvidava de que alguma vez os seres humanos pudessem viver num estado de igualdade. As distinções de classes marcaram tanto as suas experiências de vida, quer na escola, em Burma ou no seu regresso a Inglaterra, que se tornava difícil acreditar na possibilidade da sua extinção.<sup>51</sup> Além disso, no seu programa, Orwell também demarcara essas mesmas diferenças, não apresentando uma proposta alternativa que viabilizasse a igualdade plena.

Stephen Ingle apresentou duas linhas de crítica que descreveram o percurso e as mudanças de Orwell. A primeira defendia que Orwell não foi mais do que um moralista tentando alcançar a igualdade social, mas a quem faltava coerência intelectual e profundidade analítica. A segunda afirmava que Orwell abandonara o optimismo de *The Road to Wigan Pier* e *Homage to Catalonia* para um individualismo pessimista e anti-socialista de *Animal Farm* e de *Nineteen-Eighty Four*. De acordo com estes argumentos, Orwell era superficial ou inconsistente ou possivelmente ambos.<sup>52</sup>

No entanto, dúvidas permanecem quanto ao pessimismo de Orwell. Se, por um lado, o autor reconheceu a dificuldade de implementar um verdadeiro regime socialista, por outro, continuava a acreditar nos valores da solidariedade, igualdade, decência e justiça social. Orwell defendia os ideais de um socialismo democrático. O que mudou decisivamente foi a crença que tal realidade se pudesse concretizar:

He was unlike other socialists in that he finally did not believe his ideals would be, or could be, realized, and it is this fact which makes his

political ideas and attitudes toward the end of his life so heterodox and accounts for their odd tangle of conservative and radical strands.<sup>53</sup>

Orwell acreditava ainda, apesar das críticas à classe governante, que a Inglaterra revelava constituir o único país europeu onde a política interna era conduzida de uma forma humana e decente:

It is the only country where armed men do not prowl the streets and no one is frightened of the secret police.<sup>54</sup>

Podemos então questionar a necessidade que Orwell apresentou de transformar a nação “from top to bottom”, quando as coisas aparentavam alguma tranquilidade e segurança, quando o sistema político não parecia tão mau quanto isso, comparando-o com outros países europeus. O uso da palavra revolução é também questionável, na medida em que tradições e anacronismos existentes na sociedade britânica continuavam a subsistir. Orwell, a nosso ver, parecia pouco seguro no delinear da sua revolução, cujo programa apostava em mudanças graduais, mas que pouco alteravam o estado de coisas:

It will leave anachronisms and loose ends everywhere, the judge in his ridiculous horsehair wig and the lion and the unicorn on the soldier's cap-buttons. (...) It will group itself round the old Labour Party and its mass following will be in the Trade unions, but it will draw into it most of the middle class and many of the younger sons of the bourgeoisie. (...) It will disestablish the church, but will not persecute religion.<sup>55</sup>

Todavia, Orwell demonstrou optimismo e esperança numa Inglaterra que, mesmo sofrendo as consequências da guerra, mantinha as marcas da cultura popular que a caracterizava como uma nação distinta:

We had hell's own bombing last night, huge fire raging all over the place and a racket of guns that kept one awake half the night. But it doesn't matter, the hits were chiefly on theatres and fashionable shops, and this morning it is a beautiful spring day, the almond trees are in blossom, postmen and milkcarts wandering to and fro as usual, and down at the corner the inevitable pair of fat women gossiping beside the pillar-box.<sup>56</sup>

O programa político de Orwell apresentava-se consentâneo com a situação de crise que a Grã-Bretanha enfrentava e algumas das propostas mostravam validade, sendo os objectivos últimos o progresso da nação e a igualdade entre classes. Contudo, ao contrário do que Orwell afirmara, a estrutura da sociedade continuava bem distinta. Poder-se-iam apenas atenuar algumas diferenças sociais, mas revelava-se impossível colmatar por completo o fosso existente entre ricos e pobres. A própria visão de Orwell da sociedade inseria-se também numa perspectiva organicista do todo social. A estrutura social implicava padrões normativos como a estrutura da família, a estrutura das instituições e a organização da produção, ao passo que as características nacionais constituíam parte integrante da orgânica da sociedade. As tradições manter-se-iam e a vida seguiria o seu rumo normal sustentada em valores do passado. A renovação proposta por Orwell parece assim um pouco inconsistente, apesar de inovadora.

Com a imparcialidade que a distância no tempo nos permite, *The Lion and the Unicorn*, assim como alguns dos ensaios mencionados, constituíram panfletos propagandísticos, na medida em que promoviam o programa socialista de Orwell e tentavam convencer o leitor a seguir uma ideologia democrática e não totalitária.

## 5.2. Os ensaios de Orwell como propaganda

A propaganda e a desinformação constituíram, desde há muito, elementos fundamentais no processo de conquista ou consagração do poder político. Para Philippe Breton, manipular consiste em construir uma imagem do real que tenha a aparência de ser a realidade. No acto da manipulação, a mensagem é concebida com o propósito de iludir e induzir em erro. A mensagem baseia-se numa estratégia dissimulatória da própria realidade.<sup>1</sup>

As técnicas de manipular a opinião passaram a ser conhecidas pelos nomes de propaganda e desinformação. Esta última, assumindo um lugar de destaque no século XX, consiste na construção de signos de verdade que ludibriam quem os recebe.<sup>2</sup> Deliberadamente enganadora, a desinformação foi utilizada tanto por regimes totalitários como democráticos. As duas Guerras Mundiais, a Guerra Fria, o conflito anti-iraquiano de 1990-91 e mais recentemente a guerra contra o Iraque (2003) constituem exemplos claros da existência do uso dessa técnica manipuladora de ambos os lados do conflito.

O século XX representou um marco importante para o aperfeiçoamento e exercício da propaganda. Também com o intuito de manipular a palavra de um modo consciente e sistemático, a propaganda surge definida por Philippe Breton como um método de apresentação e difusão de uma ideia com a qual o receptor concorda, sendo incapaz de encontrar outra alternativa para o assunto em causa.<sup>3</sup>

A técnica da propaganda sistematizou-se ao longo do século XX, adquirindo um significado pejorativo pela forma como era usada e, principalmente, pelos objectivos pretendidos. Veja-se o exemplo dos ditadores Hitler e Mussolini que, na ambição pelo poder, usaram a propaganda política em nome de princípios contra a democracia. Todavia, sobre esta época específica falaremos mais adiante. No processo ilusório da orquestração de uma realidade única, a propaganda destina-se a obter a unanimidade de diversos públicos que lutam contra um único inimigo. A propaganda suprime assim a vontade de escolha. Segundo Oliver Thomson, a propaganda não se revela necessariamente um processo negativo mas, nas mãos erradas, poderá ser utilizada de forma abusiva. A história mostrou que a propaganda esteve quase sempre em mãos suspeitas, que pretenderam conquistar o consenso e a hegemonia para dispor do poder.<sup>4</sup>

A palavra propaganda surgiu pela primeira vez como parte de uma bula papal. Em 1622, Gregório XV criara a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* com o objectivo de difundir a religião cristã nas novas terras descobertas e lutar contra o protestantismo. Propaganda passou a designar a acção de propagar, com toda a legitimidade, crenças religiosas e, só mais tarde, a partir de 1789, adquiriu uma conotação política.<sup>5</sup> Contudo, a propaganda, como projecto coerente e organizado, constituiu o produto natural de fenómenos pertencentes às sociedades modernas. A expansão das cidades a par do desenvolvimento dos meios de comunicação permitiram uma aproximação cada vez maior entre a esfera pública e a esfera privada e exigiu a participação de todos na vida colectiva.<sup>6</sup>

A invenção da imprensa criou as condições ideais para a propagação de imagens e escritos que proporcionariam a difusão de notícias a um público mais abrangente. Além da imprensa, outros meios de comunicação foram utilizados como tentáculos no processo manipulador de opinião. As artes visuais, a música, a dança, a linguagem corporal, a poesia, o teatro, o romance, a distribuição de panfletos, o cinema, a rádio, a televisão e, mais recentemente, a Internet, constituíram veículos de informação apropriados para fins políticos, sociais, morais, religiosos ou de diversão.

A construção de mitos de imagens efabuladas e simbólicas funcionou também como garante de ideias políticas, religiosas e sociais. Por exemplo, o papado, com o propósito de assumir uma posição de destaque no mundo cristão, criou uma mitologia originada em Pedro, o apóstolo, como forma de estabelecer a legitimidade de sucessão apostólica. Em Inglaterra, Eduardo III e Henrique V tomaram como modelo de governação Artur e a Távola Redonda.<sup>7</sup> Durante o reinado de Eduardo VI (1537-1553), a necessidade de persuasão de massas como modo de obter apoio monárquico era ainda pouco consciente. A sucessora de Eduardo VI, Maria, geriu incautamente a propaganda que representaria um trunfo para a sua popularidade. Todavia, convicta do poder indiscutível da religião, Maria descurou a importância desse meio de convencimento. O seu impopular casamento com Filipe de Espanha aumentou a xenofobia anti-espanhola. Durante o reinado de Isabel I, o esforço de propaganda consistiu precisamente no enfraquecimento de quaisquer pretensões de Maria ao trono e na difamação de Espanha. As artes visuais funcionariam assim como meios de persuasão do público. As gravuras da Invencível Armada representavam e promoviam a acção governamental de derrotar os espanhóis:

A propaganda isabelina conseguiu uma notável unidade entre um conceito ainda mais elevado de monarquia e as ambições imperialistas e xenófobas da nação inglesa, em contraposição com os terríveis fracassos da Espanha católica.<sup>8</sup>

As guerras civis da década de quarenta do século XVII demonstraram que a opinião política dos populares se revelou determinante no rumo dos acontecimentos. Verificaram-se, na realidade, grandes mudanças sociopolíticas e culturais desde a Reforma, que muito contribuiu o desenvolvimento da imprensa. Não devemos, contudo, acreditar no pressuposto de que a formação política do povo só foi determinada pela imprensa. Tim Harris acredita que uma consciência política popular não estava necessariamente dependente da disseminação de notícias através da imprensa escrita. Existiam outros meios que se revelavam de igual forma eficazes tais como a oratória, sermões, espectáculos visuais, demonstrações públicas e discussões em público.<sup>9</sup>

Durante as guerras civis, os realistas, descuroando a opinião pública, perderam na luta pelo poder com os parlamentaristas. Essa nova força ameaçaria a segurança do governo da Restauração:

Given that it proved difficult for the restored monarchy to reimpose effective controls over the media, it eventually became apparent to those who held the reins of power that they would have to engage, in a serious way, in the battle for public opinion: even to the point of courting the crowd, encouraging demonstrations, mass petitions and collective manifestations of support.<sup>10</sup>

Utilizado tanto pelos realistas como pelos parlamentaristas, o almanaque representou um outro elemento curioso de propaganda cujas previsões astrológicas conferiam credibilidade a prognósticos de vitória.<sup>11</sup> Nesse contexto, Carlos II demonstrou maior sensibilidade e sagacidade política do que os seus antecessores ao reconhecer a necessidade de apelo às massas tal como fizera Isabel I. No entanto, muitas mudanças sociopolíticas e religiosas ocorreram, formando um público diferente quanto às suas exigências sociais e anseios políticos e religiosos. Os acontecimentos do século XVII contribuíram para a desmistificação da realeza e uma crescente cultura política popular mais afirmativa provou constituir uma força desestabilizadora para a coroa britânica:

Charles II therefore had to negotiate with his subjects, appeal to their sensibilities, convince and persuade (...) When James II failed to rule in that way, all his attempts to exploit Elizabethan-type techniques for the manipulation of public opinion – royal progresses, the celebration of royal birthdays and so forth – were to no effect. The world had become a very different place.<sup>12</sup>

No século XVIII, a propaganda associou-se ao carácter revolucionário dos acontecimentos que ocorreram em França. Segundo Oliver Thomson, a Revolução Francesa marcou um passo importante na história da propaganda na medida em que os rápidos progressos na tecnologia da imprensa permitiram uma inovação vital para a propaganda. O aumento da capacidade de produção possibilitava a diminuição do preço dos folhetos e histórias populares e o poder de manipulação das massas reflectia-se na ampla distribuição de almanaques, canções, folhetos e cartazes. A Marselhesa passou a representar o grande hino da liberdade, simbolizando o espírito revolucionário da época:

A Revolução Francesa transformou-se num exemplo clássico da forma como uma propaganda descontrolada e altamente emocional consegue, através da fobia do pânico, da obscenidade e da sede de sangue, criar um nível de histeria de massas muito maior do que o originalmente pretendido e que facilmente se transforma numa violência autodestrutiva.<sup>13</sup>

Em Inglaterra, nomes como Mary Wollstonecraft, William Godwin e William Wilberforce surgiram associados à defesa dos direitos da mulher, à denúncia de injustiças sociais e à abolição da escravatura, respectivamente. Os seus escritos revelaram-se, o que podemos considerar, fortes instrumentos de propaganda, num sentido positivo, na difusão desses valores.

Na década de quarenta do século XIX, de acordo com Oliver Thomson, os dois maiores grupos de pressão, os artistas e a Liga contra as *Corn Laws*, aliaram o desenvolvimento da propaganda ao aumento da alfabetização entre as classes trabalhadoras.<sup>14</sup>

O período de 1840 a 1914 assistiu ao surgimento de novas técnicas de comunicação e ao aperfeiçoamento de outras já existentes. A ideologia dominante da época era patriótica, militar e imperial, tendo à sua disposição veículos eficazes de propaganda imperial. Anúncios publicitários, cartazes, postais e revistas tornaram-se uma fonte de informação e de propaganda patriótica e militar. O nacionalismo imperial através do qual os britânicos mostraram ao resto do mundo a sua superioridade foi projectado pela nova cultura visual, nomeadamente a publicidade, o teatro, o cinema, a igreja, organizações de jovens e o sistema educativo.<sup>15</sup> A guerra Boer representou um dos momentos em que a propaganda funcionou como um apelo para um esforço conjunto em nome da liberdade e da pátria:

Although the war was to develop Dominions nationalism, wartime propaganda emphasized that it was a joint imperial effort, sweeping up the White Dominions, India and the dependent territories into a crusade for freedom. (...) the propagandist patterns laid down in this period did (...) represent (...) the beginning of a propagandist era, utilising all the technical developments described above, which was to last at least until the Second World War.<sup>16</sup>

A Primeira Guerra Mundial promoveu a expansão da propaganda tornando os seus efeitos perniciosos mais devastadores.<sup>17</sup> Sendo a propaganda considerada como o meio mais adequado para fornecer significação às lógicas das acções colectivas e para unir diferentes estratos sociais em defesa de um objectivo comum, a Primeira Guerra Mundial constituiu o momento de afirmação máxima dessa tendência.<sup>18</sup> Os *slogans* utilizados propagandearam a unidade nacional e envolveram uma nação no espírito da guerra na defesa da pátria:

A propaganda é a panaceia para consolidar o moral, a coesão interna, para obter a unidade nacional, mas também para instigar o inimigo, para semear a confusão no campo adverso.<sup>19</sup>

O período que se seguiria, a época de ditaduras fascistas, tornou-se o mais prejudicial em quase todos os aspectos. Hitler e Mussolini utilizaram perversamente as técnicas da propaganda resultando num efeito hipnótico sobre os seus seguidores. A organização de eventos, o desporto, os símbolos nacionais como as bandeiras, os uniformes, as camisas castanhas dos SS, o passo de ganso e a suástica preta aplicada num fundo vermelho socialista funcionaram como instrumentos de ilusão das massas.<sup>20</sup> Aliada aos novos meios de comunicação, a rádio e os filmes sonoros, a propaganda dos ditadores teve efeitos altamente nefastos, na medida em que veiculava uma ideologia negativa e contrária aos valores democráticos.

Todavia, a propaganda não existia somente nos regimes totalitários. Os países democráticos como a Inglaterra e os Estados Unidos recorreram constantemente à propaganda no sentido de difundir valores assentes no nacionalismo e no patriotismo. Os *media* muito contribuíram, se não totalmente, para a apropriação e promoção de um discurso autoritário com o objectivo de criar uma hiperrealidade ortodoxa. Explicando de uma outra forma, a propaganda construía uma imagem do real que aparentasse constituir a única realidade existente. Não era oferecida outra opção, não havia alternativa possível a não ser a apresentada.

Segundo Keith Williams, a percepção do poder e da influência dos *media* nos anos trinta do século XX constituía já um sintoma da transição cultural para a modernidade.<sup>21</sup> A transfiguração dos eventos e a manipulação da verdade representava uma distorção sistemática promovida pela máquina governante com fins políticos. Keith Williams

evidenciou uma percepção concreta do significado de propaganda e do seu poder junto das massas, apresentando o exemplo da obra alegórica *Choose a Bright Morning* (1936) de Hillel Bernstein, em que a personagem Brunsatz, Ministro para a Propaganda, enaltecia o poder dos *media* e a sua capacidade de manipulação o que, afinal de contas, se podia transpor para a realidade totalitária vivida nos anos trinta e quarenta do século XX em grande parte dos países europeus.<sup>22</sup> Tal situação era comparável à vivida em *Nineteen Eighty Four*, em que o Ministério da Verdade também se regia por ditames totalitários e *slogans* repetitivos que penetravam nas mentes das pessoas, obrigando-as, quase de uma forma inconsciente, a considerar tudo o que lhes era dito como um dado verdadeiro.

Os métodos propagandísticos perspectivavam-se já como o veículo ideal nas novas estratégias de persuasão de massas o que, de algum modo, deixava antever um domínio absoluto nos anos vindouros. Segundo Stephen Coleman, os *media* são actualmente vistos pelas elites políticas como objecto adequado para o controlo da opinião pública e revelam-se ainda tecnologias apropriadas para uma ordem política hierarquizada na qual a soberania reside no Estado e a sociedade constitui apenas uma esfera marginal.<sup>23</sup>

Para Keith Williams, os *media* tornaram-se nos anos trinta do século XX uma força ideológica e um meio de consciencialização social:

The media were becoming an ever more powerful ideological force for channelling social consciousness; for constructing the nation's self image in terms of hegemonic consensus; for standardising language and culture; for soaking up precious leisure time on the one hand, and narcotically mitigating the limbo of the unemployment on the other.<sup>24</sup>

Convertendo-se num *medium* poderoso para a propaganda política, o potencial da rádio começou a ser explorado durante as duas guerras da primeira metade do século XX:

Limited neither by literacy nor geography, radio enabled one nation's propagandists to speak directly and immediately to large numbers of people in another, undermining borders in a way the press never could, and making Europe begin to resemble a single polity – the site of struggle between various super national ideologies.<sup>25</sup>

Durante a Segunda Guerra Mundial, a influência da rádio assumiu uma importância determinante na transmissão de notícias relacionadas com a guerra ou mesmo nos discursos radiofônicos de alguns políticos. Stanley Baldwin (três vezes Primeiro Ministro britânico entre 1923 e 1937) realizou frequentes transmissões radiofônicas para explicar a política do Governo nacional. Destaquem-se ainda os discursos de Winston Churchill (Primeiro Ministro britânico de 1940 a 1945 num primeiro mandato e de 1951 até 1955, num segundo), ouvidos por cerca de 70 por cento da população britânica em 1940, e a mensagem via rádio de Eduardo VIII quando abdicou do trono em 1936.<sup>26</sup> Perante a crise social e económica que os anos trinta atravessavam, a rádio representava o meio ideal para denunciar as situações de desemprego e pobreza em que a maioria da população vivia:

Access to the microphone for such speakers was a significant extension of radio's social change. Radio addressed not the particular publics of the daily newspapers, not the specialised readership of the Left Book club, not the tiny audiences for the documentary films, but in general public, society at large.<sup>27</sup>

Em 1928, sob a direcção de Hilda Matheson e Charles Siepmann, a BBC enveredou por uma atitude mais política e social, criando programas como *S.O.S* (1933) e *Time to Spare* (1934). Esses programas introduziram novos métodos de apresentar os problemas sociais através da rádio. As intenções consistiam no apelo à consciência da nação e passavam pelo recrutamento de voluntários na tentativa de mitigar as piores consequências do desemprego. Contudo, tanto a rádio como a imprensa escrita foram sendo constantemente manipuladas pela máquina política que subvertia o conceito de democracia e controlava a informação transmitida ao país. Mesmo a BBC, conhecida pelo seu rigor e competência, estava sujeita, tal como os restantes *media*, à manipulação de ministros, menos interessados em informar do que em gerir a democracia.<sup>28</sup>

A generalização desses métodos de persuasão suscitou uma forte resistência por parte dos que se opunham à manipulação da palavra. Orwell fazia parte desse grupo. Consciente do poder da propaganda e da sua relação próxima com os *media*, Orwell denunciou em muitos dos seus ensaios e em algumas das obras de maior destaque, nomeadamente *Homage to Catalonia*, *Animal Farm* e *Nineteen Eighty Four*, a força da propaganda partidária numa época de grande turbulência política e social, os anos trinta e

quarenta do século XX. Orwell considerava o regime totalitário uma ameaça para a divulgação da verdade e reconhecia desempenhar um papel importante no relato autêntico dos acontecimentos, sem omissão ou mudança de alguns factos pertinentes para a opinião pública:

Totalitarianism demands, in fact, the continuous alteration of the past, and in the long run probably demands a disbelief in the very existence of objective truth.<sup>29</sup>

Em “Looking Back on the Spanish War”, ensaio que constituiu um testemunho da experiência do autor na Guerra Civil de Espanha, Orwell divulgou a tendência manipuladora da verdade por parte, neste caso, da imprensa espanhola e britânica:

Early in life I had noticed that no event is ever correctly reported in a newspaper, but in Spain, for the first time, I saw newspapers reports which did not bear any relation to the facts, not even the relationship which is implied in an ordinary life. (...) I saw troops who had fought bravely denounced as cowards and traitors, (...) and I saw newspapers in London retailing these lies and eager intellectual building emotional superstructures over events that had never happened.<sup>30</sup>

Em Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, os escritores e jornalistas deparavam-se, por um lado, com a influência dos magnatas detentores de grande parte da imprensa escrita que decidiam o que deveria ser publicado nos jornais e, por outro lado, com a pressão do governo, cujo Ministério da Informação apostava numa campanha propagandística eficaz com o objectivo de moldar a opinião pública em tempo de guerra e crise. Muitos escritores e jornalistas passaram a estar ao serviço do Estado:

The essential aim of MOI propaganda policy (...) was to live down the backfiring of official slogans after the Great War, when the promised “Land fit for heroes” vanished into the dreary reality of mass-unemployment, homelessness and poverty.<sup>31</sup>

Orwell cedo se apercebeu dessa situação, denunciando em “The Prevention of Literature” a falta de liberdade de expressão e o controlo da mesma pelos barões da imprensa:

In England the immediate enemies of truthfulness, and hence of freedom of thought, are the press lords, the film magnates, and the bureaucrats, but that on a long view the weakening of the desire for liberty among the intellectuals themselves is the most serious symptom of all.<sup>32</sup>

Todavia, contrariando a ideia anteriormente referida, Orwell acreditava que, apesar da manipulação exercida por um grupo reduzido de pessoas na imprensa britânica, as notícias transmitidas no período da Segunda Guerra eram exactas e conformes à realidade:

As to accuracy of news, I believe this is the most truthful war that has been fought in modern times. Of course one only sees enemy newspapers very rarely, but in our own papers there is certainly nothing to compare with the frightful lies that were told on both sides in 1914-18 or in the Spanish civil war. (...) I believe that the B.B.C., in spite of the stupidity of its foreign propaganda and the unbearable voices of its announcers, is very truthful.<sup>33</sup>

Apesar de atribuir credibilidade à BBC, Orwell sofreu alguma censura pela mesma durante o tempo em que lá trabalhou. Orwell não podia relatar o que pretendia realmente devido à constante correcção dos guiões, embora tivesse conseguido, por vezes, expressar algumas palavras de protesto sobre o passado imperial de Burma e os problemas que a Índia enfrentava.<sup>34</sup> Além disso, comentava notícias em programas culturais, educativos e políticos que convenceriam os intelectuais indianos a apoiar os britânicos na Segunda Guerra Mundial. Essa propaganda tornou-se mais importante depois da queda de Burma para o Japão, em Janeiro de 1942, existindo a possibilidade de os japoneses invadirem a Índia. Todavia, as emissões da BBC chegavam em más condições à Índia e muitos dos estudantes não dispunham de aparelhos de rádio.<sup>35</sup>

O desejo de alterar o estado de coisas concorreu também para o envolvimento dos escritores na guerra. Esse comprometimento patrocinou uma iniciativa popular, uma espécie de revolução de veludo, como Keith Williams a designou, na medida em que ia

contra o que estava estabelecido, apresentando, no entanto, uma imagem aparente de revolução.<sup>36</sup> Como prova disso, durante a sua passagem pela BBC, Orwell tentou transmitir programas que, de alguma forma, proporcionassem a mudança, criando assim o pano de fundo para a revolução que iria democratizar a Grã-Bretanha e extinguir o imperialismo.

Orwell considerava o seu trabalho na BBC trivial e inútil. Tudo não passava de um jogo em que a propaganda constituía apenas um entretenimento. Essa experiência frustrante serviu, contudo, para que o autor pudesse adquirir material para a sua obra *Nineteen Eighty-Four*:

He complained about the desperate search for suitable subjects, lamented the poor quality of the transmissions (...) and regretted that he was forced to lie for propagandistic purposes. (...) In fact, Orwell hated propaganda and hated his job as much as Winston Smith does in *Nineteen Eighty-Four*.<sup>37</sup>

A consciencialização do papel relevante do escritor em tempo de guerra levou o autor a expressar em "Why I Write" a necessidade de um compromisso explícito por parte dos escritores que, com a sua escrita e poder crítico, desempenhariam uma influência determinante no resultado dos debates políticos:

(...) in a peaceful age I might have written ornate or merely descriptive books, and might have remained almost unaware of my political loyalties. As it is I have been forced into becoming a sort of pamphleteer.<sup>38</sup>

Assumindo um propósito social, a função do escritor consistiria na luta contra os males da sociedade. Orwell acreditava que o escritor, assim como todos os artistas, deveriam envolver-se numa causa legítima, reconhecendo-lhes o dever individual na interacção da sociedade com a política. O escritor, porque responsável, deveria manifestar esse relacionamento na sua obra:

To suggest that a creative writer, in a time of conflict, must split his life into two compartments, may seem defeatist or frivolous: yet in practice I do not see what else he can do. To lock yourself in the ivory tower is

impossible and undesirable. To yield subjectively, not merely to a party machine, but even to a group ideology, is to destroy yourself as a writer. We feel this dilemma to be a painful one, because we see the need of engaging in politics while also seeing what a dirty, degrading business is.<sup>39</sup>

Hostil à propaganda, Orwell não esqueceu os perigos que ela poderia constituir no trabalho de um escritor. Durante a Segunda Guerra, grande parte dos escritores desempenhou funções para partidos políticos, escrevendo propaganda ao serviço de ideologias partidárias:

And this period of ten years or so in which literature, even poetry, was mixed up with pamphleteering, did a great service to literary criticism, because it destroyed the illusion of pure aestheticism. It reminded us that propaganda in some form or other lurks in every book, that every work of art has a meaning and a purpose – a political, social and religious purpose – and that our aesthetic judgements are always coloured by our prejudices and beliefs.<sup>40</sup>

Orwell expressou também numa carta a Stephen Spender o desprezo em relação à propaganda, destacando, apesar de tudo, o dever moral de intervir na guerra:

I hate writing that kind of stuff and I am much more interested in my own experiences, but unfortunately in this bloody period we are living in one's only experiences are being mixed up in controversies, intrigues, etc.<sup>41</sup>

Segundo Alex Zwerdling, Orwell atacava e criticava constantemente a propaganda porque a considerava imoral e com resultados negativos na sociedade.<sup>42</sup> Lynette Hunter demonstrou também o repúdio sentido por Orwell face à propaganda, mas uma vez determinado a desempenhar uma função social, o escritor acabaria a escrever para o Governo, talvez algo relacionado com a propaganda:

One of the origins of Orwell's conflicting attitudes to meaning was his distaste for simply voicing party political propaganda and until he began to distinguish between personal and party politics, he was always to strive

after a concept of pure art. After his experience working for the BBC, his observation of the dangers of totalitarianism and the growing belief that people were giving in to totalitarianism habits of mind, he began to establish his distinction between the two. It is also at this time that he concludes that the artist whatever the medium, has to express a political view. If an individual has a responsibility to interact with party politics, then so does the artist as an individual. The government depends on the artist for its propaganda, and the artist should be able in turn to influence the government.<sup>43</sup>

Tendo em conta esse contexto de propaganda partidária numa época de incertezas e dúvidas quanto ao desenrolar da guerra, Orwell, embora manifestamente contra a propaganda, pretendeu em muitos dos seus ensaios políticos alertar para os perigos da guerra, delineando em muitos deles um plano político e social para enfrentar os problemas resultantes da guerra. *The Lion and the Unicorn* constituiu um bom exemplo da propagação dos seus ideais políticos. Considerado por Jeffrey Meyers e Bernard Crick como um texto panfletário, essa obra expressou o desejo de manter a unidade nacional, apelando aos símbolos da nação como parte da cultura popular e, principalmente, ao sentimento patriótico, instrumento e produto final da mensagem de Orwell.

Podemos, no entanto, apresentar opiniões que contrariam, desde logo, a tese de que os ensaios de Orwell constituem propaganda. Referimo-nos a John McNair que negava qualquer ligação de Orwell à propaganda:

The writer is not a propagandist. So far as I know, he is a member of no political party. Probably because of this he has demonstrated the age-old truth that art does not need artifice, and that a writer's job is to express in honesty and sincerity the realities of a situation as he sees and experiences them.<sup>44</sup>

Não esqueçamos, todavia, que John McNair escreveu estas declarações em 1938. A partir dessa data muitas coisas se modificaram. Orwell filiou-se no Partido Trabalhista Independente em Junho desse mesmo ano, delegando-lhe confiança e credibilidade nas suas funções na sociedade.<sup>45</sup> O cenário da Segunda Guerra alterou também a própria opinião política de Orwell. O autor envolveu-se na política com propósitos muito claros, o

de contribuir de uma forma positiva para melhorar as condições de vida dos mais desfavorecidos e colmatar as falhas existentes na política britânica.

Os ensaios políticos de Orwell manifestaram essa preocupação de esclarecer as pessoas sobre o que se passava na realidade. Orwell não omitia nem alterava factos como um mero propagandista faria, mas limitava-se, através de uma linguagem simples e apelativa, a relatar a verdade dos acontecimentos de um modo claro e directo. Através de dois conceitos chave usados em *The Lion and the Unicorn*, a decência e a “Englishness”, Orwell utilizou um discurso eficaz na propagação do seu programa político. Apelando a todos, o autor realçou o facto de a guerra afectar toda a nação e, como tal, todos deveriam resistir não só ao regime nazi como a todos os governos totalitários. Curiosamente, o *slogan* propagandístico “The People’s War” criado pelo Ministério da Informação britânico continha em si os mesmos objectivos que Orwell delineara alcançar. A coesão nacional resistiria a qualquer força demoníaca e a “Englishness” constituiria assim um escudo de protecção contra o perigo nazi:

In this way, war propaganda became another version of Empsonian pastoral, cross breeding the urban iconography of thirties prolecult with the rural concept of ‘Deep England’. The people’s war became a question not of competing national ideologies, but of ‘the natural’, Hardy-esque-rural or Dickensian-urban, versus ‘unnatural’ Nazism, uncomfortably echoed by Hitler’s own development of Nature as a metaphysical alibi.<sup>46</sup>

Muitas dúvidas persistem ainda quanto à natureza propagandística dos ensaios se considerarmos que Orwell, embora associasse a propaganda à mentira, aludia constantemente ao facto de se viver numa época conturbada em que o escritor deveria assumir um compromisso político para tentar sanar os males da sociedade. Por consequência da guerra, o facto de o escritor escrever propaganda ao serviço de um partido político não o incomodava, desde que fosse apenas uma fase temporária na sua carreira. A diferença residia, no entanto, entre propaganda amoral e verdade, entre uma política falsa e interesseira e o respeito pela lei e pela decência. Orwell escolheu sempre a segunda opção.

A propaganda, como já mencionado, só se torna um processo negativo quando utilizada de uma forma abusiva e descontrolada. Dificilmente conseguiremos apagar o sentido pejorativo da palavra mas se tivermos em conta que Orwell, consciente do poder da propaganda, tê-la-ia usado com propósitos baseados na verdade e na justiça, a palavra

adquire um significado mais positivo. Se partirmos do pressuposto de que a propaganda tem maior facilidade em ser eficaz quando se baseia na verdade, então Orwell utilizou-a com o fim de obter uma mudança de atitude por parte dos britânicos e conseguir apoio para o seu programa político.

Podemos concluir, desta forma, que alguns dos ensaios políticos, nomeadamente *The Lion and the Unicorn*, “The English People”, “The Prevention of Literature”, “Inside the Whale”, “Looking Back on the Spanish War” além dos mencionados neste capítulo, só para referir alguns, constituíram panfletos propagandísticos, na medida em que tentavam convencer, positivamente, o leitor para causas que o autor considerava justas e pertinentes.

## 6. Conclusão

Ao longo desta dissertação fomos extraíndo algumas conclusões sobre aspectos abordados e discutidos nos ensaios de Orwell, nomeadamente os objectivos políticos, sociais e culturais pretendidos alcançar pelo autor. Além disso, a sua vida revelou-se determinante para a compreensão de toda a obra, pelo que se trata agora de avaliar o percurso da nossa análise.

O percurso biográfico de Orwell permitiu-nos caracterizar o autor e a obra. O carácter autobiográfico das suas obras, pelo menos até 1937, fundiu-se com a ficção ou mesmo com relatos supostamente reais. Experimentando sempre novos estilos de escrita e interessando-se por todo o tipo de temas, Orwell deixava transparecer uma insatisfação profissional e a procura incessante de realização tanto pessoal como profissional marcaram a sua vida, tornando difícil definir o seu papel na sociedade.

No entanto, o facto de pertencer a uma classe abastada permitiu-lhe ver por dentro os vícios da sua própria classe e observar, enquanto espectador, a miséria das classes mais baixas. Foi então em nome da escrita e na tentativa de encontrar uma nova identidade social que Orwell, renunciando ao seu meio, experimentou por dentro o sofrimento dos mais desfavorecidos. Paris, Londres e Wigan Pier constituíram três dos lugares escolhidos por Orwell para viver as angústias e as necessidades dos mais pobres, destacando-se Wigan Pier como um momento determinante para que Orwell pudesse acreditar na possibilidade de uma revolução socialista. A crítica às ortodoxias, sinónimo de desigualdade social, hipocrisia, riqueza e exploração da classe trabalhadora, passou a partir dessa altura a ser uma constante.

A guerra civil de Espanha constituiu um outro ponto decisivo na carreira literária de Orwell e na sua atitude política e social. Ganhando e apurando uma consciência política, Orwell teceu duras críticas à inoperância e vícios dos partidos políticos em geral. Verificamos em muitos dos seus ensaios, particularmente em "Looking Back on the Spanish War" as críticas frequentes ao Partido Comunista russo, aos políticos ingleses e à denúncia do constante relato falseado dos factos pela imprensa espanhola e britânica.

A necessidade de estar directamente envolvido nos acontecimentos sobre os quais escreveu, constituiu uma característica que acompanhou o autor durante toda a vida, animado do propósito de escrever com rigor e transmitir a verdade dos factos.

Ficámos, no entanto, a saber, através da análise de vários críticos de Orwell, que isso nem sempre acontecia. Orwell escrevia a sua verdade, aquilo que achava pertinente realçar. Repare-se, por exemplo, na descrição da Escola de St. Cyprian ou de Eton, que não coincidia com a dos seus colegas, nomeadamente Cyril Connolly que também relatou algumas experiências vividas nessas escolas.

Não devendo confiar plenamente nas palavras de Orwell, constatámos ainda que o carácter conservador e misantropo, marcas da sua educação das quais não se conseguiu desligar totalmente, deixou antever paradoxos sobre a sua vida e escrita. Os preconceitos em relação à classe trabalhadora, a veia *Tory* e o tipo de vida que levou constituíram apenas alguns.

O retorno a uma vida despojada de bens materiais representava a decência que Orwell tanto apregoou e tentou difundir nos seus ensaios. Rigorosamente disciplinado, persistente, metódico e activista, Orwell, imbuído de um espírito de missão, decidiu denunciar os males da sociedade britânica e alertar para os perigos do totalitarismo que a Europa enfrentava nas décadas de trinta e quarenta do século XX.

Genuinamente inglês, Orwell tomou consciência da importância da identidade nacional e do patriotismo como elementos essenciais para a união do povo em tempo de guerra e consequente derrube dos regimes fascistas. Observador preciso da cultura popular, Orwell, numa perspectiva anglocêntrica, aproveitou esse conhecimento para em *The Lion and the Unicorn* ou em “The English People” chamar a atenção dos britânicos para a importância dos símbolos da nação inglesa. *The Lion and the Unicorn* representa como que a consolidação do mito inglês, simbolizando a glorificação da “Englishness”.

Consciente do momento que se vivia, Orwell, no que consideramos uma atitude oportuna, aproveitou a crise política e social que a Grã-Bretanha enfrentava para propôr o seu programa socialista. Em jeito de propagaganda positiva, utilizando uma linguagem simples, directa e convincente, apelando aos valores nacionais e à união de todos, Orwell apresentou propostas que davam resposta a muitos problemas reais. Ainda que muitas das medidas apontadas não se tivessem concretizado, Orwell revelou uma atenção e sagesa políticas, característica da sua escrita na década de quarenta. Os ensaios manifestaram essa preocupação, tentando alertar e informar o leitor para a grave conjuntura política e social. O relato da verdade serviu de ponto de partida para a redacção dos seus ensaios, autênticas heranças culturais e sociopolíticas.

Manifestando um cuidado na escolha dos ensaios, essencialmente políticos, tentámos abranger ainda outros relevantes para o nosso estudo. Todavia, o trabalho não fica (nem deve ficar) esgotado. Conscientes de que outras linhas de leitura poderão surgir, chamamos a atenção para a vinda a lume de um valioso instrumento de investigação como a publicação de *George Orwell: Complete Works*, organizado por Peter Davison em 1998, que nos coloca à disposição um manancial variadíssimo de importantes testemunhos biográficos e provas autênticas da primeira metade do século XX. As cartas de Orwell, os comentários de guerra e os discursos radiofónicos constituem material interessante para um estudo mais aprofundado da vida e obra de Orwell.

Comemora-se este ano (Junho de 2003) o centenário de Orwell. Durante este período muitas mudanças ocorreram na sociedade britânica e no mundo. Muitas das profecias patentes em *Nineteen Eighty Four* e as preocupações expressas nos seus ensaios continuam a ser actuais. Porque é que interessa ler Orwell? Orwell interessa porque a sua principal preocupação política se aplica a todos os tempos. Na tentativa de justificar a necessidade de uma acção colectiva para corrigir e suprimir alguns males e vícios da sociedade que ameaçavam a liberdade individual, Orwell apresentou na sua obra ensaística os argumentos válidos para o combate aos totalitarismos e à mentira. Lido em todo o mundo, Orwell é hoje reconhecido como um dos escritores mais importantes do século XX pelo precioso legado político que deixou. Como tal, também este trabalho mais não representa do que o nosso tributo à pertinência da sua obra..

## Notas:

### 1. Introdução

<sup>1</sup> Timothy Garton Ash, "The Complete Works of George Orwell", *The New York Review of Books*, October 22, 1998, p. 1 in <file://A:\Orwell%20Themes.htm>

<sup>2</sup> Peter Marks, "Where he Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell", *Twentieth Century Literature*, Winter 1995 in <file://A\The Chestnut Tree Café Recent Essays.htm>

<sup>3</sup> Bernard Crick (ed.) *George Orwell: Essays*, "Introduction", Harmondsworth, Penguin, 1994, p. Ix.

<sup>4</sup> *Idem*, p. x.

<sup>5</sup> Robert Pearce, "Orwell Now", *History Today*, October 1997 in [http://www.findarticles.com/cf\\_o/m1373/n10\\_v47/19847151/p1/article.jhtml](http://www.findarticles.com/cf_o/m1373/n10_v47/19847151/p1/article.jhtml)

### 2. A Grã-Bretanha de 1900 a 1950

#### 2.1. A Grã-Bretanha e a Europa

<sup>1</sup> Michael Howard, "Europe in the Age of the Two World Wars" in Michael Howard and Wm. Roger Louis (eds), *The Oxford History of the Twentieth Century*, Oxford, O.U.P, 1998, p. 103.

<sup>2</sup> O termo guerra fria foi inventado pelo socialista alemão Eduard Bernstein para descrever o armamento contínuo dos países europeus num esforço de acompanhar a Alemanha no seu desenvolvimento e estarem preparados para um possível ataque. V. David Reynolds, *Britannia Overruled. British Policy and World Power in the 20th Century*, London & New York, Longman, 1993, p. 82.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 82.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 78.

<sup>5</sup> Michael Howard, *op. cit.*, p. 103.

<sup>6</sup> David Reynolds, *op. cit.*, p. 77.

<sup>7</sup> Bernard Broz e Anthony Rowley, *História do Século XX, Declínios Europeus*, vol.1, trad. de João Fagundes, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 17.

<sup>8</sup> David Reynolds, *op. cit.*, p. 89.

<sup>9</sup> Veja-se o exemplo da guerra Boer que os britânicos travaram com os holandeses na África do Sul. As causas do conflito constituíram um reflexo da política imperialista levada a cabo pelos britânicos. Depois da descoberta de ouro em Joanesburgo em 1886, os britânicos mudaram a sua política com os habitantes desta colónia, quando até essa data a sua permanência tinha sido permitida de uma forma amistosa.

<sup>10</sup> John Young, *Britain and the World in the Twentieth Century*, London, Arnold, 1997, p. 98.

<sup>11</sup> Keith Robbins, "From Imperial Power to European Partner. Overview" in Christopher Haigh (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, p. 289.

<sup>12</sup> David Reynolds, *op. cit.*, p. 106.

<sup>13</sup> Peter Lowe, "From Imperial Power to European Partner. Warfare and International Relations: Empire, Commonwealth, Community" in Cristopher Haigh, *op. cit.*, p. 312.

<sup>14</sup> David Reynolds, *op. cit.*, pp. 106-7.

<sup>15</sup> Malcolm Smith, *Britain and 1940. History, Myth and Popular Memory*, London & New York, Routledge, 2000, pp. 12-13.

## 2.2. Economia e Sociedade de 1900 a 1950

<sup>1</sup> Eric Hobsbawm, *Industry and Empire*, Harmondsworth, Penguin, 1999, p. 171.

<sup>2</sup> Dudley Baines, "The Onset of Depression" in Paul Johnson (ed.), *20<sup>th</sup> Century Britain. Economy, Social and Cultural Change*, London & New York, Longman, 1997, p. 169.

<sup>3</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p. 188.

<sup>4</sup> Dudley Baines, *op. cit.*, p. 172.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 172.

<sup>6</sup> Barry Supple, "From Imperial Power to European Partner. The Economy: Adjustment, Affluence, Decline." in Cristopher Haigh (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 321-23.

<sup>7</sup> Ross McKibbin, *Classes and Cultures. England 1918-1951*, Oxford, OUP, 1998, p. 112.

<sup>8</sup> Peter Clarke, *Hope and Glory. Britain 1900-1990*, Harmondsworth, Penguin, 1996, p. 151.

<sup>9</sup> Bernard Harris, "Unemployment and the Dole in Interwar Britain" in Paul Johnson (ed.), *op. cit.*, p. 207.

<sup>10</sup> A Lei dos Pobres deixou de desempenhar um papel importante quando novas leis foram aprovadas, nomeadamente o *National Insurance Act* (1911), o *Unemployment Act* (1934) e o *Unemployment System Insurance Act* (1936). V. Bernard Harris, *op. cit.*, p. 207.

<sup>11</sup> Ross McKibbin, *op. cit.*, p. 112.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 125.

<sup>13</sup> Barry Supple, *op. cit.*, pp. 324-325.

<sup>14</sup> Dudley Baines, "Recovery from Depression" in Paul Johnson (ed.), *op. cit.*, p. 190.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 190.

<sup>16</sup> Barry Supple, *op. cit.*, p. 324.

<sup>17</sup> Krisham Kuman, "The Social and Cultural Setting" in Boris Ford (ed.), *The New Pelican Guide to English Literature*, vol. 8, London, Penguin, 1995, p. 15.

<sup>18</sup> Dudley Baines, *op. cit.*, pp. 191-193.

<sup>19</sup> Barry Supple, *op. cit.*, p. 326.

<sup>20</sup> Peter Clarke, "From Imperial Power to European Partner. Government and Politics in England: Realignment and Readjustment." in Cristopher Haigh, *op. cit.*, pp. 293-301.

<sup>21</sup> *Idem*, pp. 298-299.

<sup>22</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p. 198.

- <sup>23</sup> Peter Calvocoressi *et al.*, *The Penguin History of the Second World War*, Harmondsworth, Penguin, 1999, p. 429.
- <sup>24</sup> *Idem*, p. 429.
- <sup>25</sup> Ross McKibbin, *op. cit.*, p. 2.
- <sup>26</sup> *Idem*, pp. 23-35.
- <sup>27</sup> *Idem*, p. 41.
- <sup>28</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, pp. 263-264.
- <sup>29</sup> Ross McKibbin, *op. cit.*, p. 46.
- <sup>30</sup> *Idem*, p. 58.
- <sup>31</sup> *Idem*, p. 147.
- <sup>32</sup> *Idem*, p. 79. Veja-se também a p. 205.
- <sup>33</sup> *Idem*, pp. 64-65.
- <sup>34</sup> Boris Ford (ed.), *The Cambridge Cultural History. Early 20th Century Britain*, vol. 8, Cambridge, C.U.P., 1992 (1989), p. 29.
- <sup>35</sup> Frederick Engels, *The Condition of the Working Class in England in 1944*, London, Panther Books, 1972 (1892), p. 145.
- <sup>36</sup> Ross McKibbin, *op. cit.*, pp. 530-1.
- <sup>37</sup> Michael Bentley, "From Imperial Power to European Partner. Social Change: Appearance and Reality" in Christopher Haigh, *op. cit.*, pp. 328.
- <sup>38</sup> Asa Briggs, *A Social History Of England*, Harmondsworth, Penguin, 1999, p. 301.
- <sup>39</sup> O *Butler's Act* reorganizou as escolas primárias e secundárias do ensino estatal. Este consistia em três etapas: escola primária, dos 5 aos 12 anos, escola secundária, dos 12 aos 15 anos, e, a partir dos 15 anos, idade em que se atingia a escolaridade obrigatória, havia uma formação específica. A escola secundária foi dividida em três tipos: *grammar schools*; *secondary modern schools* e *secondary technical schools*. As crianças que passavam no *eleven plus examination* tinham as propinas pagas nas *grammar schools*. As que chumbavam eram rotuladas como falhadas, levando assim a uma perda de ambição e auto-estima. V. Mike Storry & Peter Childs, *British Cultural Identities*, London & New York, Routledge, 1996, p. 87.
- <sup>40</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism. New Perspectives on the Past*, Oxford, Blackwell, 2001, pp. 28-29.
- <sup>41</sup> *Idem*, pp. 37-38.
- <sup>42</sup> Raymond Williams, "The Idea of a Common Culture"(1968) in *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*, edited by Robin Gable, London & New York, Verso, 1989, p. 36. Veja-se ainda Raymond Williams, *Culture and Society*, London, The Hogarth Press, 1982 (1958), p. 325.
- <sup>43</sup> Raymond Williams, "Culture is Ordinary" (1958) in John McIlroy and Sally Westwood, (eds.), *Border Country: Raymond Williams in Adult Education*, Leicester, National Institute for Adult Continuing Education, 1993, p. 98. Encontramos também referência a este mesmo assunto em Raymond Williams, *The Long Revolution*, Hertfordshire & Ontario, BroadView Press, 2001 (1961), p. 171.
- <sup>44</sup> Boris Ford (ed.), *op. cit.*, p. 29.
- <sup>45</sup> *Idem*, p. 29.
- <sup>46</sup> *Idem*, p. 30.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 15.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 32.

<sup>49</sup> Raymond Williams, "Culture is Ordinary", p. 96.

<sup>50</sup> Boris Ford (ed.), *op. cit.*, p. 19.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 19

<sup>52</sup> *Idem*, p. 26.

<sup>53</sup> Roy and Gwen Shaw, "The Cultural and Social Setting" in Boris Ford (ed.), *The Cambridge Cultural History. Modern Britain*, vol. 9, Cambridge, C.U.P., 1992, p. 7.

<sup>54</sup> *Idem*, p. 3.

### 3. George Orwell: Vida e Obra

#### 3.1. George Orwell: Reputação e Legado

<sup>1</sup> As biografias consultadas e cujas referências vão ser mencionadas neste capítulo são, por ordem cronológica, Raymond Williams, *George Orwell*, New York, Columbia University Press, 1971.; Bernard Crick, *George Orwell. A Life*, Harmondsworth, Penguin, 1982.; Michael Shelden, *George Orwell. The Authorised Biography*, London, Heinemann, 1991.; Jeffrey Meyers. *Orwell. Wintry Conscience of a Generation*, New York, Norton, 2000.

<sup>2</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 15.

<sup>3</sup> George Orwell, "Why I write" in Peter Davison (ed.), *The Complete Works of George Orwell*, vol. XVIII, London, Secker & Warburg, 1998, p. 316. De ora em diante referidas pela abreviatura *CW*.

<sup>4</sup> Raymond Williams, *op. cit.*, p. 29.

<sup>5</sup> *Idem*, pp. 30-31.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>7</sup> O bisavô de Orwell, Charles Blair, tinha sido um homem rico, proprietário de plantações e de escravos na Jamaica. O seu pai, Richard Wolmesley Blair, trabalhava no Departamento de Ópio do Governo da Índia.

<sup>8</sup> George Orwell, "Such, Such Were the Joys", *CW*, vol. XIX, p. 263.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 264.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 269.

<sup>11</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 66.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 53.

<sup>13</sup> George Orwell, "Such, Such Were the Joys", p. 359.

<sup>14</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, pp. 20-21.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 342.

<sup>17</sup> George Orwell, "Inside the Whale", *CW*, vol. XII, p. 104.

<sup>18</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 65.

<sup>19</sup> George Orwell, *Burmese Days*, *CW*, vol. II, p. 38.

- <sup>20</sup> *Idem*, p. 39.
- <sup>21</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 78.
- <sup>22</sup> *Idem*, p. 76.
- <sup>23</sup> George Orwell, *Letter, CW*, vol. X, p. 496.
- <sup>24</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 109.
- <sup>25</sup> Raymond Williams, *op. cit.*, pp. 36-37.
- <sup>26</sup> Paul Addison, *The Road to 1945. British Politics and the Second World War*, London, Pimlico, 1994, p. 24.
- <sup>27</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 133.
- <sup>28</sup> George Orwell, *The Road to Wigan Pier, CW*, vol. V, p. 138.
- <sup>29</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, pp. 134-135.
- <sup>30</sup> *Idem*, p. 138.
- <sup>31</sup> Raymond Williams, *op. cit.*, p. 54.
- <sup>32</sup> George Orwell, "Why I Joined the I.L.P.", *CW*, vol. XI, p. 168.
- <sup>33</sup> George Orwell, *Homage to Catalonia, CW*, vol. VI, p. 213.
- <sup>34</sup> Raymond Williams, *op. cit.*, p. 39.
- <sup>35</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 288.
- <sup>36</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 190.
- <sup>37</sup> George Orwell, *Coming Up for Air, CW*, vol. VII, p. 238.
- <sup>38</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 352.
- <sup>39</sup> Michael Shelden, *op. cit.*, p. 368.
- <sup>40</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 352.
- <sup>41</sup> *Idem*, p. 27.
- <sup>42</sup> *Idem*, p. 28.
- <sup>43</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 313.
- <sup>44</sup> Raymond Williams, *op. cit.*, p. 92.
- <sup>45</sup> Michael Shelden, *op. cit.*, p. 3.

### 3.2. Facetas de Orwell

- <sup>1</sup> Um escritor polemista é, segundo definição de John Wain, sempre um homem que, tendo escolhido que posição tomar, usa o seu trabalho como instrumento para reforçar o apoio desse mesmo lado. V. John Wain, "George Orwell as a Writer of Polemic" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, New Jersey, Prentice-Hall, 1974, p. 89.
- <sup>2</sup> *Idem*, p. 90.
- <sup>3</sup> Richard Hoggart, "Introduction to *The Road to Wigan Pier*" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, 1974, p. 49.
- <sup>4</sup> Raymond Williams (ed.), *op. cit.*, p. 3.
- <sup>5</sup> Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 4.

- <sup>6</sup> Edmund Wilson, *New Yorker*, 25 May, 1946, pp. 82-84 in Jeffrey Meyers (ed.), *op. cit.*, p. 224.
- <sup>7</sup> George Woodcock, "George Orwell, 19th Century Liberal", *Politics*, December 1946, pp. 384-8 in Jeffrey Meyers (ed.), *op. cit.*, pp. 244-5.
- <sup>8</sup> Angus Wilson, *Observer*, 24 January 1954, p. 8 in Jeffrey Meyers (ed.), *op. cit.*, pp. 319-320.
- <sup>9</sup> Jeffrey Meyers (ed.), *op. cit.*, p. iii.
- <sup>10</sup> Lynette Hunter, *George Orwell. The Search for a Voice*, Milton Keynes, Open University Press, 1984, p. 1.
- <sup>11</sup> Peter Davison, *George Orwell. A Literary Life*, London, MacMillan, 1996, p. 39.
- <sup>12</sup> Christopher Hitchens, *Orwell's Victory*, London, Penguin, 2002, p. 7.
- <sup>13</sup> Richard I.Smyer, *Primal Dream and Primal Crime. Orwell's Development as a Psychological Novelist*, Columbia & London, University of Missouri Press, 1979, p. 94.
- <sup>14</sup> George Orwell, "Writers and Leviathan", *CW*, vol. XIX, p. 291.
- <sup>15</sup> Richard I.Smyer, *op. cit.*, p. 96
- <sup>16</sup> Henry Popkin, *Kenyon Review*, Winter 1954 in Jeffrey Meyers (ed.), *op. cit.*, pp. 222-3.
- <sup>17</sup> Raymond Williams, *Culture and Society*, London, The Hogarth Press, 1982 (1958), p. 286.
- <sup>18</sup> *Idem*, p. 289.
- <sup>19</sup> David Robertson, *Penguin Dictionary of Politics*, London, Penguin, 1993, p. 284.
- <sup>20</sup> Walter Theimer, *História das Ideias Políticas*, trad. Dinora Freitas e Sampaio Godinho, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977, p. 174.
- <sup>21</sup> David Robertson, *op. cit.*, p. 315.
- <sup>22</sup> Raymond Williams, *Culture and Society*, p. 291.
- <sup>23</sup> Estas afirmações de Williams levaram Christopher Hitchens a tecer duras críticas ao referido autor. Hitchens contestou a tentativa por parte de Orwell de pertencer a uma comunidade credível. Apesar de se mostrar solidário com as comunidades que encontrou tanto em Wigan como em Espanha, Orwell apenas partilhou experiências com simpatizantes revolucionários que tinham sofrido a traição de Estaline. Hitchens alegou que Williams naquela época formava uma parte orgânica da comunidade de Estaline. V. Christopher Hitchens, *op. cit.*, pp. 38-39.
- <sup>24</sup> George Orwell, *The Road to Wigan Pier*, *CW*, vol. V, pp. 118-119.
- <sup>25</sup> Conor Cruise O'Brien, "Orwell Looks at the World" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, 1974, p. 158.
- <sup>26</sup> Terry Eagleton, "Orwell and the Lower Middle Class Novel" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, 1974, pp. 28-9.
- <sup>27</sup> *Idem*, p. 25.
- <sup>28</sup> George Orwell, *The Lion and The Unicorn*, *CW*, vol. XII, p. 401.
- <sup>29</sup> *Idem*, p. 399.
- <sup>30</sup> David Marquand, "The Liberal Nation", *Prospect*, March 2002, p. 24.
- <sup>31</sup> George Orwell, "Looking Back on the Spanish War", *CW*, vol. XIII, p. 505.
- <sup>32</sup> Assumindo múltiplos significados em diferentes países, o individualismo defendia a igualdade e a liberdade individual, pressuposto inegável para os que seguiam o movimento. Em termos muito latos, em França, o sentido atribuído ao individualismo foi negativo, significando isolamento e dissolução. Na Alemanha, o sentido dado ao individualismo foi positivo, significando realização pessoal e a unidade orgânica do indivíduo

e da sociedade. Na América, foi associado com o capitalismo e a democracia liberal. Individualismo referia-se à realização actual ou iminente do último estágio do progresso humano numa sociedade que respeitava a igualdade, a liberdade individual, a dignidade e defendia uma intervenção limitada do Governo, fundamentada numa política liberal. Finalmente, na Inglaterra, a palavra individualismo foi acolhida com entusiasmo pelos liberais, entre eles Herbert Spencer e T. H. Green, que advogavam desde a política *laissez-faire* até à intervenção máxima do Estado. V. Steven Lukes, *Individualism*, Oxford, Basil Blackwell, 1985, pp. 3-39.

<sup>33</sup> Steven Lukes, *op. cit.*, pp. 52-58.

<sup>34</sup> George Orwell, “Culture and Democracy”, *CW*, vol. XIII, p. 76.

<sup>35</sup> George Orwell, “The Prevention of Literature”, p. 379.

<sup>36</sup> George Orwell, “Reflections on Gandhi”, *CW*, vol. XX, p. 8.

<sup>37</sup> R.H. Tawney, *Religion and the Rise of Capitalism*, Harmondsworth, Penguin, 1990 (1922), p. 200.

<sup>38</sup> Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 96-100.

<sup>39</sup> Alan Sandison, *The Last Man in Europe. An Essay on George Orwell*, London & Basingstoke, Macmillan, 1974, p. 31.

<sup>40</sup> Sobre o condicionalismo histórico, Orwell destacou a falta de fé na imortalidade como o maior problema da época em que vivia, deixando transparecer algumas dúvidas relativamente aos benefícios dessa mesma fé, quando afirmou o seguinte:

The major problem of our time is the decay of the belief in personal immortality, and it cannot be dealt with while the average human being is either drudging like an ox or shivering in fear of the secret police. How right the working classes are in their ‘materialism’! How right they are to realize that the belly comes before the soul, not in scale of values but in point of time!

(George Orwell, “Looking Back on the Spanish War”, *CW*, vol. XIII, p. 510.)

<sup>41</sup> Alan Sandison, *op. cit.*, p. 106.

<sup>42</sup> *Idem*, pp. 13-14, 48.

<sup>43</sup> George Orwell, “Reflections on Gandhi”, p. 8.

<sup>44</sup> Alan Sandison, *op. cit.*, p. 67.

<sup>45</sup> Raymond Williams, *Culture and Society*, p. 285.

<sup>46</sup> Max Plowman, *Adelphi*, April 1940 in Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 183.

<sup>47</sup> Stephen Ingle, “Orwell and Englishness”, *Anglo-Saxónica*, Série II, nº 19, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 179-180.

<sup>48</sup> George Orwell, *The Road to Wigan Pier*, p. 108.

<sup>49</sup> Stephen Ingle, *op. cit.*, pp. 180-181. Williams criticou também esta lacuna de Orwell que observava os factores externos evidentes e apenas adivinhava o que não era óbvio, ou seja, os padrões de sentimento inerentes. Esta falha é mais óbvia nas suas consequências: o facto de pensar, contra sua vontade, de que a classe trabalhadora era, de facto, inútil e nunca se poderia ajudar a ela própria. V. Raymond Williams, *Culture and Society*, p. 293.

<sup>50</sup> Stephen Ingle, *op. cit.*, p. 177.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 184.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 182.

<sup>53</sup> Richard Hoggart, *op. cit.*, pp. 43-44.

<sup>54</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 411.

<sup>55</sup> George Orwell, "Fascism and Democracy", *CW*, vol. XII, p. 381.

<sup>56</sup> *Idem*, p. 381.

<sup>57</sup> George Woodcock, *op. cit.*, p. 243.

<sup>58</sup> Raymond Williams, *Culture and Society*, p. 18.

<sup>59</sup> George Eliot, *Hudson Review*, Spring 1957 in Jeffrey Meyers, *op. cit.*, p. 337.

<sup>60</sup> *Idem*, p. 342.

<sup>61</sup> Timothy Garton Ash, "Orwell for Our Time", *The Guardian*, May 5, 2001, p. 5 in <http://books.guardian.co.uk/department/politicsphilosophy>.

<sup>62</sup> Christopher Hitchens, *op. cit.*, p. 150.

<sup>63</sup> John Rodden, *George Orwell. The Politics of Literary Reputation*, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 2002 (1989), p. 98.

## 4. Nação e Patriotismo na Ensaística de George Orwell

### 4.1. A Ideia de Nação e suas Expressões Simbólicas

<sup>1</sup> Miroslav Hroch, "From National Movement to the Fully-formed Nation: The Nation-building Process in Europe" in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London and New York, Verso, 1996, p. 79.

<sup>2</sup> Anthony D. Smith, *Nationalism: Theory, Ideology, History*, Cambridge, Polity Press, 2001, p. 13.

<sup>3</sup> George Orwell, "Notes on Nationalism", *CW*, vol. XVII, p. 141.

<sup>4</sup> Ernest Renan, "What is a Nation" in Homi K. Bhabha (ed.), *Nation and Narration*, London & New York, Routledge, 1994, pp. 8-21.

<sup>5</sup> Tony Claydon and Ian McBride, "The Trials of the Chosen People" in Tony Claydon and Ian McBride (eds.), *Protestantism and National Identity c. 1650 – c. 1850*, Cambridge, CUP, 2000 (1998), pp. 25-26.

<sup>6</sup> Miroslav Hroch, *op. cit.*, p. 79.

<sup>7</sup> Guy Hermet, *História das Nações e do Nacionalismo na Europa*, trad. Ana Moura, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, pp. 19-20.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 52.

<sup>9</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell, 2001 (1983), pp. 8-18.

<sup>10</sup> Otto Bauer, "The Nation" in Gopal Balakrishnan (ed.), *op. cit.*, p. 55.

<sup>11</sup> Ernest Gellner, *Dos Nacionalismos*, trad. Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1994, p. 210.

<sup>12</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, p. 49.

<sup>13</sup> Sobre este assunto consultem-se também os seguintes autores: Anne Marie Thiesse, *A Criação das Identidades Nacionais*, trad. Sandra Silva, Lisboa, Temas e Debates, 2000, p. 19 e Anthony Easthope, *Englishness and National Culture*, London & New York, Routledge, 1999, p. 3.

- <sup>14</sup> Anne Marie Thiesse, *op. cit.*, p. 20.
- <sup>15</sup> Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London & New York, 1991, p. 5.
- <sup>16</sup> Paul Langford, *Englishness Identified. Manners and Characters 1650-1850*, Oxford, OUP, 1998, pp. 14-15.
- <sup>17</sup> Jeremy Paxman, *The English. A Portrait of a People*, Harmondsworth, Penguin, 1999, p. 3.
- <sup>18</sup> Anthony Easthope, *op. cit.*, p. 37.
- <sup>19</sup> Tony Claydon and Ian McBride, *op. cit.*, pp. 10-11.
- <sup>20</sup> Alan Houston and Steve Pincus (eds.), *A Nation Transformed. England after the Restoration*, Cambridge, CUP, 2001, p. 5. Este assunto vai também constituir objecto de análise no capítulo 5.
- <sup>21</sup> Tony Claydon and Ian McBride, *op. cit.*, p. 11.
- <sup>22</sup> *Idem*, p. 5.
- <sup>23</sup> Guy Hermet, *op. cit.*, pp. 61-62.
- <sup>24</sup> V. Viriato Soromenho Marques, *Direitos Humanos e Revolução*, Lisboa, Edições Colibri, 1991, p. 102.
- <sup>25</sup> Katherine Verdery, "Whither Nation and Nationalism?" in Gopal Balakrishnan (ed.), *op. cit.*, p. 227.
- <sup>26</sup> Edmund Burke, *First Letter on a Regicide Peace* (1796). V, 326 in *The Philosophy of Edmund Burke: A Selection from his Speeches and Writings*, Edited, with an Introduction, by Louis I. Bredvold and Ralph G. Ross, Ann Harbor, The University of Michigan Press, 1960, pp. 49-50.
- <sup>27</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, p. 138.
- <sup>28</sup> Eric Hobsbawm, *A Questão do Nacionalismo. Nações e Nacionalismo desde 1780*, trad. Carlos Lains, Lisboa, Terramar, 1998 (1990), pp. 7-16.
- <sup>29</sup> Anthony D. Smith, *Nationalism: Theory, Ideology, History*, p. 93.
- <sup>30</sup> Tony Claydon and Ian McBride, *op. cit.*, p. 8.
- <sup>31</sup> Benedict Anderson, *op. cit.*, pp. 25 e 46.
- <sup>32</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, pp. 32-33.
- <sup>33</sup> Peter Mandler, "Race and Nation in mid-Victorian Thought" in Stefan Collini *et al.*, *History, Religion and Culture. British Intellectual History 1750-1950*, Cambridge, CUP, 2000, p. 243.
- <sup>34</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 392.
- <sup>35</sup> Anthony D. Smith, *op. cit.*, p. 7.
- <sup>36</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, p. 48. Veja-se ainda a página 38.
- <sup>37</sup> Anthony Smith, *op. cit.*, p. 8. Veja-se também Anthony Easthope, *op. cit.*, p. 24.
- <sup>38</sup> Anne Marie Thiesse, *op. cit.*, p. 18.
- <sup>39</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 401.
- <sup>40</sup> Anthony D. Smith, *Nationalism and Modernism*, London & New York, Routledge, 2001 (1998), p. 120.
- <sup>41</sup> *Idem*, p. 150.
- <sup>42</sup> Julian Barnes, *England, England*, London, Picador, 1998, pp. 83-85.
- <sup>43</sup> George Orwell, "The Sporting Spirit", *CW*, vol. XVII, pp. 441-442.
- <sup>44</sup> Anne Marie Thiesse, *op. cit.*, p. 263.
- <sup>45</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p. 136.

#### 4.2. Patriotismo e Nacionalismo

<sup>1</sup> George Orwell, “Notes on Nationalism”, *CW*, vol. XVII, p. 142.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 143.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 144.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 147.

<sup>5</sup> George Orwell, “Antisemitism in Britain”, *CW*, vol. XVII, p. 70.

<sup>6</sup> George Orwell, “Inside the Whale”, *CW*, vol. XII, p. 101.

<sup>7</sup> George Orwell, “Notes on Nationalism”, p. 151.

<sup>8</sup> Lord Acton, “Nationality” in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London and New York, Verso, 1996, p. 33. A ideia de patriotismo como uma devoção encontra-se em George Orwell, “My Country Right or Left”, *CW*, vol. XII, pp. 271-272.

<sup>9</sup> Ernest Gellner, *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell, 2001 (1983), p. 57.

<sup>10</sup> Anthony D. Smith, *Nationalism and Modernism*, London & New York, Routledge, 2001 (1998), p. 115.

<sup>11</sup> Eric Hobsbawm, *A Questão do Nacionalismo. Nações e Nacionalismo desde 1780*, trad. Carlos Lains, Lisboa, Terramar, 1998 (1990), pp. 80-85.

<sup>12</sup> *Polis. Enciclopédia Verbo*, vol. 4, Lisboa e São Paulo, Editorial Verbo, 1986, pp. 1062-1066.

<sup>13</sup> Mary G. Dietz, “Patriotism” in Stuart Hall and Paul du Gay (eds.), *Questions of Cultural Identities*, London, Sage Publications, 1996, pp. 177-178 e pp. 182-183.

<sup>14</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p. 114.

<sup>15</sup> Guy Hermet, *História das Nações e do Nacionalismo na Europa*, trad. Ana Moura, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 185.

<sup>16</sup> Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p. 137.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 162.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 180.

<sup>19</sup> Mary G. Dietz, *op. cit.*, p. 189.

#### 4.3. *The Lion and the Unicorn* e a Questão da “Englishness”

<sup>1</sup> Malcolm Smith, *Britain and 1940*, London, Routledge, 2000, p. 120.

<sup>2</sup> Esta expressão serviu, por exemplo, de título para um capítulo do livro de Jeremy Paxman, *The English*, Harmondsworth, Penguin, 1999, p. 77.

<sup>3</sup> Roland Barthes, *Mitologias*, trad. José Augusto Seabra, Lisboa, Edições 70, 1957, p. 141.

<sup>4</sup> Stephen Ingle, “Orwell and Englishness”, *Anglo-Saxónica*, Série II, nº 19, Lisboa, Edições Colibri, 2003, p. 173.

<sup>5</sup> Malcolm Smith, *op. cit.*, p. 111.

<sup>6</sup> *Idem*, pp. 92-93.

<sup>7</sup> Roland Barthes, *op. cit.*, pp. 181 e 198.

- <sup>8</sup> Malcolm Smith, *op. cit.*, p. 93.
- <sup>9</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 401
- <sup>10</sup> Bernard Crick, *George Orwell. A Life*, Harmondsworth, Penguin, 1980, p. 380.
- <sup>11</sup> George Woodcock, "George Orwell, 19th Century Liberal", *Politics*, December 1946, pp. 384-8 in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 243.
- <sup>12</sup> Jeffrey Meyers, *op. cit.*, pp. 18-19.
- <sup>13</sup> Bernard Crick, *op. cit.*, p. 28.
- <sup>14</sup> *Idem*, p. 23.
- <sup>15</sup> Raymond Williams, *George Orwell*, New York, Columbia University Press, 1971, p. 23.
- <sup>16</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 401.
- <sup>17</sup> Raymond Williams, *George Orwell*, p. 24.
- <sup>18</sup> *Idem*, pp. 17-18.
- <sup>19</sup> George Orwell, "The English People", *CW*, vol. XVI, p. 204.
- <sup>20</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 392.
- <sup>21</sup> *Idem*, p. 392.
- <sup>22</sup> *Idem*, p. 392.
- <sup>23</sup> Otto Bauer, "The Nation" in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London & New York, Verso, pp. 40-41.
- <sup>24</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, pp. 393-394.
- <sup>25</sup> *Idem*, p. 393.
- <sup>26</sup> Jeremy Paxman, *op.cit.*, p. 65.
- <sup>27</sup> Philip Dodd, "Englishness and the National Culture" in David Boswell and Jessica Evans (eds.), *Representing the Nation: a Reader. Histories, Heritage and Museums*, London & New York, Routledge, 1999, p. 87.
- <sup>28</sup> Anthony Easthope, *Englishness and National Culture*, London & New York, Routledge, 1999, p. 57.
- <sup>29</sup> *Idem*, pp. 25-32.
- <sup>30</sup> Stuart Hall, "Introduction: Who Needs Identity" in Stuart Hall and Paul du Gay (eds.), *Questions of Cultural Identities*, London, Sage Publications, 1996, p. 4.
- <sup>31</sup> *Idem*, p. 24.
- <sup>32</sup> Edwin Jones, *The English Nation. The Great Myth*, Gloucestershire, Sutton, 1998, p. ix.
- <sup>33</sup> *Idem*, p. 29.
- <sup>34</sup> *Idem*, pp. xiii e p. 15.
- <sup>35</sup> *Idem*, pp. 15-17.
- <sup>36</sup> *Idem*, p. ix.
- <sup>37</sup> *Idem*, p. 55.
- <sup>38</sup> Philip Dodd, *op. cit.*, p. 88.
- <sup>39</sup> Jeremy Paxman, *op. cit.*, p. 65.
- <sup>40</sup> Edwin Jones, *op. cit.*, pp. 3-5. O parênteses (*Alfred the Great*) foi acrescentado por nós.

- <sup>41</sup> Eric Evans, “Englishness and Britishness. National Identities *c.1790 – c.1870*” in Alexander Grant and Keith J. Stringer (eds.), *Uniting the Kingdom?*, London, Routledge, 1995, p. 223.
- <sup>42</sup> Julia Stapleton, “Political Thought and National Identity in Britain, 1850-1950” in Stefan Collini *et al.* (eds.), *History, Religion and Culture. British Intellectual History 1750-1950*, Cambridge, CUP, 2000, p. 248.
- <sup>43</sup> *Idem*, p. 253.
- <sup>44</sup> *Idem*, p. 263.
- <sup>45</sup> Philip Dodd, *op. cit.*, p. 87.
- <sup>46</sup> Edwin Jones, *op. cit.*, p. 222.
- <sup>47</sup> Philip Dodd, *op. cit.*, p. 92. A Lei da Educação de 1870 (*W. E. Forster’s Education Act*) contribuiu, em grande parte, para dar a conhecer essa versão oficial a um número maior de pessoas.
- <sup>48</sup> *Idem*, p. 103.
- <sup>49</sup> Edwin Jones, *op. cit.*, p. 19.
- <sup>50</sup> Monserrat Guibernau & David Goldblatt, “Identity and Nation” in Kath Woodward, *Questioning Identity: Gender, Class, Nation*, London & New York, The Open University, 2000, pp. 30-33.
- <sup>51</sup> Eric Evans, *op. cit.*, p. 243.
- <sup>52</sup> Timothy Garton Ash, “Two Flags, One Muddle”, *The Guardian*, June 13, 2002, p. 2 in <http://www.guardian.co.uk/Archive/Article/>
- <sup>53</sup> David Cannadine, “British History as a ‘New Subject’. Politics, Perspectives and Prospects” in Alexander Grant and Keith J. Stringer (eds.), *op. cit.*, p. 20.
- <sup>54</sup> Melanie Philips, “The National Debt”, *New Statesman*, May 9, 1997, p. 31.
- <sup>55</sup> Stuart Hall, *op. cit.*, p. 38.
- <sup>56</sup> David Cannadine, *op. cit.*, p. 16.
- <sup>57</sup> Crick argumentou que foi sobre os ingleses que Orwell escreveu, ignorando os restantes países membros do Reino Unido. V. Bernard Crick, *op. cit.*, p. 9.
- <sup>58</sup> George Orwell, *The Lion and The Unicorn*, p. 398.
- <sup>59</sup> *Idem*, p. 398.
- <sup>60</sup> *Idem*, p. 393.
- <sup>61</sup> *Idem*, p. 394.
- <sup>62</sup> Jeremy Paxman, *op. cit.*, p. 23.
- <sup>63</sup> *Idem*, p. 82.
- <sup>64</sup> George Orwell, “Wells, Hitler and the World State”, *CW*, vol. XII, pp. 357-358.
- <sup>65</sup> George Orwell, “Inside the Whale”, *CW*, vol. XII, p. 100.
- <sup>66</sup> George Orwell, *The Lion and The Unicorn*, pp. 395 e 399.
- <sup>67</sup> *Idem*, p. 406.
- <sup>68</sup> *Idem*, p. 405.
- <sup>69</sup> *Idem*, p. 407.
- <sup>70</sup> Stephen Ingle, *op. cit.*, p. 183.
- <sup>71</sup> *Idem*, p. 8.
- <sup>72</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 400.
- <sup>73</sup> William Shakespeare, *King Richard the Second, Complete Works*, Glasgow, HarperCollins, 1994, p. 488.

## 5. O Espaço e o Tempo para uma Revolução Social

### 5.1. O Socialismo de Orwell: uma Nova Proposta social

- <sup>1</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 409.
- <sup>2</sup> George Orwell, *The Road to Wigan Pier*, *CW*, vol. V, p. 206.
- <sup>3</sup> Jeffrey Meyers, *Orwell. Wintry Conscience of a Generation*, New York, Norton, 2000, p. 90.
- <sup>4</sup> George Woodcock, "George Orwell, 19th Century Liberal", *Politics*, December 1946, pp. 384-8 in Jeffrey Meyers (ed.), *Orwell: The Critical Heritage*, pp. 245-246.
- <sup>5</sup> David Thomson, *The Pelican History of England. England in the Nineteenth Century*, vol. 8, Harmondsworth, Penguin, 1950, pp. 32-34.
- <sup>6</sup> Charles Tilly, *As Revoluções Europeias 1492-1992*, trad. Eduardo Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 171-172.
- <sup>7</sup> Eric J. Hobsbawm, *A Era das Revoluções 1789-1848*, trad. António Cartaxo, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p. 58.
- <sup>8</sup> Arthur Shadwell, *The Socialist Movement 1824 - 1924*, London, Philip Allan, 1987, p. 28.
- <sup>9</sup> Luísa Leal de Faria, "Owen e o Socialismo Inglês", *Brotéria: Cultura e Informação*, vol. 102, n.º 5/6, Lisboa, Livraria Apostolado da Imprensa, Maio-Junho, 1976, pp. 532, 533 e 551.
- <sup>10</sup> *Idem*, p. 535.
- <sup>11</sup> G.D.H.Cole, & Raymond Postgate, *The Common People. 1746-1946*, London, Methuen, 1971, p. 216.
- <sup>12</sup> *Idem*, p. 242.
- <sup>13</sup> *Idem*, p. 242.
- <sup>14</sup> *Idem*, pp. 242-243.
- <sup>15</sup> Trygve Tholfsen, *Working Class Radicalism in Mid-Victorian England*, New York, Columbia University Press, 1979, p. 25.
- <sup>16</sup> Dorothy Thompson, *The Chartists. Popular Politics in the Industrial Revolution*, New York, Pantheon Books, 1984, p. 24.
- <sup>17</sup> G.D.H.Cole, & Raymond Postgate, *op. cit.*, pp. 272-291.
- <sup>18</sup> *Idem*, p. 280.
- <sup>19</sup> David Thomson, *op. cit.*, p. 57.
- <sup>20</sup> *Idem*, pp. 146-147.
- <sup>21</sup> Henry Pelling, *Origins of the Labour Party 1880 - 1900*, Oxford, Clarendon Press, 1965, p. 2.
- <sup>22</sup> Arthur Shadwell, *op. cit.*, p. 50.
- <sup>23</sup> Henry Pelling, *op. cit.*, p. 7
- <sup>24</sup> G.D.H.Cole, & Raymond Postgate, *op. cit.*, p. 415.
- <sup>25</sup> *Idem*, p. 31.
- <sup>26</sup> A. C. McBriar, *Fabian Socialism & English Politics, 1884-1918*, Cambridge, CUP, 1966, p. 6.
- <sup>27</sup> Henry Pelling, *op. cit.*, p. 36.
- <sup>28</sup> A. C. McBriar, *op. cit.*, pp. 25-28.
- <sup>29</sup> Henry Pelling, *op. cit.*, p. 118.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 119.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 226. Ver ainda p. 222.

<sup>32</sup> Keith Laybourn, *The Rise of Socialism in Britain 1881-1951*, Gloucestershire, Sutton, 1997, p. 160.

<sup>33</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 418.

<sup>34</sup> George Orwell, “Will Freedom Die with Capitalism”, *CW*, vol. XII, p. 459.

<sup>35</sup> George Orwell, “The British General Election”, *CW*, vol. XVII, p. 342.

<sup>36</sup> O programa político de Orwell encontra-se em *The Lion and the Unicorn*, pp. 422-426.

<sup>37</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 421.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 407.

<sup>39</sup> George Orwell, *The Road to Wigan Pier*, p. 176.

<sup>40</sup> *Idem*, pp. 200-201.

<sup>41</sup> Stephen Ingle, *George Orwell. A Political Life*, Manchester, Manchester University Press, 1993, p. 73.

<sup>42</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 415.

<sup>43</sup> Stephen Ingle, *op. cit.*, p. 72.

<sup>44</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 418 e “Our Opportunity”, *CW*, vol. XII, p. 345.

<sup>45</sup> George Orwell, “What is Socialism”, *CW*, vol. XVIII, p. 60.

<sup>46</sup> Harry Ritter, *Dictionary of Concepts in History*, Westport, Conn., Greenwood Press, 1986, p. 388.

<sup>47</sup> Isaac Kramnick, “Reflections on Revolution: Definition and Explanation in Recent Scholarship” in *History and Theory*, II, 1972, p. 31.

<sup>48</sup> Richard I. Smyer, *Primal Dream, Primal Crime. Orwell's Development as a Psychological Novelist*, Columbia & London, University of Missouri Press, 1979, pp. 102-103.

<sup>49</sup> Sobre este assunto veja-se a seguinte obra: Charles Tilly, *As Revoluções Europeias 1492-1992*, trad. Eduardo Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 31-39.

<sup>50</sup> George Orwell, “The British General Election”, pp. 339-340.

<sup>51</sup> Alex Zwerdling, *Orwell and the Left*, New Haven and London, Yale University Press, p. 76.

<sup>52</sup> Stephen Ingle, *op. cit.*, p. 107.

<sup>53</sup> Alex Zwerdling, *op. cit.*, pp. 112-113.

<sup>54</sup> George Orwell, “The English People”, p. 222.

<sup>55</sup> George Orwell, *The Lion and the Unicorn*, p. 427.

<sup>56</sup> George Orwell, *London Letter*, *CW*, vol. XII, p. 478.

## 5.2. Os Ensaios de Orwell como Propaganda

<sup>1</sup> Philippe Breton, *A Palavra Manipulada*, trad. Manuel Ruas, Lisboa, Caminho, 2001, pp. 22, 28 e 29.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 71.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 78

<sup>4</sup> Oliver Thomson, *História da Propaganda*, trad. Maria José Figueiredo, Lisboa, Temas & Debates, 2000, p. 23.

- <sup>5</sup> *Idem*, p. 74.
- <sup>6</sup> *Enciclopédia Einaudi*, Coord. Fernando Gil, vol. 38, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 316.
- <sup>7</sup> Oliver Thomson, *op. cit.*, p. 99.
- <sup>8</sup> *Idem*, p. 256. Veja-se ainda a página 255.
- <sup>9</sup> Tim Harris, "Understanding Popular Politics in Restoration Britain" in Alan Houston and Steve Pincus (eds.), *A Nation Transformed. England After the Restoration*, Cambridge, CUP, 2001, pp. 142-143.
- <sup>10</sup> *Idem*, p. 147.
- <sup>11</sup> Oliver Thomson, *op. cit.*, p. 266.
- <sup>12</sup> Tim Harris, *op. cit.*, pp. 152-153.
- <sup>13</sup> Oliver Thomson, *op. cit.*, p. 300.
- <sup>14</sup> *Idem*, p. 317.
- <sup>15</sup> John Mackenzie, *Propaganda and Empire*, Manchester, Manchester University Press, 1986, p. 253.
- <sup>16</sup> *Idem*, p. 35.
- <sup>17</sup> Oliver Thomson, *op. cit.*, p. 361.
- <sup>18</sup> *Enciclopédia Einaudi*, p. 318.
- <sup>19</sup> *Idem*, p. 318
- <sup>20</sup> Oliver Thomson, *op. cit.*, p. 364.
- <sup>21</sup> Keith Williams, *British Writers and the Media, 1930-45*, London, Macmillan, 1996, p. 1.
- <sup>22</sup> *Idem*, p. 52.
- <sup>23</sup> Stephen Coleman, "The Transformation of Citizenship?" in Barrie Axford and Richard Huggins (eds.), *New Media and Politics*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications, 2001, p. 116.
- <sup>24</sup> Keith Williams, *op. cit.*, pp. 20-21.
- <sup>25</sup> *Idem*, p. 25.
- <sup>26</sup> Keith Williams, *op. cit.*, p. 28.
- <sup>27</sup> Paddy Scannell, "Broadcasting and the Politics of Unemployment 1930-35" in Richard Collins *et al.* *Media, Culture and Society. A Critical Reader*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications, 1986, p. 223.
- <sup>28</sup> Keith Williams, *op. cit.*, p. 27.
- <sup>29</sup> George Orwell, "The Prevention of Literature", *CW*, vol. XVII, p. 374.
- <sup>30</sup> George Orwell, "Looking Back on the Spanish War", *CW*, vol. XIII, p. 503.
- <sup>31</sup> Keith Williams, *op. cit.*, p. 184.
- <sup>32</sup> George Orwell, "The Prevention of Literature", p. 374.
- <sup>33</sup> George Orwell, *London Letter*, vol. XII, p. 472.
- <sup>34</sup> Keith williams, *op. cit.*, p. 211.
- <sup>35</sup> Jeffrey Meyers, *Orwell. Wintry Conscience of a Generation*, New York, Norton, 2000, pp. 213 e 217.
- <sup>36</sup> *Idem*, p. 64.
- <sup>37</sup> *Idem*, p. 217.
- <sup>38</sup> George Orwell, "Why I Write", *CW*, vol. XVIII, p. 319.
- <sup>39</sup> George Orwell, "Writers and Leviathan", *CW*, vol. XIX, p. 292.
- <sup>40</sup> George Orwell, "The Frontiers of Art and Propaganda", *CW*, vol. XII, p. 486.

<sup>41</sup> George Orwell, *Letter, CW*, vol. XI, p. 130.

<sup>42</sup> Alex Zwerdling, *op. cit.*, p. 55

<sup>43</sup> Lynette Hunter, *George Orwell. The Search for a Voice*, Milton Keynes, Open university Press, 1984, p. 135.

<sup>44</sup> John McNair, *New Leader*, 6 May 1938 in Jeffrey Meyers (ed.), *Orwell: The Critical Heritage*, p. 124.

<sup>45</sup> A este propósito leia-se o ensaio “Why I Joined the I. L. P.”, *CW*, vol. XI, pp. 167-169.

<sup>46</sup> Keith Williams, *op. cit.*, p. 206.

## BIBLIOGRAFIA

### PRIMÁRIA:

DAVISON, Peter (ed.), *The Complete Works of George Orwell*, 20 vols., London, Secker & Warburg, 1998.

### SECUNDÁRIA:

CRICK, Bernard, *George Orwell. A Life*, Harmondsworth, Penguin, 1982.

..... (ed.), *George Orwell: Essays*, "Introduction", Harmondsworth, Penguin, 1994, pp. vii-xxv.

CRUISE O'BRIEN, Conor, "Orwell Looks at the World" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, New Jersey, Prentice-Hall, 1974, pp.156-160.

DAVISON, Peter, *George Orwell. A Literary Life*, London, MacMillan, 1996.

EAGLETON, Terry, "Orwell and the Lower Middle Class Novel" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, New Jersey, Prentice-Hall, 1974, pp.10-33.

ELIOT, George, *Hudson Review*, Spring 1957 in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 334-341.

HITCHENS, Christopher, *Orwell's Victory*, London, Penguin, 2002.

HOGGART, Richard, "Introduction to *The Road to Wigan Pier*" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, New Jersey, Prentice-Hall, 1974, pp. 34-51.

- HUNTER, Lynette, *George Orwell. The Search for a Voice*, Milton Keynes, Open University Press, 1984.
- INGLE, Stephen, *George Orwell. A Political Life*, Manchester, Manchester University Press, 1993.
- ....., "Orwell and Englishness", *Anglo-Saxónica*, Série II, nº 19, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 165-185.
- MEYERS, Jeffrey, *Orwell. Wintry Conscience of a Generation*, New York, Norton, 2000.
- MEYERS, Jeffrey (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975.
- PLOWMAN, Max, *Adelphi*, April 1940 in Jeffrey Meyers, (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 182-184.
- POPKIN, Henry, *Kenyon Review*, Winter 1954 in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 320-326.
- RODDEN, John, *George Orwell. The Politics of Literary Reputation*, New Brunswick and London, Transaction Publishers, 2002 (1989).
- SANDISON, Alan, *The Last Man in Europe. An Essay on George Orwell*, London & Basingstoke, MacMillan, 1974.
- SHELDEN, Michael, *George Orwell. The Authorised Biography*, London, Heinemann, 1991.
- SMYER, Richard I., *Primal Dream and Primal Crime. Orwell's Development as a Psychological Novelist*, Columbia & London, University of Missouri Press, 1979.

- WAIN, John, "George Orwell as a Writer of Polemic" in Raymond Williams (ed.), *A Collection of Critical Essays*, New Jersey, Prentice-Hall, 1974, pp.89-102.
- WILLIAMS, Raymond, *George Orwell*, New York, Columbia University Press, 1971.
- WILSON, Angus, *Observer*, 24 January 1954, p. 8 in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 318-320.
- WILSON, Edmund, *New Yorker*, 25 May, 1946, pp. 82-84 in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 224-227.
- WOODCOCK, George, "George Orwell, 19th Century Liberal" in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 384-8.
- ZWERDLING, Alex, *Orwell and the Left*, New Haven and London, Yale University Press, 1974.

### GERAL:

- ACTON, Lord, "Nationality" in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London & New York, Verso, pp. 17-38.
- ADDISON, Paul, *The Road to 1945. British Politics and the Second World War*, London, Pimlico, 1994.
- ANDERSON, Benedict, *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London & New York, Verso, 1999 (1983).

- BAINES, Dudley, "Recovery from Depression" in Paul Johnson (ed.), *20<sup>th</sup> Century Britain. Economy, Social and Cultural Change*, London & New York, Longman, 1997, pp. 188-202.
- ....., "The Onset of Depression" in Paul Johnson (ed.), *20<sup>th</sup> Century Britain. Economy, Social and Cultural Change*, London & New York, Longman, 1997, pp. 169-187.
- BARNES, Julian, *England, England*, London, Picador, 1998.
- BARTHES, Roland, *Mitologias*, trad. José Augusto Seabra, Lisboa, Edições 70, 1957.
- BAUER, Otto, "The Nation" in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London & New York, Verso, pp. 39-77.
- BENTLEY, Michael, "From Imperial Power to European Partner. Social Change: Appearance and Reality" in Cristopher Haigh (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 327-332.
- BRETON, Philippe, *A Palavra Manipulada*, trad. Manuel Ruas, Lisboa, Editorial Caminho, 2001.
- BRIGGS, Asa, *A Social History Of England*, Harmondsworth, Penguin, 1999.
- BROZ, Bernard e ROWLEY, Anthony, *História do Século XX. Declínios Europeus*, vol.1, trad. João Fagundes, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988.
- BURKE, Edmund, *First Letter on a Regicide Peace* (1796). V, 326 in *The Philosophy of Edmund Burke: A Selection from his Speeches and Writings*, Edited, with an Introduction, by Louis I. Bredvold and Ralph G. Ross, Ann Harbor, The University of Michigan Press, 1960, pp. 35-61.

- CALVOCORESSI, Peter *et al.*, *The Penguin History of the Second World War*, Harmondsworth, Penguin, 1999.
- CANNADINE, David, "British History as a 'New Subject'. Politics, Perspectives and Prospects" in Alexander Grant and Keith J. Stringer (eds.), *Uniting the Kingdom?*, London, Routledge, 1995, pp. 12-28.
- CLARKE, Peter, *Hope and Glory. Britain 1900-1990*, Harmondsworth, Penguin, 1996.
- ....., "From Imperial Power to European Partner. Government and Politics in England: Realignment and Readjustment." in Cristopher Haigh (ed.) *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 293-301.
- CLAYDON, Tony and MCBRIDE, Ian, "The Trials of the Chosen People" in Tony Claydon and Ian McBride (eds.), *Protestantism and National Identity. c. 1650 – c. 1850*, Cambridge, CUP, 2000 (1998), pp. 3-29.
- COLE, G.D.H. & POSTGATE, Raymond, *The Common People. 1746-1946*, London, Methuen, 1971.
- COLEMAN, Stephen, "The Transformation of Citizenship?" in Barrie Axford and Richard Huggins (eds.), *New Media and Politics*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications, 2001, pp. 109-126.
- DIETZ, Mary G., "Patriotism" in Stuart Hall and Paul du Gay (eds.), *Questions of Cultural Identities*, London, Sage Publications, 1996, pp. 177-178 e pp. 182-183.
- DODD, Philip, "Englishness and the National Culture" in David Boswell and Jessica Evans (eds.), *Representing the Nation: a Reader. Histories, Heritage and Museums*, London & New York, Routledge, 1999, pp. 87-108.
- EASTHOPE, Anthony, *Englishness and National Culture*, London & New York, Routledge, 1999.

*Enciclopédia Einaudi*, Coord. Fernando Gil, vol. 38, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 314-336.

ENGELS, Frederick, *The Condition of the Working Class in England in 1844*, London, Panther Books, 1972 (1892).

EVANS, Eric, "Englishness and Britishness. National Identities c.1790 – c.1870" in Alexander Grant and Keith J. Stringer (eds.), *Uniting the Kingdom?*, London, Routledge, 1995, pp. 223-243.

FARIA, Luísa Leal de, "Owen e o Socialismo Inglês", *Brotéria. Cultura e Informação*, vol. 102, n.º 5/6, Lisboa, Livraria Apostolado da Imprensa, Maio-Junho, 1976, pp. 532-551.

FORD, Boris (ed.), *The Cambridge Cultural History. Early 20th Century Britain*, vol. 8, Cambridge, C.U.P., 1992 (1989).

GELLNER, Ernest, *Nations and Nationalism. New Perspectives on the Past*, Oxford, Blackwell, 2001 (1983).

....., *Dos Nacionalismos*, trad. Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1998.

GUIBERNAU, Monserrat & GOLDBLATT, David, "Identity and Nation" in Kath Woodward (ed.), *Questioning Identity: Gender, Class, Nation*, London & New York, The Open University Press, 2000, pp. 22-53.

HALL, Stuart, "Introduction: Who Needs Identity" in Stuart Hall and Paul du Gay (eds.), *Questions of Cultural Identities*, London, Sage Publications, 1996, pp. 1-15.

HARRIS, Bernard, "Unemployment and the Dole in Interwar Britain" in Paul Johnson (ed.), *20<sup>th</sup> Century Britain. Economy, Social and Cultural Change*, London & New York, Longman, 1997, pp. 203-220.

- HARRIS, Tim, "Understanding Popular Politics in Restoration Britain" in Alan Houston and Steve Pincus (eds.), *A Nation Transformed. England After the Restoration*, Cambridge, CUP, 2001, pp. 125-153.
- HERMET, Guy, *História das Nações e do Nacionalismo na Europa*, trad. Ana Moura, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- HOBSBAWM, E.J., *A Era das Revoluções 1789-1848*, trad. António Cartaxo, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- ....., *A Questão do Nacionalismo: Nações e Nacionalismos depois de 1780*, trad. Carlos Lains, Lisboa, Terramar, 1998.
- ....., *Industry and Empire*, Harmondsworth, Penguin, 1999.
- HOUSTON, Alan and PINCUS, Steve (eds.), *A Nation Transformed. England After the Restoration*, Cambridge, CUP, 2001.
- HOWARD, Michael, "Europe in the Age of the Two World Wars" in Michael Howard and Wm. Roger Louis (eds.), *The Oxford History of the Twentieth Century*, Oxford, O.U.P, 1998, pp. 103-116.
- HROCH, Miroslav, "From National Movement to the Fully-formed Nation: The Nation - building Process in Europe" in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London and New York, Verso, 1996, pp. 78-97.
- JONES, Edwin, *The English Nation. The Great Myth*, Gloucestershire, Sutton, 1998.
- KRAMNICK, Isaac, "Reflections on Revolution: Definition and Explanation in Recent Scholarship" in *History and Theory*, II, 1972, pp. 26-63.
- KUMAN, Krisham, "The Social and Cultural Setting" in Boris Ford (ed.), *The New Pelican Guide to English Literature*, vol. 8, London, Penguin, 1995, pp. 15-56.

- LANGFORD, Paul, *Englishness Identified. Manners and Characters 1650-1850*, Oxford, OUP, 1998.
- LAYBOURN, Keith, *The Rise of Socialism in Britain. 1881-1951*, Gloucestershire, Sutton, 1997.
- LOWE, Peter, "From Imperial Power to European Partner. Warfare and International Relations: Empire, Commonwealth, Community" in Cristopher Haigh (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 312-320.
- LUKES, Steven, *Individualism*, Oxford, Basil Blackwell, 1985.
- MACKENZIE, John, *Propaganda and Empire*, Manchester, Manchester University Press, 1986.
- MACNAIR, John, *New Leader* in Jeffrey Meyers (ed.), *George Orwell. The Critical Heritage*, London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, pp. 124-127.
- MANDLER, Peter, "Race and Nation in Mid-Victorian Thought", in Stefan Collini *et al.* (eds.), *History, Religion and Culture. British Intellectual History 1750-1950*, Cambridge, CUP, 2000, pp. 224-244.
- MARQUAND, David, "The Liberal Nation", *Prospect*, March 2002, pp. 22-25.
- MCBRIAR, A.M., *Fabian Socialism & English Politics 1884-1918*, Cambridge, CUP, 1966.
- MCKIBBIN, Ross, *Classes and Cultures. England 1918-1951*, Oxford, OUP, 1998.
- PAXMAN, Jeremy, *The English: A Portrait of a People*, Harmondsworth, Penguin, 1999.
- PELLING, Henry, *Origins of the Labour Party 1880-1900*, Oxford, Clarendon Press, 1965.
- PHILIPS, Melanie, "The National Debt", *New Statesman*, May 9, 1997, pp. 30-31.

- Polis. Enciclopédia Verbo*, vol. 4, Lisboa e São Paulo, Editorial Verbo, 1986, pp. 1062-1066.
- RENAN, Ernest, "What is a Nation" in Homi K. Bhabba (ed.), *Nation and Narration*, London & New York, Routledge, 1994, pp. 8-21.
- REYNOLDS, David, *Britannia Overruled. British Policy and World Power in the 20th Century*, London & New York, Longman, 1993.
- RITTER, Harry, *Dictionary of Concepts in History*, Westport, Conn., Greenwood Press, 1986.
- ROBBINS, Keith, "From Imperial Power to European Partner. Overview" in Cristopher Haigh (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 288-292.
- ROBERTSON, David, *Penguin Dictionary of Politics*, London, Penguin, 1993, p. 284.
- SCANNELL, Paddy, "Broadcasting and the Politics of Unemployment 1930-35" in Richard Collins *et al.* (eds.), *Media, Culture and Society. A Critical Reader*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications, 1986, pp. 214-227.
- SHADWELL, Arthur, *The Socialist Movement, 1824-1924*, London, Philip Allan, 1987.
- SHAKESPEARE, William, *King Richard the Second, Complete Works*, Glasgow, HarperCollins, 1994, pp. 478-512.
- SHAW, Roy and Gwen, "The Cultural and Social Setting" in Boris Ford (ed.), *The Cambridge Cultural History. Modern Britain*, vol. 9, Cambridge, C.U.P., 1992 (1988), pp. 3-21.
- SMITH, Anthony D., *Nationalism and Modernism*, London & New York, Routledge, 2001 (1998).

- ....., *Nationalism: Theory, Ideology, History*, Cambridge, Polity Press, 2001.
- SMITH, Malcolm, *Britain and 1940. History, Myth and Popular Memory*, London & New York, Routledge, 2000.
- SOROMENHO MARQUES, Viriato, *Direitos Humanos e Revolução*, Lisboa, Edições Colibri, 1991.
- STAPLETON, Julia, "Political Thought and National Identity in Britain, 1850-1950" in Stefan Collini *et al.* (eds.), *History, Religion and Culture. British Intellectual History 1750-1950*, Cambridge, CUP, 2000, pp. 245-269.
- STORRY, Mike & CHILDS, Peter, *British Cultural Identities*, London & New York, Routledge, 1996.
- SUPPLE, Barry, "From Imperial Power to European Partner. The Economy: Adjustment, Affluence, Decline" in Christopher Haigh, (ed.), *The Cambridge Encyclopedia of Great Britain and Ireland*, Cambridge, CUP, 1985, pp. 321-326.
- TAWNEY, R.H., *Religion and the Rise of Capitalism*, Harmondsworth, Penguin, 1990 (1922).
- THEIMER, Walter, *História das Ideias Políticas*, trad. Dinora Freitas e Sampaio Godinho, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.
- THIESSE, Anne Marie, *A Criação das Identidades Nacionais*, trad. Sandra Silva, Lisboa, Temas e Debates, 2000.
- THOLFSEN, Trygve, *Working Class Radicalism in Mid-Victorian England*, New York, Columbia University Press, 1979.
- THOMPSON, Dorothy, *The Chartists. Popular Politics in the Industrial Revolution*, New York, Pantheon Books, 1984.

- THOMSON, David, *The Pelican History of England. England in the Nineteenth Century*, vol. 8, Harmondsworth, Penguin, 1950.
- THOMSON, Oliver, *História da Propaganda*, trad. Maria José Figueiredo, Lisboa, Temas & Debates, 2000.
- TILLY, Charles, *As Revoluções Europeias 1492-1992*, trad. Eduardo Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- VERDERY, Katherine, “Whither Nation and Nationalism?” in Gopal Balakrishnan (ed.), *Mapping the Nation*, London and New York, Verso, 1996, pp. 226-234.
- WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- WILLIAMS, Keith, *British Writers and the Media, 1930-45*, London, Macmillan, 1996.
- WILLIAMS, Raymond, *Culture and Society*, London, The Hogarth Press, 1982 (1958).
- ....., “Culture is Ordinary” (1958) in John McIlroy, and Sally Westwood (eds.), *Border Country: Raymond Williams in Adult Education*, Leicester, National Institute for Adult Continuing Education, 1993, pp.82-102.
- ....., “The Idea of a Common Culture”(1968) in Robin Gable (ed.) *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*, London & New York, Verso, 1989, pp. 32-38.
- ....., *The Long Revolution*, Hetfordshire & Ontario, Broadview Press, 2001 (1961).
- YOUNG, John, *Britain and the World in the Twentieth Century*, London, Arnold, 1997.

**OUTRAS FONTES:**

**(Bibliografia retirada da Internet)**

ASH, Timothy Garton, "The Complete Works of George Orwell", *The New York Review of Books*, October 22, 1998 in <file:///A:\Orwell%20Themes.htm>

....., "Orwell for Our Time", *The Guardian*, May 5, 2001 in <http://books.guardian.co.uk/department/politicsphilosophy>

....., "Two Flags, One Muddle", *The Guardian*, June 13, 2002 in <http://www.guardian.co.uk/Archive/Article/>

MARKS, Peter, "Where he Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell", *Twentieth Century Literature*, Winter 1995 in <file:///A:\The Chestnut Tree Café Recent Essays.htm>

PEARCE, Robert, "Orwell Now", *History Today*, October 1997 in [http://www.findarticles.com/cf\\_o/m1373/n10\\_v47/19847151/p1/article.jhtml](http://www.findarticles.com/cf_o/m1373/n10_v47/19847151/p1/article.jhtml)